



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO/FACULDADE DE DIREITO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, JUSTIÇA E  
CIDADANIA**

**ROSEMUNDA SOUZA BARRETO VALENTE**

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES ENVOLVIDAS NO  
MERCADO DE DROGAS**

Salvador, BA

2022

**ROSEMUNDA SOUZA BARRETO VALENTE**

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES ENVOLVIDAS NO  
MERCADO DE DROGAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania da Escola de Administração/Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestra em Segurança Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Odilza Lines de Almeida

Salvador, BA

2022

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V154 Valente, Rosemunda Souza Barreto  
Trajetórias de mulheres envolvidas no mercado de drogas / por  
Rosemunda Souza Barreto Valente. – 2022.  
141 f. : il.,

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odilza Lines de Almeida.  
Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal da Bahia,  
Faculdade de Direito; Universidade Federal da Bahia – Escola de  
Administração, Salvador, 2022.

1. Prisioneiras. 2. Tráfico de drogas. 3. Tráfico de drogas – mulheres -  
Bahia. 4. Estigmatização - mulheres. I. Almeida, Odilza Lines de. II.  
Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Direito. III. Universidade  
Federal da Bahia – Escola de Administração. IV. Título.

CDD – 345.0277

**ROSEMUNDA SOUZA BARRETO VALENTE**

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES ENVOLVIDAS NO  
MERCADO DE DROGAS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestra em Segurança Pública, Justiça e Cidadania, da Escola de Administração/Faculdade de Direito, da Universidade Federal da Bahia, na Área de Concentração: Segurança Pública, Linha de Pesquisa: Criminalidade e Vitimização, aprovada em 09 de dezembro de 2022.

**Banca Examinadora**

---

Odilza Lines de Almeida – Orientadora  
Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia

---

Paulo César Pontes Fraga  
Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo

---

Claudia Moraes Trindade  
Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia

À minhas filhas, Julia, Amanda e Maria Antônia, como forma de externar que é preciso ter coragem, determinação, foco e muita força de vontade. Ser mulher não é fácil, nunca foi. Espero que, com nossos esforços, amanhã, para elas, seja melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por serem meu exemplo de amor e fidelidade.

Ao meu marido, Luciano Valente, maior incentivador deste Mestrado.

Ao Tribunal de Justiça da Bahia, por ter aberto esta porta de acesso ao Mestrado da nossa valorosa UFBA.

À minha orientadora, Profa. Dra. Odilza Lines, pelo tempo a mim dedicado, incentivando-me e corrigindo-me sempre que necessário.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

“Achar-se situada à margem do mundo não é posição favorável para quem quer recriá-lo.”

Simone de Beauvoir

VALENTE, Rosemunda Souza Barreto. **TRAJETÓRIAS DE MULHERES ENVOLVIDAS NO MERCADO DE DROGAS**. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania). Escola de Administração/Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## RESUMO

É incontroverso que a população carcerária feminina tem aumentado nos últimos anos no Brasil. A superlotação e a insalubridade são endêmicas no sistema prisional brasileiro, em face de ambos os sexos. Em números absolutos, a quantidade de homens aprisionados é maior. Contudo, o percentual de encarceramento de mulheres aumentou nos últimos anos. Este trabalho tem por objetivo abordar os fatores que têm contribuído para a ocorrência deste fenômeno no Brasil, com especial ênfase à Bahia. Com esse desígnio, verificamos, dentre os achados, como a seletividade do sistema penal, assim como a interseccionalidade, no que diz respeito a gênero, raça e condição social, estão imantadas no processo de aprisionamento feminino, com efeito deletério na vida das internas e de suas famílias, na medida em que o sistema prisional tende a perpetuar formas de opressão historicamente suportadas pelas mulheres, as estigmatizando, mas estas seguem resistindo. A metodologia baseou-se em pesquisa de campo focada em trajetórias de vida de internas do sistema prisional da Bahia, através de pesquisa qualitativa e entrevistas abertas, num esforço de afastamento do paradigma masculino, para melhor enxergar a performance feminina na seara criminal, especialmente no tráfico de drogas, sem pretensão de exaltar o crime, mas com olhar especial para o protagonismo das mulheres, afastando-se da ideia preconcebida de submissão ao masculino. Nessa toada, reafirmamos a importância de analisarmos fenômenos sociais através de uma "lente de gênero", para chegarmos à compreensão de como se dá sua influência na criminalidade. Assim, foram abordadas especificidades dos crimes de tráfico de drogas cometidos por pessoas do sexo feminino, com pesquisa alicerçada na Criminologia Crítica, que busca explicar porque mulheres pobres, em sua maioria, compõem a carceragem feminina. Também a Criminologia Ambiental servirá de marco teórico, sobretudo as Teorias da Escolha Racional e das Atividades Rotineiras, através das quais concluímos que o meio ambiente e as rotinas a que são submetidas as mulheres,

diferenciadas das masculinas, em função de questões históricas, contribuem para “oportunidades criminosas” também diferentes, de forma que a “opção” pelo tráfico de drogas se deve a uma escolha racional, bem como a uma maneira de resistir, mesmo que não conscientemente, às formas de opressão a que as mulheres são submetidas. Contudo, nesse esforço, estas mulheres traficantes acabam por reproduzir os exemplos masculinos de opressão.

**Palavras-chave:** Gênero; Protagonismo; Estigma; Interseccionalidade.

VALENTE, Rosemunda Souza Barreto. **TRAJECTORIES OF WOMEN INVOLVED IN THE DRUG MARKET**. 143 f. 2022. Dissertation (Master Degree of Public Security, Justice and Citizenship). Escola de Administração/Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## **ABSTRACT**

It is undisputed that the female prison population has increased in recent years in Brazil. Overcrowding and insalubrity are endemic in the Brazilian prison system, in the face of both sexes. In absolute numbers, the number of men imprisoned is greater. However, the percentage of incarceration of women has increased in recent years. This work aims to address the factors that have contributed to the occurrence of this phenomenon in recent years in Brazil, with special emphasis on Bahia. With this aim, we verified, among the findings, how the selectivity of the penal system, as well as intersectionality, with regard to gender, race and social condition, are magnetized in the process of female imprisonment, with a deleterious effect on the lives of inmates and women. of their families, as the prison system tends to perpetuate forms of oppression historically supported by women, stigmatizing them, but they continue to resist. The methodology was based on field research focused on life trajectories of inmates of the prison system in Bahia, through qualitative research and open interviews, in an effort to move away from the male paradigm, to better see female performance in the criminal field, especially in the drug trafficking, with no intention of exalting crime, but with a special focus on the role of women, moving away from the preconceived idea of submission to the masculine. In this vein, we reaffirm the importance of analyzing social phenomena through a "gender lens", to understand how their influence on crime occurs. Thus, specificities of drug trafficking crimes committed by females were addressed, with research based on Critical Criminology, which seeks to explain why poor women, for the most part, make up the female incarceration. Environmental Criminology will also serve as a theoretical framework, especially the Theories of Rational Choice and Routine Activities, through which we conclude that the environment and The routines to which women are subjected, differentiated from those of men, due to historical issues, contribute to "criminal opportunities" that are also different, so that the "option" for drug trafficking is due to a rational choice, as well as thus a way of resisting, even if not consciously,

the forms of oppression to which women are subjected. these women traffickers end up reproducing male examples of oppression.

**Keywords:** Gender; Protagonism; Stigma; Intersectionality.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. PERCURSO METODOLÓGICO: Caminho da pesquisa.....	17
2.1. OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	17
2.2. MATERIAIS E MÉTODOS. A ESCOLHA DO TEMA .....	18
2.3. DADOS SÓCIOS DEMOGRÁFICOS .....	20
3. ESCOPO TEÓRICO E EMPÍRICO: referenciais, pesquisas e discussões sobre mulher, gênero, criminalidade e estigma .....	22
3.1. Estudos sobre o envolvimento da mulher no tráfico de drogas .....	22
3.2. CRIMINOLOGIA RADICAL OU CRÍTICA.....	42
3.3. CRIMINOLOGIA AMBIENTAL.....	44
3.3.1. Teoria da escolha racional.....	45
3.3.2. Teoria das atividades rotineiras .....	47
3.4. O PROIBICIONISMO E SEU IMPACTO NO ENCARCERAMENTO FEMININO 49	
3.5. RESISTÊNCIA .....	54
3.6 RESISTÊNCIA “FEMININA” NO COMETIMENTO DE CRIMES? .....	56
4. DIMENSÕES DO CAMPO DE PESQUISA: processos e dinâmicas que atravessam o envolvimento da mulher no tráfico de drogas.....	61
4.1. GÊNERO.....	61
4.2. VIOLÊNCIAS SOFRIDAS E PRATICADAS POR MULHERES NO COMETIMENTO DE TRÁFICO DE DROGAS.....	66
4.3. MOTIVAÇÃO.....	70
4.4.. ESTIGMA.....	74
5. CONCLUSÃO .....	78
6. REFERÊNCIAS .....	82
APÊNDICE .....	89
APÊNDICE A – RELATOS PESSOAIS/HISTÓRIAS DE VIDA .....	90

## 1 INTRODUÇÃO

Com a pretensão de refletir sobre temas relacionados ao crime e ao gênero feminino, tendo em vista o aumento da participação de mulheres no tráfico de drogas no Brasil, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de trajetórias de vida de internas do sistema prisional, em especial na Bahia. Considerando-se que muitas pesquisas e discursos em torno do tema partem de olhares estereotipados, tentamos aqui nos despir de ideias preconcebidas, o que não se afigura tarefa fácil, levando-se em conta o cotidiano forense e a literatura até então produzida acerca do tema.

Muitas pesquisas que envolvem o feminino estão “subordinadas” ao estudo masculino. Assim, há uma tendência a encarar a criminalidade da mulher como uma espécie de desvio de comportamento, o que conduz ao silenciamento das reais performances femininas no tráfico de drogas, reduzidas a posições marginais e secundárias.

Não se pretende aqui, todavia, exaltar o crime praticado por mulheres, muito menos negar os mais variados níveis de violências de gênero sofridas por elas. Mas é preciso descortinar a invisibilidade do protagonismo de muitas mulheres, afastando-se o vício de associar feminilidade à passividade. Busca-se enxergar os fatos como verdadeiramente são, afastando-se a concepção de subalternização feminina. Assim, vamos dialogar com o gênero feminino analisando empiricamente sua participação no mundo do crime, refletindo seus discursos e buscando entender seus conflitos.

Com todas essas nuances em mente, julgamos importante analisarmos fenômenos sociais através de uma “lente de gênero”, para compreendermos como se dá sua influência na criminalidade. Nessa abordagem, a criminologia também se valerá dessa ótica, tangenciando não só o aspecto biológico relacionado, mas também questões psicológicas, sociais e históricas da mulher criminosa.

O cerne do estudo está associado à experiência feminina, buscando entender como as mulheres vivem o crime, seus sofrimentos e protagonismos. Com esse paradigma, será necessário rever conceitos relacionados à Teoria das Atividades Rotineiras, desenvolvida em 1979 por Lawrence E. Cohen e Marcus Felson, umas das quatro teorias no âmbito da Criminologia Ambiental. Também dedicaremos

especial atenção à Teoria da Escolha Racional. Antes, porém, abordaremos a Criminologia Crítica.

Trata-se de um esforço para melhor entendimento das estatísticas, isso porque essas teorias nos apontam que fatores como educação, socialização, oportunidade e motivação são variáveis que impulsionam de formas diferentes o cometimento de delitos, daí porque não podemos desconsiderar que o meio ambiente e as rotinas a que são submetidas as mulheres, que se diferem das masculinas, em função de questões históricas, que também serão tangenciadas, contribuem para “oportunidades criminosas” também diferentes.

Esclarecido nosso ponto de partida, não podemos deixar de justificar e explicar a “escolha” do tráfico de drogas como cerne da pesquisa, ao lado do gênero feminino. No Brasil, o crescimento da taxa de encarceramento feminino segue preocupante. De acordo com o INFOPEN, que é um sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, com base em dados gerais do Levantamento de Informações Penitenciárias referentes a 2019, existiam 773.151 pessoas privadas de liberdade, incluindo as delegacias. Segundo os dados de 2021 do mesmo sistema, a população carcerária saltou para 833.176 mil pessoas. Os dados mais atuais são do Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2022), que computou 919.651 presos, segundo dados do Banco Nacional de Monitoramento de Prisões (BNMP). Durante a pandemia da Covid-19, que impulsionou a fome e o desemprego no país, o número de pessoas presas aumentou.

No *ranking* dos 12 países que mais segregam a liberdade feminina, o Brasil se encontra na quarta posição mundial, seguindo Estados Unidos, China e Rússia, em relação ao tamanho absoluto de sua população prisional feminina, segundo o INFOPEN MULHERES (2018). Em relação à taxa de aprisionamento, que indica o número de mulheres presas para cada grupo de 100 mil mulheres, de acordo com a mesma fonte, o Brasil figura na terceira posição entre os países que mais encarceram, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Tailândia.

Em dezembro de 2019, a população prisional feminina era de 36,4 mil pessoas. Enquanto que no início dos anos 2000, contava com menos de 6 mil mulheres encarceradas. De acordo com os dados mais recentes do INFOPEN 2022, verificou-se um aumento do número de mulheres presas em comparação com 2018, quando havia 36,4 mil presas. Já em 2019, registrou-se 37,8 mil internas, rompendo

uma tendência de queda registrada até 2016. De acordo com as estatísticas do Banco Nacional de Mandados de Prisão do Conselho Nacional de Justiça (BNMP/CNJ, 2022), a população carcerária feminina totalizou 48.996 mil mulheres.

Ainda, as pesquisas apontam que 62% das prisões femininas decorrem de acusação de tráfico de drogas (INFOPEN, 2018), o que significa dizer que a cada cinco mulheres que se encontram no sistema prisional, três respondem por crimes ligados ao tráfico. Dessa forma, a população carcerária feminina cresce proporcionalmente mais rápido que a masculina.

Nesse contexto, que, como visto, não é privilégio brasileiro, o aumento do aprisionamento de mulheres se constitui enquanto um problema relevante. Considerando-se esses dados, objetiva-se identificar e compreender os fatores que concorrem para este fenômeno. Por outro lado, como os números apontam para o tráfico de drogas como o delito que mais enseja a privação de liberdade das mulheres, esse viés representou o ponto de partida desta pesquisa. Embora o proibicionismo adotado pela política de drogas pátria não tenha sido o objetivo deste estudo, houve a necessidade de revisitar a evolução histórica desse tema para sua melhor compreensão, já que é um dos fatores que contribuem para o encarceramento feminino.

Inclusive, como magistrada, esse aspecto legal imposto pela política de drogas ganhou relevo e contribuiu sobremaneira na escolha do presente tema. Tratando-se de um Mestrado Profissional, não se pode perder de vista a interseção existente entre o proibicionismo, moldado pela guerra às drogas, e as causas e efeitos do aprisionamento feminino.

Ao longo de anos desempenhando a mesma função, julgando processos relativos ao tráfico de drogas, foi possível perceber que a letra fria da lei não abarca todas as nuances femininas que podem envolver os fatos descritos nas denúncias criminais. Existem lacunas que são preenchidas pelo subjetivismo do julgador, o que se torna, de certa maneira, perigoso, diante dos preconceitos inerentes à natureza humana, dos quais o juiz não está livre. Trata-se de um ponto nevrálgico que reclama intervenção, visando uma melhor distribuição da justiça para que o sistema não reproduza mais uma forma de opressão contra as mulheres, as quais acabam duplamente punidas. Faz-se necessário que estudemos as especificidades que

giram em torno da criminalidade feminina, questionando os argumentos que tentam explicá-la.

É inegável que muitas mulheres se aproximam do tráfico de drogas através de seus maridos, companheiros, namorados. Contudo, há também aquelas que aderem a tal prática por vontade própria, que gostam do poder que adquirem e dos ganhos financeiros auferidos. Ou seja, o universo feminino se afigura diferente também quando o assunto é crime. Por esse motivo, é importante investigar aspectos biológicos e psicológicos, como já anunciamos em linhas pretéritas, bem assim as questões socioculturais e econômicas em que se encontram inseridas nas trajetórias das mulheres apontadas como transgressoras, buscando entender quais são suas motivações, os gatilhos que as empurram para a criminalidade e que tipo de violência estão sofrendo e praticando.

Tais variáveis, seja de protagonismo ou de vitimização, não se mostram claras nos processos judiciais e por isso merecem investigação. O juiz só consegue ter ideia dessas nuances durante os interrogatórios e, ainda assim, tem que valorar o que é dito, porque certamente nem tudo corresponde à verdade. Assim, busca-se entender porque e como se dá o envolvimento feminino na vida do crime, especialmente no tráfico de drogas. É importante o alcance do sentido que este crime tem em suas vidas, não raro já marcadas por violência e exclusão social. Buscou-se entender a perspectiva feminina a partir dos relatos de trajetórias de vida, relação com a família, filhos, companheiros, inclusive intramuros, durante o cumprimento da pena.

Enfim, há complexidade na trajetória criminosa das mulheres, o que, definitivamente, não é abarcada pela lei. Por outro lado, as mulheres podem ser vítimas, mas não são passivas sempre. O conceito de gênero necessita ser enfrentado, uma vez que as trajetórias, oportunidades de vida e inserção no meio social diferem entre homens e mulheres.

Todavia, não há pretensão de trazer ideias novas, mas tão somente entender a motivação absconsa do crescente envolvimento de mulheres no tráfico de drogas. Verificamos um liame entre mulher-desemprego e tráfico de drogas, que deixam marcas indeléveis.

Seria necessária uma legislação que tenha um olhar diferenciado para as mulheres? Será que as determinações relacionadas às especificidades femininas

são efetivamente cumpridas? A perspectiva de gênero poderia ser incorporada à Lei de Drogas? Muitas questões merecem respostas.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHOS DA PESQUISA**

### **2.1 Objetivo geral e objetivos específicos**

Tendo como objetivo geral a pretensão de compreender o processo e as dinâmicas de envolvimento da mulher no mercado de drogas, a partir das histórias de vida de internas do sistema prisional da Bahia, foram realizadas entrevistas abertas com seis participantes com declarado envolvimento com o tráfico de drogas. Todas as entrevistadas sofreram condenação e estavam cumprindo pena por este delito.

A escolha de um número reduzido de participantes deveu-se à necessidade de facilitar a análise qualitativa dos discursos para alcançarmos os objetivos específicos relacionados a aspectos da vida das participantes, que envolviam situações de trabalho, familiares e relações afetivas. Partindo das dinâmicas sociais em que se inseriam essas mulheres, buscamos identificar quais seriam suas motivações para ingressar em atividades criminosas. Nesse percurso, identificamos violências sofridas e praticadas por essas mulheres e como se sentiam frente a seus familiares e parceiros do crime, explicitando suas percepções acerca de suas realidades.

A análise desses discursos aponta como as entrevistadas justificaram a entrada e permanência no tráfico de drogas. Assim, as histórias de cada participante e suas estratégias de sobrevivência constituem o cerne desta pesquisa, que buscou identificar traços de protagonismo e intencionalidade em suas escolhas pessoais, embora marcadas pela realidade socioeconômica em que se encontram.

Enfim, tentamos captar especificidades femininas na prática do tráfico de drogas, que resulta não só de escolhas pessoais, mas também do reflexo de uma interseccionalidade de fatores, como raça, gênero e capacidade econômica. Para tanto, trechos das falas foram reproduzidos como ferramentas capazes de demonstrar o protagonismo e a trajetória de vida das entrevistadas.

## 2.2 Materiais e métodos: a escolha do tema

Como já explicitado, este trabalho de pesquisa valeu-se de entrevistas abertas com mulheres encarceradas por tráfico de drogas e esse foi basicamente o critério de escolha das participantes: ter exercido alguma função relacionada ao tráfico de drogas, ainda que por pouco tempo. Foram entrevistadas seis mulheres, quatro se encontravam detidas no Presídio Feminino de Salvador, as demais na unidade prisional de Jequié, ambos na Bahia. A escolha recaiu sobre aquelas internas que admitiram a prática do tráfico de drogas e, inclusive, demonstraram protagonismo em suas ações, um gosto pela atividade desempenhada.

No dois espaços físicos a aproximação não foi tarefa fácil, considerando-se que a pesquisadora em questão é magistrada, pois é difícil o distanciamento datoga, tanto para a entrevistadora quanto para as entrevistadas. Evidentemente que o cargo no Poder Judiciário facilitou o contato com os Diretores dos presídios e abriu as portas físicas dos estabelecimentos. Mas, na prática, gerava receio nas entrevistadas, dificultando a formação de laços de confiança. Isso porque, de início, quem contactava as internas, sondando sobre o interesse em colaborar com a pesquisa, eram os Agentes Penitenciários, por orientação dos Diretores. Buscamos internas que confessaram a prática delitiva e os Agentes envolvidos foram apontados como os melhores conhecedores do perfil das internas.

Assim, quando as voluntárias chegavam para as entrevistas, a pesquisadora, de logo, era apresentada pelos Agentes como “a Juíza”. Isso reforçava o medo e o distanciamento, nada recomendáveis para o que pretendíamos fazer. Na tentativa de neutralizar esse desconforto, era ressaltado que não estava ali uma magistrada, mas sim uma pesquisadora da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, a confidencialidade das informações e da identificação, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No entanto, todo esse processo foi desafiador. Apesar dos esforços, percebia-se que algumas entrevistadas esperavam algo da entrevistadora/juíza, como, por exemplo, uma transferência de unidade prisional. Ainda assim, aproximamo-nos, derrubando barreiras. Entendemos que a qualidade da pesquisa depende da qualidade do vínculo entre o pesquisador e o sujeito. Embora o relato não corresponda exatamente ao real, o que importa é o sentido dado ao real pelo sujeito,

porque nesse momento a entrevistada podia falar do seu contexto, suas experiências, a conjuntura social em que se encontrava inserida, sua cultura, seus valores.

É importante pontuar, entretanto, que esse vínculo não prejudica e nem torna a pesquisa menos científica. Na verdade, trata-se de um envolvimento inevitável que impõe que o pesquisador transcenda e filtre as informações colhidas, e nesse sentido nos esforçamos. O acesso do pesquisador ao campo nunca é neutro, sempre existirá um vínculo com alguma instituição, alguém terá que “abrir as portas”. É normal que pesquisadores e sujeitos de pesquisa transitem por mundos diferentes, mas tentamos trilhar, juntas, o caminho da descoberta.

Como magistrada de carreira desde 1996, já havia visitado presídios em várias outras oportunidades no exercício do *munus* judicante. Mas agora era diferente o olhar, o interesse e o envolvimento. Outros ângulos do mundo intramurosteriam que ser enxergados, inclusive os problemas vivenciados pelas internas, a percepção delas e seus significados. De imediato, e não diferentemente de outras vezes, percebia-se que o ambiente físico era menos insalubre que os espaços de custódia masculina, caracterizado por um maior cuidado com a limpeza e o asseio, facilmente observáveis. Apesar disso, ao final das entrevistas não havia como não se contaminar com um pouco de melancolia. As histórias de vida meio que se repetiam. As internas demonstram ter pouca esperança de efetiva mudança de vida ou de concretização da pretensa “ressocialização”.

Em Jequié, os encontros foram remotos, não só pela distância física de Salvador, de aproximadamente 360 km, mas, sobretudo, em função do isolamento imposto pela pandemia da Covid-19.

As narrativas obtidas nos encontros presenciais ou remotos foram gravadas, após consentimento expresso, e depois foram transcritas. Em seguida, passaram por análise de conteúdo. Os dados obtidos foram categorizados e analisados à luz da literatura. Em primeiro lugar, buscamos encontrar o link entre a trajetória individual e a trajetória social.

Buscamos narrativas sobre elementos familiares, econômicos, sociais, vida afetiva e amorosa, para identificar o perfil das mulheres, entender o significado do tráfico para elas, suas motivações, a vida antes e depois do envolvimento com o tráfico e como se deu a inserção nesse tipo de comércio.

Impossível não notar que a maioria das entrevistadas integra uma população vulnerável, com histórias de vida relacionadas à violência doméstica, pouca escolaridade e dificuldades financeiras. As entrevistadas não se mostraram à vontade para falar da rotina no cárcere. Nitidamente, escamotearam os tipos de relações travadas nas celas. Pareceriam ter medo de falar e sofrer algum tipo de represália da administração ou de companheiras de pátio.

O Presídio Feminino de Salvador prevê abrigo para 132 presas, mas tem 108 internas, das quais 23 estão privadas de liberdade em razão do tráfico de drogas. A unidade conta com 64 celas coletivas, com capacidade para duas pessoas cada. Tem quatro salas profissionalizantes, sendo uma padaria e doceria, onde trabalham três internas remuneradas. Tem também duas salas de aula, um salão de beleza e uma sala de costura. Já a unidade de Jequié tem abrigo para 48 presas, mas tem 22 internas. A unidade conta com 14 celas, uma sala de aula e duas salas para atividades laborativas. Esses dados são de maio de 2022, fornecidos pelas direções das unidades em questão.

As entrevistas foram realizadas entre outubro de 2020 e março de 2022. Cada uma durou, em média, de 30 a 50 minutos. A todas foram explicadas as informações constantes do termo de consentimento que assinaram para garantir o anonimato, baseado e reproduzindo o exemplo do trabalho de Moura (2006), foi solicitado que cada uma delas escolhesse o nome de uma flor como pseudônimo.

### **2.3 Dados sociodemográficos**

As entrevistas não se basearam em questionários. Tínhamos a pretensão de analisar as histórias de vida das internas, conforme já mencionado. Na prática, ocorreram entrevistas abertas, como se vê no Apêndice A. Assim, não foram realizadas perguntas direcionadas à identificação de seus aspectos sociodemográficos.

Contudo, buscamos essas informações nos registros das unidades prisionais, através dos seus diretores. No quadro abaixo, colocamos um resumo simplificado acerca da etnia, escolaridade e idade das nossas entrevistadas. Esses breves dados são importantes na categorização realizada a partir da bibliografia que alicerçamos achados. Vejamos:

Quadro 1 – Dados das entrevistadas

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Grau de instrução</b>
Orquídea	29 anos	Parda	Ensino médio incompleto
Rosa	29 anos	Parda	Ensino médio incompleto
Margarida	30 anos	Parda	Ensino médio incompleto
Azalea	26 anos	Negra	Ensino fundamental incompleto
Violeta	29 anos	Parda	Ensino fundamental incompleto
Hortência	24 anos	Parda	Ensino fundamental incompleto

Fonte: Dados da pesquisa (2020-2022).

### **3 ESCOPO TEÓRICO E EMPÍRICO: REFERENCIAIS, PESQUISAS E DISCUSSÕES SOBRE MULHER, GÊNERO, CRIMINALIDADE E ESTIGMA**

#### **3.1 Estudos sobre o envolvimento da mulher no tráfico de drogas**

Como vimos, as estatísticas demonstram que a maior parte dos internos do sistema prisional brasileiro responde a processos ou sofreu condenação por tráfico de drogas. Segundo dados mais recentes do INFOPEN (2021), a maioria das mulheres está privada da liberdade por acusação de tráfico de drogas: 18.437 pessoas. As mulheres presas por crimes contra o patrimônio somam 7.179 e 3.526 por crime contra pessoa.

Infelizmente, para passar a integrar esse universo prisional feminino, constata-se que a desigualdade de gênero, que é marcante em nossa sociedade patriarcal e androcêntrica, é um dos fatores determinantes. Mesmo hodiernamente, as mulheres sofrem discriminação constante em face do gênero. Há maior dificuldade em acessar o mercado de trabalho formal, como consequência, aceitam tarefas menos prestigiadas pelos homens e costumam receber remuneração mais baixa.

Frequentemente, as mulheres são chefes de família. Criam filhos em carreira solo, dada a ausência paterna. Assim, amiúde, o tráfico de drogas se constitui como alternativa de renda, mas o mesmo não acontece em relação a outros crimes, como, por exemplo, os crimes contra o patrimônio. Veremos, a seguir, como se posiciona a literatura nacional sobre o tema.

Em linhas gerais, Barcinski (2009) aponta que a população carcerária feminina basicamente é composta por mulheres negras ou pardas, de baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade formal e desempregadas. Na sua maioria, elas fazem o transporte de drogas, funcionando como “mulas”<sup>1</sup>. Também se dedicam ao preparo e embalagens de drogas, são o “vapor”. Assim, cumpre pontuar que, a exemplo do mercado de trabalho formal, também no mundo do crime, muitas vezes, às mulheres são reservadas tarefas “menores”. É raro noticiar-se que a mulher seja líder de facções criminosas, em geral, elas agem como coadjuvantes, enquanto o

---

<sup>1</sup> Nome dado a pessoas que transportam droga em seu corpo, que em casos extremos pode ser através de orifícios ou por meio de ingestão, quando o material é encapsulado ou empacotado, embrulhado com plástico.

protagonista costuma ser o homem. Tal fato acontece porque as mulheres têm mais chances de passar despercebidas, sendo usadas para despistar atividades criminosas. Ainda de acordo com Barcinski (2009), em vários artigos que abordam e orientam acerca deste tema, há, em menor escala, um segmento de mulheres que se envolve no tráfico de drogas em face do poder experimentado, dada a proximidade e alinhamento com os homens.

Em um estudo relacionado ao protagonismo/submissão feminina na prática do tráfico de drogas, ao abordar a vitimização de mulheres, Barcinski (2013, p. x) utiliza o termo *Marianismo*, que “fundamenta-se no ideal de mulher caracterizado pelo sofrimento, sacrifício e abnegação”, confirmando o principal papel feminino de cuidar da casa e da família. Para a pesquisadora, nisso há ambivalência, na medida em que a vitimização da mulher, o sofrimento e a subordinação ao masculino também a empodera. Há uma relação dialética, conclui, a princípio.

Em muitos casos, a iniciação das mulheres no tráfico de drogas se dá por influência masculina, e assim a atividade criminosa feminina decorre de vínculos afetivos. A mulher é vítima, incapaz de perpetrar violência. A mulher é doce, o homem, o vilão que a corrompe. Esta é a principal retórica defendida e que contribui para minimizar a questão, fazendo-a parecer menos grave. Mas apesar disso, continua Barcinski (2013, p. x), ao tratar de “formas alternativas de exercício do poder feminino”, não há como negar que também existe um protagonismo feminino. Ainda que de forma desigual, as mulheres também exercem poder, tirando “vantagem” da passividade e vitimização. A autora reafirma que muitas mulheres gostam do poder que experimentam em relação a outras mulheres, exercendo um poder que socialmente é conferido ao homem, saindo de uma condição de invisibilidade, ao tempo que fortalecem o ambiente machista e misógino em que se encontram. Com essa pretensão de visibilidade social, mulheres jovens, de camadas sociais baixas, optam pelo tráfico de drogas como forma de pertencimento a um grupo.

A falta de oportunidades de sobrevivência econômica, através de inserção em um trabalho formal, aliada à necessidade de sustentar filhos, também são apontadas pela autora como causas que conduzem as mulheres ao tráfico de drogas, encarado, assim, como uma fonte de renda.

Dessa forma, protagonismo e vitimização permeiam o tráfico de drogas praticado por mulheres. Em um momento a mulher é a sombra masculina, que realiza tarefas com maior risco de ocasionar prisão em flagrante, mas que tem poder, respeito e *status* do homem com quem se associa, torna-se “mulher de bandido”. Ao mesmo tempo, não pode abandoná-lo, ela tem que ser fiel, garantindo-lhe visitas se ele for preso, suportando infidelidade, agressões físicas e psicológicas perpetradas por esse homem. Noutra instância, repete-se, vale-se do breve poder masculino que exerce para oprimir outras mulheres. E, entre essas duas situações, ainda há gatilhos que a impulsionam para a vida do crime: psicológico, social e econômico. A mulher pode se envolver emocionalmente com um traficante e daí passar a praticar atos que correspondem ao crime de tráfico de drogas, como guardar drogas em casa e/ou transportá-la de um ponto a outro.

Do ponto de vista socioeconômico, muitas dessas mulheres, mães solteiras, negras, sem ocupação lícita regular, veem no tráfico de drogas a única forma de sobrevivência própria e de seus familiares. Evidentemente, há aí uma espécie de determinismo social, que coloca a exclusão social e a pobreza como causas da criminalidade, um estigma. Mulher pobre, negra, sem educação formal é criminosa, estigmatizada e invisível do ponto de vista social. Dessa forma, a inserção no tráfico de drogas também empodera essas mulheres, as distanciando das outras mulheres.

Barcinski (2009) escreveu muito sobre o tema, e também pontua que é voz corrente entre as mulheres a alegação de que entram ou abandonam o tráfico de drogas por influência negativa ou positiva de homens – bandidos ou trabalhadores – que lhes dão um norte.

Costa (2007) também demonstra que as mulheres com funções prestigiadas e lucrativas tiveram ascendência marcada por subordinação e obediência aos homens. Aponta para a ocorrência do fenômeno denominado “amor bandido”, resultado das teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas e, nesse sentido, as mulheres não incidem nessa conduta em troca de vantagem financeira. Aliás, abrimos um parêntese para pontuar que muitos autores que compõem a bibliografia visitada assinalam que as mulheres desempenham no tráfico de drogas funções antes consideradas masculinas, isso porque discursos hegemônicos relativos aos papéis de gênero costumam rotular o homem como violento e a mulher

como dócil, e por força do androcentrismo, o masculino é sempre o paradigma (LEMES; SOARES, 2018).

O estado da arte também indica que o aumento na taxa de aprisionamento feminino representa alto custo financeiro e social, demandando a adoção de políticas públicas, uma vez que corresponde a mais uma forma de opressão à mulher. Contudo, o que tem se verificado é o que se denomina de “feminização da pobreza”, termo utilizado pela socióloga americana Diane Pearce (1978). A pobreza é um dos marcadores sociais que conduz à seletividade do sistema penal. Há uma interface entre pobreza e gênero e, nesse sentido, a desvantagem socioeconômica e de gênero interagem como causa de maior vulnerabilidade para as mulheres.

Da bibliografia também emana que, de acordo com a Criminologia Crítica, associam-se discriminação de gênero, raça e classe desde a abordagem policial, iniciando um processo de criminalização de certa parcela da sociedade. Esse processo resulta numa população carcerária, inclusive, a feminina, composta por pobres, negros e jovens, como consequência óbvia. Assim, somente uma visão baseada na interseccionalidade oferece uma compreensão completa do encarceramento em massa, como apontam Pires, Monteiro e Liberato (2018). Na prática, segundo essas autoras, diferentes formas de discriminação interagem conduzindo determinadas pessoas para as prisões. Essa seleção, no que se refere às mulheres, tem critérios semelhantes aos que se aplicam aos homens: classe social e cor. Por essa razão, na visão da Criminologia Crítica, o sistema criminal se constitui numa ferramenta para manter o poder da classe dominante, rica e branca. Há um discurso acerca da criminalidade que é produzido pela classe dominante. Seguindo essa linha, por exemplo, a mulher branca que transgride a lei tende a ser considerada louca e não criminosa. Frisa-se que a baixa escolaridade também é um fator registrado entre as encarceradas. Dada a importância da Criminologia Crítica para este tema e a sua recorrente referência pelos autores visitados, dedicaremos, mais adiante, uma seção específica para sua abordagem.

Continuando, a maioria dos estudos em torno do tema mulheres e tráfico de drogas aponta que vários são os fatores que contribuem para o encarceramento feminino, que passa por questões psicológicas, socioculturais e econômicas, alcançando o mercado de trabalho, as relações interpessoais e familiares. Defende-se que há um machismo estrutural que alcança o mundo da criminalidade também.

Assim, quando falamos em mulheres traficantes, como pontua Lima (2015), há uma “tripla sentença”: 1) mulheres não costumam ter a mesma forma de participação no tráfico de drogas, quando comparadas aos homens. São consideradas descartáveis, daí porque desempenham funções com maior risco à saúde ou de flagrante delito. O seu envolvimento é permeado da influência de seus parceiros; 2) No processo de apreensão há sérios riscos de violência de gênero, que se concretizam através de ofensas e favores sexuais e; 3) Quando encarceradas, o sistema não apresenta estrutura adequada ao sexo feminino e não garante direitos básicos às mulheres. A maioria delas é abandonada por parceiros e familiares, fica estigmatizada por se desviar do comportamento social e “Mariano”, de cuidar dos filhos e da casa, o que dificulta sua reinserção no mercado de trabalho formal após o cumprimento da pena.

Segundo Dolce (2019), no quesito filhos, as mulheres são duplamente punidas. As decisões que mantêm suas prisões são carregadas de juízos morais, preconceitos dos julgadores. Mães encarceradas têm sua maternidade questionada, sua presença na vida dos filhos é apontada como prejudicial e, além disso, seus filhos estariam em melhores condições sem elas. A autora defende que o Poder Judiciário, apesar das mudanças, ainda é conservador. Há uma cultura punitiva e, mesmo que a perda da guarda dos filhos não seja uma consequência legal da condenação, na prática, muitas mulheres veem seus filhos serem encaminhados à adoção, sem muita chance de evitar esse desfecho.

Mais uma autora, valendo-se da Criminologia Crítica e também da Criminologia Feminista, Cortina (2015) ressalta que as prisões continuam sendo mecanismos de controle de pessoas pobres. Diante da impossibilidade de punir todos os crimes, alguns são apontados como prioridade, com base em um perfil de pessoas com maior probabilidade de punição: a população que se encontra na marginalidade social. Citando Baratta (2002), a autora ressalta que serão punidos os crimes que mais afetam os interesses da classe dominante, afrouxando-se para outros tipos de criminalidade, onde a regra será a impunidade. Dentre os crimes eleitos estão roubo, furto e tráfico de drogas. Transportando esse entendimento para a ótica de gênero, Cortina (2015) ressalta que as mulheres ingressam no tráfico de drogas em face da dificuldade que enfrentam para sustentar filhos e se inserir no

mercado de trabalho. Assim, a mulher traficante seria um efeito da “feminização da pobreza”, expressão traduzida em mulheres pobres, de baixa escolaridade e jovens.

Tendo como recorte espacial a Penitenciária Feminina do Ceará: Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, Moura (2006) pontua que, do contato com as mulheres entrevistadas, aprisionadas por tráfico de drogas, emanava dor. De acordo com a autora, percebia-se que essas mulheres temiam expor seu pensamento por receio de repercutir negativamente nos processos judiciais ou no cotidiano do cárcere. Tratava-se de mulheres com vida pessoal estigmatizada. Em substituição ao nome, as presas foram identificadas por nomes de flores, resultando num “trabalho perfumado”, segundo as próprias entrevistadas.

Desta pesquisa, a primeira hipótese levantada para explicar o envolvimento das mulheres com o tráfico de drogas tem um “viés de transversalidade”, na medida em que aventa que o envolvimento feminino nesta modalidade delitiva se deve à influência dos maridos, companheiros, namorados, havendo, assim, um componente emocional envolvido. Outro gatilho apontado é o desemprego, ou seja, o tráfico de drogas manifesta-se como a forma de sustento dessas mulheres e de suas famílias. Assim, a delinquência feminina estaria sendo gestada nas desigualdades sociais, pois são mulheres com filhos, solteiras e provedoras. O crime chega circunstancialmente em suas vidas, mas, ainda assim, essa mulher é vista socialmente como traficante e perigosa. A autora chama a atenção para o fato de que a legislação penal que trata desta matéria tem visão histórica androcêntrica, de tal modo que “tanto a legislação como a doutrina tem em sua constituição um saber apoiado em teses marcadamente centradas em pressupostos de classe e de gênero, construídos a partir de recortes hierarquizados”. Assim, o “mundo das mulheres é parte do mundo dos homens, criado nele e por ele” (MOURA, 2006, p.x).

Argüello e Muraro (2015) apontam que a política de guerra às drogas encampada no Brasil fortalece as formas de violência experimentadas pelas mulheres, dado que o sistema de justiça é seletivo e atinge mulheres vulneráveis social e economicamente, que, incluídas no sistema punitivo, sofrem a violência institucional com mais intensidade quando são mães. O recorte espacial que usam é Curitiba e região metropolitana, onde entrevistaram internas do sistema prisional acusadas e/ou condenadas por tráfico de drogas. Essas autoras também têm como

marco teórico a Criminologia Crítica e dela se valem para analisar o sistema de justiça criminal.

As autoras entendem que “o que existe é um processo de criminalização o qual atribui o *status* de ‘criminoso’ e ‘criminosa’ aos indivíduos concentrados nos setores subalternos da sociedade [...]” (ARGÜELLO; MURARO, 2015, p. x). Com essa inclinação, são escolhidos pelo sistema os pobres, negros e jovens. Entende-se, todavia, que o sistema de controle informal é o que mais incide em face das mulheres, embora o sistema de justiça incida sobre ambos os sexos. Assim, as mulheres que cometem crimes “masculinos”, como o tráfico de drogas, são vítimas de violência estrutural e de gênero, são submetidas a humilhações na prisão como parte de um castigo por serem mulheres e terem assumido um “papel masculino”, sendo reprimidas mais duramente por não exercerem o papel social esperado.

Na pesquisa de Argüello e Muraro (2015), 37% das entrevistadas admitiram que se envolveram com o tráfico de drogas como meio de sobrevivência. Muitas delas estavam desiludidas, na medida em que não obtiveram o lucro que esperavam, e têm a consciência de “descartabilidade”, uma vez que passaram pelo sistema que as estigmatiza. Relataram que se sentem angustiadas, humilhadas, “umlíxo”. Mas, ainda assim, a maioria das entrevistadas entende que o tráfico de drogas deve continuar sendo criminalizado, reproduzindo o senso comum de que a droga é um mal, tira muitas vidas e destrói as famílias. As autoras, desse modo, entendem ser um paradoxo que as mulheres acreditem que o sistema penal seletivo e opressor é a única solução possível para enfrentar o tráfico de drogas. Então, citando Goffman (2007, p. x), afirmam que a prisão é “uma estufa para moldar gente”. Considerando-se a reflexão de uma das entrevistadas, que afirma que a lei teria que tratar de forma diferente o “dono da boca e quem trabalha”, as autoras concluem que há falta de proporcionalidade na Lei de Drogas na definição das condutas típicas, dando aos policiais poder discricionário para definir quem é traficante e quem é usuário, sendo critérios que refletem a seletividade do sistema, descrita em linhas anteriores. A esperança de mudar de vida, concluem, parece restrita às mulheres que conseguiram manter laços familiares, acreditam que terão suporte da família ao sair da prisão e expressam o desejo de seguir com uma “vida honesta”.

Também com ênfase na inserção da mulher no tráfico de entorpecentes, um grupo de pesquisadores, encabeçado por Duarte *et al.* (2020), entende que essa

temática tem forte relevância e repercussão na área de segurança pública e reflete uma problemática social. Assim, os autores pontuam que é de salutar importância entender o perfil das mulheres, como faixa etária, estado civil e etnia, para melhor compreensão das razões que as inserem no tráfico de drogas. Salientam que, por razões históricas, a mulher foi personificada como mãe e submissa aos parceiros. Assim, todas as formas de violência contra ela, sejam físicas, patrimoniais ou psicológicas, contribuíram para a “construção da vitimização da mulher”. Revelou-se, em segundo plano, a capacidade de a mulher cometer crimes. Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, permeada de desigualdade e violência, começou-se a admitir que a mulher também pode ser protagonista de atos delituosos.

É oportuno ressaltar que este é mais um grupo de estudiosos que ventila que a criminalidade feminina ainda não foi pesquisada satisfatoriamente, posto que o foco da criminologia é o homem. De acordo com o trabalho de Duarte *et al.* (2020), a criminalidade feminina é fruto de violência doméstica, situação socioeconômica pouco privilegiada e baixo grau de escolaridade. Dessa forma, apontam que as mulheres cometem tráfico de drogas em face das dificuldades financeiras que enfrentam. Além disso, seriam influenciadas por terceiros e desinformadas acerca do crime de tráfico de drogas, que representa para elas apenas uma oportunidade de trabalho, não sendo encarado exatamente como crime.

Curcio e Faceira (2016) também se debruçaram no estudo da mulher inserida no tráfico de drogas, sob a ótica da memória social. Entrevistaram egressas do sistema prisional de Campos dos Goytacazes-RJ, constatando que as ações ilícitas foram as mais variadas: comércio de drogas em via pública, em casa, transporte de drogas de uma cidade para outra, introdução de drogas em presídios, cumplicidade com companheiros etc. Mas tais autoras também entenderam que o tráfico de drogas se mostrou como oportunidade de trabalho, ao passo que concluíram que essa prática delitiva se configurou como uma busca de poder. Inicialmente, a mulher se apresenta submissa ao homem, cumprindo um papel de subordinação, já memorizado socialmente e, talvez, ao mesmo tempo, utiliza esse crime como forma de resistência à subalternidade. É certo que a mulher galga melhores condições no mercado de trabalho, entretanto, ainda é a que mais sofre discriminação e tem menores salários. Essa situação, aliada ao fato de que muitas mulheres são chefes de família, contribui para a sua inclusão no crime, enquanto uma alternativa ao

mercado formal de trabalho. Nesse contexto, pergunta-se se o tráfico de drogas não poderia ser enquadrado como trabalho.

Analisando as prisões de mulheres por tráfico de drogas, sentenciadas e aguardando julgamento, Danniella (2016) realizou entrevistas com internas da Penitenciária Regional de Campina Grande-PA. A autora defende que as mulheres estabelecem relações familiares e vínculos com o crime de maneira diferente do que fazem os homens. Contudo, a ótica utilizada no contexto prisional é masculina. Assim, há uma deficiência de dados e indicadores sobre o perfil de mulheres privadas de liberdade, contribuindo para a invisibilidade das dificuldades femininas no cárcere.

A nossa sociedade é patriarcal, de forma que a mulher é vista como frágil, reservada, sensível, destinada à procriação e aos cuidados domésticos. Somente com o avanço do capitalismo e as lutas sociais em busca de emancipação, as mulheres conseguiram autonomia financeira e acesso a novos espaços, inclusive no mundo do crime. Contudo, o patriarcalismo não foi de todo superado e reflete também no tráfico, concedendo aos homens papéis de maior destaque e liderança. Às mulheres costumam ser reservadas tarefas que as colocam em maior risco de prisão em flagrante e até de morte. Mulheres desenvolvem o comércio de entorpecentes até no espaço doméstico, envolvendo familiares, transformando suas casas em “bocas de fumo”. A maioria dessas mulheres, segundo Danniella (2016), tem baixo nível de escolaridade e pouca qualificação. Contudo, algumas conseguem destaque na atividade do tráfico de drogas, e são chamadas “damas ou rainhas do tráfico”.

O narcotráfico é apontado aqui como um problema social, econômico e humano, que atinge o mundo inteiro e atrai homens e mulheres. Mas a mulher que trilha por esse caminho é considerada como “*outsider*”, já que viola as regras do comportamento que dela se espera. Citando Lemgruber (1993), Danniella (2016) afirma que a mulher que transgride a ordem da sociedade e da família sofre dupla punição, pois perde a liberdade e é alvo de controle e observação mais rígidos, como forma de reforçar a “passividade” e a “dependência”. O estudo ainda pontua que o tráfico seduz porque promete acesso ao mercado de consumo material, *status*, ascensão social e poder.

Abordando o tema que denominou de “memória social”, Oliveira (2019) desenvolveu uma pesquisa na Penitenciária Talavera Bruce, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, buscando entender a construção do gênero a partir das lembranças das mulheres. A autora afirma que o traficante de drogas é estereotipado por um discurso produzido pela mídia e pelo senso comum, que na verdade encobre relações políticas e socioeconômicas para “manipular a opinião pública e legitimar a lógica do capital de acordo com os interesses do Estado” (p. x), passando a falsa impressão de que os traficantes e usuários de drogas são os culpados pelo “problema” do tráfico, criando-se o discurso de “direitos humanos para humanos direitos” e “bandido bom é bandido morto”.

Oliveira (2019) defende, assim, que o tráfico de entorpecentes é, na verdade, uma alternativa ao desemprego adotada também pelas mulheres, inclusive como forma de ter o reconhecimento dos homens e o respeito frente a outras mulheres, visando à ostentação de bens, *status* e poder. A autora entende que a sociedade é machista e racista, e essas mulheres são, na maioria, negras, de baixa escolaridade e a base da estrutura “as oprime, domina e exclui” (p. x) de tal modo que as entrevistadas, na sua concepção, relacionam o tráfico ao poder de consumo de bens materiais, “de ter algo e de se tornar alguém”. Dentre as entrevistadas, relaciona as que se consideram inocentes, não traficantes ou “buchas”, as quais acreditam que foram presas em função da ligação pessoal que mantêm com outrem, o que se agrava com o fenômeno que chama de “criminalização da pobreza”.

Já a pesquisa de Fraga (2015) conclui que não são muitos os registros da participação feminina em crimes como homicídios, latrocínios, roubos e furtos. Nas estatísticas, as mulheres costumam figurar como vítimas em crimes de estupro e violência doméstica e há registro de sua participação em crimes contra crianças e adolescentes na seara da violência doméstica. De acordo com o autor, no início do século XX, existiam teorias que sinalizavam que, à medida que as mulheres galgassem maior destaque no espaço público, também incidiriam em mais práticas delitivas. Contudo, essas teorias não se confirmaram. Ainda de acordo com o autor, recentemente esse cenário mudou um pouco, com o avanço das mulheres na prática de crimes comumente atribuídos a homens, embora em menor escala, quando comparados os gêneros, verificou-se maior incremento criminal feminino no que se refere ao tráfico de drogas.

Já ao estudar a participação feminina no plantio de maconha no Vale do São Francisco-BA, que também é uma modalidade de tráfico de drogas, o autor se detém nas funções que as mulheres exercem em plantações da erva. Aqui, chama-se atenção para o fato de que as mulheres que se envolvem no tráfico de drogas não são necessariamente submissas, mas não se descarta a vulnerabilidade ou exploração a que se submetem. Admite-se que existem motivos para a inserção da mulher no narcotráfico, mas, sejam eles econômicos ou afetivos, as mulheres terão consequências violentas ou vantajosas.

Fraga (2015) ainda reserva um capítulo para se debruçar sobre as condenações de mulheres por tráfico de drogas na cidade de Juiz de Fora-MG, valendo-se do texto de Joyce Keli do Nascimento Silva. O tema abordado envolve “a influência de representações sociais de gênero no processo de tomada de decisão condenatória e fixação das penas pelos magistrados” (p. x).

Olhando para o Brasil, de tradição jurídica *civil law*, o autor articula que os magistrados seguem um formalismo jurídico, justificando-se dentro do legalismo, em prejuízo da promoção da justiça. Interpretações diferentes sobre fatos e fontes do direito levam a decisões diferentes em casos semelhantes e disparidade de penas, “uma vez que decorrem da ação subjetiva de interpretação pelos magistrados dos comportamentos incriminados frente à norma penal expressa” (FRAGA, 2015, p. x).

O fato é construído socialmente, sofrendo influência da “arbitragem policial”, com a elaboração das versões dos fatos nas delegacias, definindo rótulos atribuídos aos indivíduos, com estigmatização, até o final do processo. Tudo depende da versão apresentada na delegacia – usuário ou traficante –, cujos critérios de definição não são objetivos na lei brasileira. Assim, conclui-se, não há imparcialidade, prevalecem a subjetividade e a discricionariedade dos juízes. A orientação prevalente é repressiva, baseada na política antidrogas, onde o traficante é um “inimigo a ser combatido”.

Nos processos estudados por Fraga (2015), foi percebido um maior percentual de acolhimento da tese do Ministério Público por parte dos juízes, confirmando-se a qualificação oferecida na denúncia. Na maioria dos casos, notou-se que as mulheres desempenham “funções subalternas”, que pouco participam dos lucros, e sobre o “vapor” e a “mula”/“avião” recai a repressão. Normalmente é baixo volume de apreensão de drogas nessas situações. Também foi registrada a

participação de mulheres no transporte de drogas, algumas vezes através da cavidade vaginal, em pequenas quantidades que são levadas para dentro de estabelecimentos prisionais.

A maioria dos julgados fundamenta o *decisum* nos depoimentos dos policiais, mesmos personagens responsáveis pela “interpretação” inicial dos fatos, citando-se julgados de instância superior, atestando a credibilidade dos policiais e a quantidade de droga apreendida é parâmetro para definir se a acusada é usuária ou traficante.

Fraga (2015) observou também que em alguns processos as mulheres figuravam como coautoras de namorados, companheiros, maridos ou amantes, confirmando uma das teses de que mulheres enveredam no tráfico de drogas por motivos afetivos. Entende-se, por outro lado, que os julgados têm componentes morais atribuídos aos magistrados, que consideram que as mulheres que praticam o tráfico de drogas representam influência negativa para os filhos, impondo penas mais severas a essas mulheres “problemáticas”. As condenações atingiram majoritariamente mulheres não brancas, com baixo grau de instrução e sem vínculo empregatício formal ou com ocupações de baixo prestígio social.

Outro aspecto enfrentado no livro, ao reproduzir o trabalho de Sintia Soares Helves, refere-se ao fato de o tráfico de drogas representar uma alternativa de renda familiar para as mulheres. Trata-se do resultado de uma pesquisa de mestrado desenvolvida entre 2012 e 2014, na Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires, em Juiz de Fora-MG, onde o gênero feminino foi eleito objeto de pesquisa, dada a elevação da representatividade feminina no tráfico de entorpecentes. Foram realizados questionários e entrevistas de histórias de vida com as detentas. Observou-se que a maioria dessas mulheres é jovem e não branca e ingressou nessa prática delitiva por necessidade financeira; outra parte admitiu o envolvimento por influência do marido ou namorado. A maioria se declarou responsável pelo sustento e educação dos filhos, são chefes de famílias. Muitas desenvolvem o que se denominou “trabalho precarizado”, que significa trabalho que flutua entre o subemprego e o desemprego. Assim, essas mulheres buscaram melhorias de condições materiais ao ingressar pela porta do tráfico, dado o potencial lucrativo da atividade. Ressalta-se que não se trata de uma escolha livre propriamente dita, sendo fruto da trajetória dessas mulheres, decorrente de interações que conduziram ao caminho do tráfico.

Com um viés voltado à saúde pública, Moreira (2012), em um trabalho de dissertação no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA, aponta para o protagonismo de mulheres presidiárias em Salvador, por conta do consumo e do tráfico de drogas, verificando impactos dessas práticas na vida das aludidas mulheres. A autora pontua que o sistema prisional é dirigido por homens e para homens, de forma que as necessidades femininas costumam ser desprezadas. Denuncia a prática de maus tratos, a estrutura física inadequada e a cultura de violência institucional. Esse ambiente hostil alimenta o surgimento de doenças, como depressão, angústia e pânico, além daquelas infectocontagiosas. Ainda, essas mulheres são abandonadas por seus homens.

A autora registra que as internas são jovens, pobres e não brancas, de nível de instrução relativamente baixo, provedoras de lares e têm filhos, que nessa situação ficam aos cuidados de avós ou de terceiros. A maioria das entrevistadas é ré primária e admitiu o uso de drogas antes da prisão, e nem todas admitiram o envolvimento com o tráfico de drogas, e as que admitiram, informaram motivações afetivas e financeiras. O tráfico de drogas é apontado como meio “fácil e rápido” para retorno financeiro, tornando-se estratégia de sobrevivência própria e de seus filhos.

Moreira (2012) também registrou em sua pesquisa o chamado “amor bandido”, que se torna o móvel de mulheres que se relacionam com homens traficantes de drogas para ingresso na mesma atividade de seu companheiro, passando a desenvolver funções de menor complexidade: “avião” ou “mula”. Por isso, a autora relaciona tal circunstância com a discriminação de gênero no âmbito do tráfico de drogas.

Quanto aos impactos na vida das mulheres que se envolvem nesse contexto, tem-se os ganhos financeiros, num primeiro momento. Atraídas, as mulheres se tornam, segundo a autora, “presas fáceis da seleção do sistema punitivo” (MOREIRA, 2012, p. x). Daí decorrem outros impactos, a perda da liberdade e a submissão à “cultura carcerária”. Sucedem, então, violências, perdas materiais, afastamento de familiares e companheiros, perda da vontade de viver, sentimento de culpa, vergonha, medo, além de problemas de saúde física e mental. Algumas internas, contudo, relataram que conseguiram a reaproximação com familiares.

Nesse percurso bibliográfico, como a questão de gênero é muito importante para esta pesquisa, abrimos espaço, a fim de meditarmos como uma orientação sexual pode de ser usada como forma de violência, sobretudo para as mulheres. E para ter ideia dessa problemática, é preciso que estejam claros conceitos como gênero, identidade de gênero e sexualidade.

Não se trata de tarefa fácil transitar por tais conceitos. A identidade de gênero, o aprendizado dos papéis de gênero e a sexualidade são conceitos que estão, ao longo de anos, sendo reificados, uma vez que comumente funcionam enquanto ferramentas de opressão. É praxe no mundo ocidental associar a identidade de gênero à orientação sexual. Estaríamos, assim, limitados ao binário: masculino e feminino. Fora dessa equação simplória, estaria o patológico, e somos adestrados para esse formato, desde o ventre. Felizmente, poucos não são os questionamentos diante dessa linha de pensamento.

Grossi (1998) nos ajuda a evoluir epistemologicamente sobre esse tema tão sensível. Falando da realidade brasileira, vemos uma marcante diferença da “condição feminina”, não só de classe, mas também regional. Apesar disso, a referência unânime é de uma unidade biológica. Mulheres têm sido sempre reconhecidas morfologicamente como sendo do sexo feminino, desde que tenham vagina, útero e seios. Esse caráter biológico do gênero vem sendo problematizado ao longo dos anos. Pesquisadoras norte-americanas começaram a usar, não de forma gratuita, a categoria *gender* para tratar de origens sociais das identidades de homens e mulheres.

Efetivamente, já passamos da fase de aceitar a existência pura, simples e natural de uma determinação de comportamentos como se fossem próprios a homens ou a mulheres, exclusivamente, como se houvesse uma determinação biológica para tanto. É cediço que tal teoria, criada por homens, com “aparência” de cientificidade e neutralidade, serve para justificar comportamentos sociais que são esperados de homens e mulheres, e que variam de acordo com o meio social em que vivem.

Fato é que ainda temos muita dificuldade em definir gênero. Temos uma propensão a associá-lo a sexo, mas esse apego aos aspectos biológicos faz do gênero uma categoria usada para pensar as relações sociais – relacionadas a homens e mulheres, historicamente marcadas por discursos, práticas cotidianas e

rituais –, e que constroem uma “realidade” voltada à manutenção do predomínio do masculino. Uma categoria para dar sentido a essa criação, a diferença entre masculino e feminino, o gênero passou a ser considerado aquilo que é associado ao sexo biológico.

Mas como somos seres sociais, pensantes, essa associação nada ingênua passou a ser questionada. Afastando-se do determinismo biológico, surge o pensamento do gênero como algo mutável, de forma que as representações sociais do feminino e do masculino podem ser reconfiguradas. Para isso, temos que compreender outro conceito: papéis de gênero. Nesse sentido, aquilo que determinada cultura associa ao sexo biológico é considerado papel de gênero, masculino ou feminino, que varia de acordo com cada cultura. Assim, existem performances que são esperadas para homens e mulheres, de acordo com cada sociedade.

Nisso tudo, onde se localizaria a identidade de gênero? Aqui já envolve um sentimento individual, próprio de cada sujeito, e que não se modifica ao longo de sua vida, embora este possa assumir papéis masculinos, femininos ou novas convicções.

Quando o tema é sexualidade propriamente dita, acostumamo-nos à cultura da heterossexualidade como um instinto próprio da raça humana, necessário à perpetuação da espécie. Os avanços da medicina reprodutiva, com métodos de fertilização e a clonagem de embriões, trouxeram abalos a essa perspectiva. A homossexualidade vai deixando de ser tabu, aos poucos. Mas, compreende-se que a escolha do objeto sexual, do desejo, não interfere na identidade de gênero. O homem atraído por outro homem não se sente menos homem, mas se sente diferente do que aprendeu como comportamento correto, em função das pressões sociais. Haveria, então, um terceiro gênero, para esses indivíduos “desviantes”? Para Grossi, a sexualidade é apenas uma variável que envolve a identidade de gênero. Em suas palavras:

Existem apenas dois grandes modelos de identidade de gênero: masculino e feminino. A estes dois modelos são associados atributos e expectativas diferentes em cada cultura; e a sexualidade é apenas um dos elementos que constituem este modelo. (GROSSI, 1998, p. x).

O gênero também é apontado por Judith Butler, em Firmino (2017), como uma “produção do poder”, não se trata de essência ou construção social. Para a autora, qualquer definição de mulher engessa uma identidade produzida por relações de poder. Esse entendimento, por sua vez, ancora-se em Foucault, para quem o poder pode ser compreendido como uma rede de micropoderes do Estado que atravessa a sociedade e da qual nada nem ninguém escapa. Mas, para o filósofo, o poder não seria apenas repressivo, ele tem uma face de indução e práticas disciplinares que objetivam “corpos dóceis, úteis e produtivos”. Esse poder está intrinsecamente ligado ao saber. Assim, o que conhecemos, as formas pelas quais conhecemos e os sujeitos que conhecemos são fruto “da implicação entre poder e saber e suas transformações históricas” (AUTOR, ano, p. x). Para os autores em questão, Butler, à luz de Foucault,

[...] ao postular o “sexo” como “causa” das experiências sexuais, do comportamento e do desejo, a produção tática da categorização descontínua e binária do sexo oculta os objetivos estratégicos do próprio aparato de produção. A pesquisa genealógica de Foucault expõe essa “causa” ostensiva como um “efeito”, como a produção de um dado regime de sexualidade que busca regular a experiência sexual instituindo as categorias distintas do sexo como funções fundacionais e causais, em todo e qualquer tratamento discursivo da sexualidade. (BUTLER, 2017, p. x).

Por esse pensamento, biologia ou cultura são os únicos destinos possíveis, porque o conceito de gênero foi forjado como oposição ao determinismo biológico, uma vez que essa determinação naturaliza a desigualdade entre homens e mulheres e o poder dos homens, negando-se à possibilidade de contestação e transformação. Daí, parte-se para a defesa de que as diferenças entre homens e mulheres são forjadas pela cultura, ideologicamente apontadas como naturais. Assim, abandona-se o determinismo biológico para se apegar ao aspecto cultural:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p. x).

Fazendo um paralelo com Simone de Beauvoir (1970), que defendeu a ideia de que não se nasce mulher, mas torna-se mulher, Butler (2017) compreende que

essa afirmação sugere que gênero é variável, que comporta escolha do sujeito, mas essa escolha se dá por uma compulsão cultural que está num contexto da heterossexualidade. Escapa-se do determinismo biológico, mas não da compulsão social que utiliza o sexo como referência. O sexo se torna gênero desde a concepção, e também é produzido discursivamente. O discurso é anterior a ambos. Sexo e gênero não são essência, são efeitos de um discurso originário, contínuo e histórico, que cria corpos com *status* de originais.

Dessa forma, incoerentes são os corpos que negam essa inteligibilidade e não cabem nesse esquema, que extrapolam as fronteiras que tentam delimitá-lo. Isso implode o sistema, é o caos, subverte sua lógica e exhibe sua impotência explicativa, embaçando noções que sustentam os mecanismos de poder.

Ultrapassados esses conceitos associados à definição de gênero, percebemos que mulheres e homens têm possibilidades diferentes de inserção em qualquer seara social, o que inclui atividades criminosas. Existem estereótipos de gênero que preveem padrões do ideal masculino e do feminino que devem ser seguidos.

Dessa forma, quando se trata do cometimento de crimes, como o tráfico de drogas, o exercício de poder está associado a um paradigma masculino de força, opressão, coragem, resistência e iniciativa. Em contrapartida, espera-se a supressão de sentimentos, para a legitimação de ações violentas. Assim, expressões de feminilidade, como recato, pudor, docilidade e passividade são evitadas. Ou seja, mulheres se “apropriam” de características e prerrogativas idealizadas para o mundo masculino como uma forma de resistência, na medida em que contestam o lugar de submissão que lhes foi reservado.

Não por acaso, as palavras de Simone de Beauvoir parecem tão atuais, de tal forma que me imponho a transcrevê-las:

HESITEI muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso [...]. No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices que se disseram neste último século tenham realmente esclarecido a questão. Demais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher? Sem dúvida, a teoria do eterno feminino ainda tem adeptos; cochicham: “Até na Rússia elas permanecem mulheres”. Mas outras pessoas igualmente bem informadas — e por vezes as mesmas — suspiram: “A mulher se está perdendo, a mulher está perdida”. Não sabemos mais exatamente se ainda existem mulheres, se

existirão sempre, se devemos ou não desejar que existam, que lugar ocupam no mundo ou deveriam ocupar. “Onde estão as mulheres?”, indagava há pouco uma revista intermitente. Mas antes de mais nada: que é uma mulher? “*Tota mulier in utero: é uma matriz*”, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: “Não são mulheres”, embora tenham um útero como as outras. Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia rugeruge para fazê-la descer à terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarná-lo, o modelo nunca foi registrado. [...] “O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem”. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

São expressões fortes de um pensamento dominante, repetido ao longo de séculos, que é rebatido pela autora. Passados anos após esses escritos, não podemos dizer que não seja o pensamento de muitos ainda hoje. Na verdade, em pleno século XXI as questões de gênero continuam turbulentas na sociedade. Ainda são necessárias ações diárias para conquistas tênues. O masculino continua sendo referência.

Outra questão importante gira em torno do conceito de estigma. Com efeito, entende-se que o sistema de controle informal é o que mais incide em face das mulheres, embora o sistema de justiça incida sobre ambos os sexos. Assim, as mulheres que cometem crimes “masculinos”, como o tráfico de drogas, são vítimas de violência estrutural e de gênero. São submetidas a humilhações na prisão como parte de um castigo por serem mulheres e terem assumido um “papel masculino”, sendo reprimidas mais duramente por não agirem de acordo com o esperado.

Mas nos deteremos um pouco nas contribuições de Erving Goffman a respeito, segundo o qual, estigma é uma marca objetiva que recebe valoração social negativa e que designa seu portador como desqualificado, estragado, diminuído, desviante. Assim costuma ser vista a mulher que contraria a regra geral de docilidade e de cuidadora da família, e se dedica ao tráfico de drogas. Com esse estigma, a mulher enfrenta muitas dificuldades de se reinserir no meio social considerado apropriado e tende a voltar a ser presa pela mesma prática, exatamente porque fica estigmatizada como traficante. De acordo com Goffman (1963, p. 5):

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina, que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação. Os estudiosos, entretanto, não fizeram muito esforço para descrever as condições estruturais do estigma, ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito. Parece necessário, portanto, tentar inicialmente resumir algumas afirmativas e definições muito gerais.

Em “notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Goffman (1963) desenvolve que estigma social é o fenômeno que ocorre quando determinado grupo social taxa outro grupo como fora do padrão ou fora do normal, desvalorizando seu comportamento, situação física ou maneira de agir, isso porque a sociedade categoriza pessoas e determina os atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais preveem as categorias de pessoas que neles devem se enquadrar e as rotinas de relacionamento esperadas entre as pessoas também são estabelecidas. Assim, quando um estranho é apresentado, logo seus aspectos e atributos são avaliados, para sua “identidade social” ou “*status* social”.

As pessoas são, então, estigmatizadas, quando rotuladas com características ruins, não desejáveis, conferindo-lhes perda de *status*, tornando-as alvo de discriminação, aponta o autor. Tudo isso acaba por gerar comportamentos desviantes e motiva os indivíduos estigmatizados a se organizarem em subgrupos sociais, que por sua vez serão marginalizados pela sociedade. Nesse sentido, os marginais são pessoas de baixa renda que carregam o estigma de perigosos, sobre os quais se julga o comportamento, a maneira de viver, de vestir etc. Assim, estigma tem uma importância singular, na medida em que não se limita a definir uma pessoa, mas também a esperar diversos comportamentos daquele indivíduo.

Além disso, tanto os estigmatizados como os indivíduos “normais” costumam se vincular a pessoas com características semelhantes, formando grupos sociais. Os estigmatizados, excluídos da sociedade, podem ter o que denominam “histórias de

sucesso”, do ponto de vista deles, que são histórias de superação, considerando-se heróis por algum motivo, porque conseguem se reinserir na sociedade. Mas tudo isso não passa de uma ficção consoladora. Essa barreira social também gera uma identidade virtual, como, por exemplo, de uma pessoa que tenta disfarçar a surdez.

Outro ponto que Goffman (1963) chama atenção é que nas relações interpessoais são criadas expectativas sobre o outro. Assim, o estigma não atinge apenas o estigmatizado, pois também frustra as expectativas daquele que estigmatiza, sendo necessário recategorizar o sujeito que gerou a decepção. Isso acontece sutilmente e se materializa quando são notadas diferenças na maneira de vestir, de se expressar, de falar, por exemplo. Esse indivíduo será excluído porque se comporta de maneira diferente do que é esperado.

Mas essa ideia de normal ou estigmatizado não é atribuída a pessoas, mas a pensamentos e comportamentos surgidos nos contatos sociais. Dessa forma, pessoas estigmatizadas estigmatizam outras, basta exteriorizar seus preconceitos. Algumas pessoas, denominadas por Goffman de “informados”, propõem-se a ajudar no combate aos preconceitos.

É importante verificar a proximidade do conceito de estigma com o de *desviante* e de *outsider*. Como vimos, a reação social a um comportamento que foge ao que é esperado, ou seja, a reação a um comportamento estigmatizado, faz a pessoa estigmatizada reagir. Mas essa sua reação não é desviante por natureza, o é porque foi assim definido pela sociedade. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso, enquanto que o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. Os desviantes foram categorizados como marginais e quem ditará a gravidade da transgressão é a reação social. Não é a conduta em si mesma que é desviante, mas a reação do grupo social àquela conduta, considerando-a mais ou menos grave. As pessoas diferentes são separadas e categorizadas e mais propensas à exclusão. Nesse processo surge o “etiquetamento”, uma marca para o indivíduo desviante.

Enfim, como veremos, muitas dessas linhas de pensamento são importantes para o entendimento sobre o encarceramento relacionado ao tráfico de drogas, inclusive em relação às mulheres.

### 3.2 Criminologia Radical ou Crítica

Como foi possível constatar ao longo do estado da arte até aqui reportado, a Criminologia Crítica representa um forte referencial teórico chamado a explicar o fenômeno do encarceramento feminino relacionado ao tráfico de drogas, bem como trata das tendências político-criminais na seara da segurança pública, no que pertine a este tema. Dessa forma, julgamos importante compreender as linhas gerais dessa teoria, embora não corresponda exatamente a uma novidade no mundo científico, mas revisará-la se constitui num exercício necessário à melhor compreensão dos temas aqui tratados.

Considerando o Positivismo Criminológico como ponto de partida, Lopes (2002) relembra que, com avanço da Sociologia Criminal, o marco biopsicológico foi substituído pelo sociológico e o objeto da investigação deixou de ser a definição legal de crime, a qual foi substituída pela definição sociológica de desvio, afastando-se da ideologia da defesa social e da ideia de criminosos anormais. Nesse contexto, defende-se o caráter normal do crime, diante de mecanismos de socialização impostos às pessoas pela estratificação social, através da Aprendizagem Social do Crime, uma das teorias usadas para explicar o fenômeno criminal.

Posteriormente, o *labelling approach* alterou o paradigma epistemológico vigente, e surgiu a criminologia da reação social, e duas correntes de pensamento se destacaram: o interacionismo simbólico de Mead e a etnometodologia de Schutz. Além do criminoso e do crime, a vítima e o sistema penal se tornaram importantes no estudo. No paradigma da reação social, o crime era uma construção social, de forma que o sistema penal criava o crime e impunha sua seletividade discriminatória.

Assim, baseada na criminologia da reação social, tem-se a passagem gradual para a criminologia crítica, que trata o conflito como luta de classes diante dos modos de produção da sociedade capitalista. O pensamento crítico rompe com o liberal no momento em que este não contesta processos discriminatórios de seleção de condutas desviadas. Rompe-se com o paradigma criminológico dominante, pois, para a Criminologia Crítica, no conflito social está na afirmação do poder político e econômico, inalcançável para as parcelas marginalizadas da sociedade. Uma classe se sobrepõe e explora as demais, determinando quais fatos devem ser considerados desviantes.

A Criminologia Crítica ou Radical, então, inicia-se com a análise crítica de estruturas sociais, determinadas por relações de produção que definem qual será o controle social e punitivo. As relações sociais se tornam objeto de estudo da Criminologia Crítica, tanto a estrutura econômica, quanto as superestruturas jurídico-políticas que exercem controle social passam a ser consideradas. O crime não tem uma realidade ontológica na perspectiva crítica, na medida em que o *status* de criminoso é atribuído a algumas pessoas, através da seleção de bens penalmente protegidos e de indivíduos “rotulados”. O direito deixa de ser legítimo e se transforma num instrumento da superestrutura, de controle social, na esfera trabalhista e penal.

Assim, a Criminologia Radical não estuda o crime em si, como se fosse inerente à natureza humana, mas estuda processos de criminalização, quando determinado ato passa a ser classificado como crime, e não vê o criminoso como indivíduo desviante, como se fosse pré-determinado ao cometimento de crimes. O poder punitivo seleciona determinados indivíduos, qualifica determinados atos como crimes, com base em critérios políticos e de classe, que visam exatamente manter os privilégios da classe que os criou. Dessa forma, a Criminologia Radical se apresenta como crítica ao sistema e ao modo de produção capitalista.

De acordo com esse enfoque crítico, o Direito Penal está a serviço da elite, detentora do poder político. A justiça penal apenas administra a criminalidade, já que não tem meios para combatê-la, apenas seleciona sua clientela entre os marginalizados da sociedade. A lei não é a mesma para todos, o direito penal é desigual por excelência, imunizando a classe dominante do processo de criminalização.

Nesse sentido, a prisão funciona como método de controle e disciplina nas relações de produção capitalista. O Direito Penal privilegia interesses de classes dominantes, selecionando os criminosos nas parcelas economicamente mais baixas da sociedade. Assim, ele é usado pelos detentores do poder para garantir a manutenção do sistema capitalista. Tudo é feito para atender ao poder econômico, o qual se apropria do poder político e dos meios de controle social.

Num primeiro momento, o objeto de análise da Criminologia Crítica é a criminalização primária, ou seja, a lei penal que incrimina e permite a punição de certas pessoas, protegendo seletivamente os interesses das classes dominantes,

penalizando os mais miseráveis e marginalizados, deixando uma modesta legislação punitiva para as camadas mais abastadas, mantendo as classes altas fora do alcance do poder punitivo. Daí porque as classes baixas teriam grande representação dentro do sistema penal.

Como consequência da criminalização primária, passa a ser objeto de análise da Criminologia Radical a criminalização secundária que se verifica através dos sistemas de controle punitivo do Estado (Polícia, Ministério Público e Judiciário), redundando na prisão. As forças produtivas direcionam a repressão às classes desfavorecidas. Esse é um dos fundamentos teóricos usado para compreender porque homens e mulheres de baixa renda, normalmente sem escolaridade, são as pessoas que mais são aprisionadas pela prática de tráfico de drogas.

### **3.3 Criminologia Ambiental**

Esta seção foi criada de forma autônoma para evitar confusão entre as contribuições que cada uma das teorias criminológicas nos trazem. Para compreendermos, mais adiante, a análise do que foi determinante para que nossas entrevistadas “escolhessem” o tráfico de drogas como atividade lucrativa, faz-se necessária a compreensão de algumas teorias relacionadas à Criminologia Ambiental, que também é um dos nossos marcos teóricos neste trabalho.

Valente (2015) nos ilumina um pouco nessa missão de compreender a Criminologia ambiental. Como vimos, inicialmente, a Criminologia Clássica focou seus estudos no agente, nas características biológicas e sociais que julgavam conduzir ao crime, deixando de lado outros fatores situacionais. Essa tática, voltada à suposta reabilitação do ofensor, mostrou-se falível. Outros caminhos foram buscados, em função de estratégias de prevenção.

Assim, surgiram teorias, na década de 1970 que pensaram em manipular os ambientes para dissuadir os ofensores da prática de crimes. Com esse pensamento, começa a Criminologia Ambiental, dando-se mais ênfase ao ambiente e aos fatores a ele inerentes. Esses fatores são: ofensor, vítima, lei e local. No local, todos esses elementos vão interagir, enquanto que a vítima teria que estar no local errado e na hora errada.

Simplificando, a Criminologia Ambiental estuda esta quarta dimensão: espaço-tempo, assim como as interações entre as pessoas e o ambiente em que se encontram. Entende-se que o ambiente tem um papel importante no evento criminal, para iniciá-lo ou para influenciar o comportamento das pessoas que estão interagindo num determinado local. Ou seja, o crime não seria aleatório, fatores de espaço e tempo podem influenciá-lo, facilitando ou dificultando, de forma que prevê-los pode representar uma vantagem no controle de crimes.

Logo se vê que a Criminologia Ambiental tem uma vocação preventiva. Costuma-se dizer que ela evoluiu a partir da Escola de Chicago, mas que se trata de uma doutrina autônoma, com focos diferentes. Na Criminologia Ambiental, o foco não é o ofensor, mas o ato criminoso.

A Criminologia Ambiental comporta algumas teorias basilares. Duas apresentam informações preciosas para entendimento da criminalidade feminina, sobretudo no que se refere ao tráfico de drogas: a Teoria da Escolha Racional e a Teoria das Atividades Rotineiras.

### *3.3.1. Teoria da Escolha Racional*

Com esta teoria prende-se saber o motivo pelo qual alguns indivíduos optam por certos comportamentos em determinadas circunstâncias: o processo de tomada de decisão que culmina na prática de um crime. Preocupa-se em como o ambiente influencia nessa decisão, partindo da premissa de que o comportamento criminoso resulta de uma sequência de escolhas feitas pelo agente, o qual interage com o meio ambiente.

Não se trata de um processo estático, ao contrário, nessa interação com o ambiente, o ofensor refina e melhora suas decisões, dada repetida aprendizagem e exposição em situações específicas. O comportamento criminoso tem um propósito: benefício do ofensor. Todo ser humano busca satisfazer-se, deliberada e calculadamente. Assim, também o comportamento criminoso é racional e busca um objetivo, fazendo balanço entre o esforço empregado, a qualidade da estratégia e o resultado final, tendo por base a análise de custos e benefícios.

Enfim, todos os indivíduos tentam alcançar seus objetivos da melhor forma possível, pura racionalidade, fazendo o melhor, dentro dos limites de tempo, com os

recursos e informações que dispõem, focando nas recompensas e nos riscos imediatos.

Essa teoria, no enfoque de Dassin (2016), tem um peso decisivo na Criminologia Ambiental, na medida em que é apontada como ferramenta que explica a ação do indivíduo que pondera os meios e os fins. Trata o criminoso como um indivíduo racional que age medindo custo e benefício, ou seja, o crime é uma ação de pessoa comum, como resposta a determinadas circunstâncias.

A teoria representou uma “invasão” das ciências econômicas na área do comportamento humano, num período em que a ciência econômica orbita em torno do processo de escolha dos indivíduos, cujas decisões estão entre as alternativas e as pessoas buscam as que dão mais retorno emocional ou monetário. Essa seria uma influência da filosofia utilitarista do século XVIII, que se baseava na crença de que a natureza humana busca o prazer e evita a dor. Como o homem é movido pela ambivalência de dor e prazer, manipulando-se a dor pela punição, as pessoas deveriam se sentir dissuadidas de obter o prazer pelo crime, o que demonstraria o caráter preventivo da pena, não apenas retributivo.

Mas os teóricos racionais discordavam dessa linha utilitarista e buscaram um novo modelo de pensamento, para reduzir o crime com a prevenção. O precursor desse pensamento econômico no delito foi Gary Becker, que pregava que o agente, em certas ocasiões, com o incentivo certo, analisa racionalmente suas opções: o benefício, o custo a ser suportado, a probabilidade de ser descoberto e a punição. Prefere-se o ato criminoso se o benefício total é maior que as consequências legais. Toma-se decisões racionais com capacidade ilimitada de processar informações.

A nova Criminologia Administrativa aponta para uma racionalidade limitada, influenciada por fatores como falta de conhecimento completo dos riscos, limitações de tempo e inexistência de planejamento prévio. Ocorrem improvisos diante do imprevisto, uma vez iniciada a execução do crime. A única preocupação são as recompensas, não os riscos.

De acordo com Shikida (2019), o tráfico de drogas, crime que constitui o cerne de nosso estudo, à luz da teoria de Becker, é um delito cometido com intenção de lucro, portanto, considerado “econômico”. Com essa classificação, segundo Becker, um agente, ao cometer um crime, analisa se terá maiores ganhos do que teria se atuasse no mercado legal de trabalho.

Nesta mesma linha de pensamento, Shikida argumenta que este mesmo agente criminoso pode ser considerado um “empresário”, que se organiza com seus instrumentos disponíveis para a execução do crime e assume os riscos da atividade, em busca do lucro almejado. Dentre os riscos está o de ser preso, já que, mesmo com a repressão e o proibicionismo, o crime organizado ainda lucra muito com o tráfico de drogas e o pequeno traficante ainda consegue tirar dessa atividade sua renda diária, pois há a crença de um retorno garantido, que corresponderia à motivação para essa prática delitiva. Assim, escolher cometer o crime decorre da percepção de que os benefícios são maiores que os custos envolvidos.

### *3.3.2 Teoria das Atividades Rotineiras*

Essa teoria também teve sua origem na década de 1970 e surgiu da preocupação em explicar as taxas de criminalidade, a níveis micro e macro, num momento de aparente crescimento econômico, o que, a princípio, revelava um paradoxo.

A nível micro, a teoria defende que um crime ocorre quando um ofensor motivado encontra um alvo adequado, na ausência de um guardião capaz. Quanto ao nível macro, a teoria dirá que essa interação que toma lugar ao nível micro pode ser facilitada por fatores intrínsecos à sociedade/comunidade onde os intervenientes se encontram.

Esta teoria foi criada por Lawrence Cohen e Marcus Felson e pretendia, inicialmente, explicar o aumento das taxas da criminalidade no período posterior à Segunda Guerra Mundial. De acordo com esses autores, existiam oportunidades criminais, resultantes de alterações nas atividades rotineiras, como locais de lazer e de trabalho das pessoas. Essas alterações criaram novas oportunidades delituosas, além do aumento de vítimas em potencial e diminuição de guardiões. Pessoas passaram a conviver ao ar livre, por mais tempo, nos fins de semana, consumindo álcool, sem vigilância de “tutores” ou adultos mais experientes, por exemplo, proporcionando maior exposição a oportunidades criminais e à violência. A explicação estaria no aumento do contato direto com outras pessoas e suas posses e propriedades, fazendo cruzar num plano espacial e temporal vítima e ofensor e um objeto, no decorrer das atividades rotineiras do ofensor, da vítima ou de ambos.

O que aumenta a probabilidade de ocorrer o crime: ofensores motivados, alvos adequados e ausência de guardiões capazes de parar ou dissuadir a prática do crime. É o que Felson denomina de “química do crime”, para a qual é necessário que se configure esse triângulo do crime.

Depois, foi acrescentada uma variável adicional: o controlador íntimo, figura com quem o ofensor tem contato diário e íntimo, como um pai, capaz de exercer controle informal, do qual escapa para procurar um alvo adequado, que não está sob a supervisão de um guardião.

A *posteriori*, acrescentou-se uma última variável: gerente do local, que é o indivíduo capaz de supervisionar o local escolhido para a comissão da violação, como um bar, exemplificativamente. Também são reconhecidos como importantes na gênese do crime a existência de agentes provocadores e ausência de pacificadores.

Felson também reconheceu a existência de elementos situacionais e imediatos que propiciam o crime: presença ou ausência de objetos que possam prevenir/facilitar a ofensa, como armas; presença ou ausência de meios que permitam ou auxiliem que o ofensor não seja detectado e; presença ou ausência de terceiros que o ofensor pretenda intimidar ou impressionar.

Dassan (2016) também enfatiza como a criminologia passou a ser vista com outro olhar, voltado para a prevenção e baseada na racionalidade humana. Ao tratar da Teoria das Atividades Rotineiras, partiu da indagação de qual seria a motivação para o contraste registrado em um momento de quedas de níveis de desemprego e pobreza e aumento da criminalidade. Menciona que os criadores da teoria, Cohen e Felson, notaram que a resposta não estava ligada ao aumento do número de delinquentes, e sim à mudança de hábitos da população, após a Segunda Guerra Mundial. Surgiram novas rotinas e alterações nas famílias, com a entrada de mulheres no mercado de trabalho, o surgimento de moradias unipessoais, um maior contato com terceiros em áreas públicas e o aumento da posse de bens de consumo portáteis. Essas mudanças na rotina seriam a resposta para a indagação. Por esse raciocínio, o crime se trataria de comportamento normal, esperado dentro de certas oportunidades e condições, fruto de uma opção reflexiva e oportunista, que calcula riscos e benefícios numa situação concreta. Com essa percepção, a vítima também seria responsável pela prevenção do crime.

Sempre existirão indivíduos motivados à prática de crimes, a depender das oportunidades. Os alvos são pessoas ou coisas expostas com maior ou menor risco, a depender da influência de quatro elementos: Valor, Inércia, Visibilidade e Acesso (VIVA), despertando especial interesse no potencial ofensor. Junte-se a essa equação a falta de um guardião eficaz.

Chama-se a atenção para o fato que a concorrência de potenciais delinquentes, alvos e guardiões fracos ou ausentes, não se dá aleatoriamente. Todos têm rotinas conhecidas, daí porque as medidas de prevenção se prendem à compreensão de como criminosos e seus alvos se encontram em determinados locais e como essas circunstâncias podem ser alteradas.

A seguir, continuaremos a pincelar resultados da coleta e análise do estado da arte relacionados ao gênero feminino e tráfico de drogas, explorando detalhes um pouco mais específicos que serão importantes para uma melhor compreensão da linha de pesquisa e do referencial teórico adotados.

### **3.4 O proibicionismo e seu impacto no encarceramento feminino**

Ao abordar o encarceramento feminino na América Latina, Chernicharo (2014, p. x) afirma que “a guerra às drogas é uma guerra contra as mulheres”. Considerando as condições sociopolíticas latinas, de acentuada desigualdade econômica, a autora também chama a atenção para o processo da “feminização da pobreza”, verificando um aumento dos níveis de pobreza entre as mulheres, quando compara-se aos homens. No Brasil, o trabalho feminino ainda permanecemajoritariamente na esfera doméstica, gerando desigualdade de gênero, posto que a maior parte do tempo feminino é gasto com afazeres domésticos e nos cuidados com os filhos, o que implica em desvantagem para as mulheres na concorrência por vaga no trabalho formal. Assim, segundo a autora, surgiu um “mercado informal” dominado por mulheres responsáveis pelo sustento de suas famílias. Dessa forma, a atividade ilícita do tráfico de drogas se afigura como possibilidade de obtenção de renda.

Essa situação, aliada à política de guerra às drogas, baseada no proibicionismo, com ênfase na repressão seletiva, combinados com “moralismo”, ocasiona o aumento significativo do encarceramento feminino. Assim, a política de

guerra às drogas é apontada como política de controle social, que associa certas substâncias a um grupo específico. Chernicharo (2014) relaciona que a cocaína e heroína eram associadas aos negros, a maconha aos mexicanos, o ópio aos chineses e o álcool aos irlandeses, demonstrando que o proibicionismo se baseia em preceitos morais.

Sem parâmetros precisos para diferenciar o tráfico do uso, concede-se à atividade policial papel interpretativo dos fatos que repercutirá diretamente na decisão final de condenação e conseqüente encarceramento. A lei de drogas brasileira é apontada como fonte dessa seleção, resultando na criminalização de pequenos traficantes e de usuários de drogas. As mulheres envolvidas nessa prática costumam ser escaladas para funções que as deixam mais vulneráveis: “correios de drogas”, e por isso são presas na posse de drogas, aumentando o encarceramento feminino significativamente. Dessa forma, o impacto da lei de drogas nas famílias dessas mulheres, que são o arrimo, é considerado avassalador. Crianças, seus filhos, vão para abrigos e até para as ruas.

Uma vez encarceradas, as mulheres parecem padecer mais que os homens. Privadas do cuidado com os filhos, adoecem, não raro. Aliás, quando se fala de encarceramento de mulheres, não se pode deixar de registrar a costumeira violação das Regras de Bangkok, que estabelecem que necessidades específicas das mulheres devem ser atendidas. São as relacionadas à saúde física e mental e à flexibilização do regime de cumprimento de pena para proteção dos filhos.

Em 20 de fevereiro de 2018, o Supremo Tribunal Federal firmou entendimento, em decisão proferida no julgamento de *habeas corpus* coletivo, com repercussão geral, determinando a substituição de prisão preventiva por domiciliar de mulheres presas, em todo o território nacional, que sejam gestantes ou que tenham filhos de até 12 anos ou deficientes. Apesar de existirem muitas mulheres presas provisoriamente, sem condenação, exceções a esta orientação são aplicadas por força de posições moralmente distorcidas, que consideram essas mulheres traficantes de drogas “indignas” da maternidade e, por conseguinte, muitas delas não foram postas em prisão domiciliar, conforme determinado.

De tudo quanto mencionado, parece que a guerra às drogas, no dizer de Oliveira (2015), com paradigma proibicionista, demonstra sinais de desgaste, com a criação de um problema: aumento de encarceramento de grupos vulneráveis

socialmente, inclusive mulheres, esbarrando na liberdade de escolha individual, que, no entendimento do autor, são escolhas que não correspondem a danos a terceiros. Entende que houve um desmonte do Estado do Bem Estar Social para o surgimento do Estado Penal, com a política criminal baseada na lógica do risco, como forma de controle de camadas sociais vulneráveis, refletindo no aumento da população carcerária feminina.

Percebe-se, então, que a política de guerra às drogas endureceu ainda mais as penas e incentivou o aprisionamento feminino, inclusive. Como já dito, há seletividade penal. O Brasil se insere numa política mundial de proibicionismo e guerra às drogas. Assim, esforços policiais são empregados no combate a esse tipo penal, o que decorre em um maior número de prisões relacionadas a essa prática, não só de homens, mas de mulheres também. Existe uma realidade escamoteada, mantendo submersos os motivos econômicos e políticos que asseguram, ao longo da história no mundo, a proibição ao comércio e consumo de drogas. Essa política pública adotada pelo Brasil e por outros países é um dos motivos do superencarceramento, e há necessidade de desconstrução dessa mentalidade, como uma das formas que se afiguram possíveis para evitar que tantas pessoas sofram com a aridez do cárcere.

Assim, em breves linhas, para melhor entendimento da lógica proibicionista, sua evolução histórica em geral será tangenciada. Na literatura moderna, o proibicionismo ao uso de drogas ditas ilícitas tem sua origem na proibição do álcool, que teve início na Inglaterra, no século XVIII. O aumento da produção da genebra e do gin, cujo consumo foi bastante disseminado nas classes baixas na Inglaterra do século XVII, gerou um grave problema social, na medida em que milhares de miseráveis passaram a fazer uso sistemático da bebida, como fuga às péssimas condições de vida (SHECAIRA, 2014). Nesse contexto, o parlamento inglês aprovou uma legislação taxando severamente a bebida, no ano de 1736, o que provocou o surgimento de uma produção clandestina. Anos mais tarde, a destilação da genebra foi proibida na Inglaterra, em função de questões econômicas relacionadas à produção de grãos.

Fenômeno semelhante se desenvolveu nos Estados Unidos no século XVIII, muito influenciado por questões religiosas. Não se pode perder de vista que no contexto da revolução industrial, em que as classes trabalhadoras experimentaram o

aviltamento de suas condições de vida, o ópio e o álcool eram largamente utilizados como “grandes analgésicos dos processos de adaptação da vida pessoal e social às novas condições sociais que impõem uma exploração não imaginada anteriormente” (SHECAIRA, 2014, p. x). Voltando ao cenário norte-americano, o pensamento proibicionista alcançou ápice com a Lei Seca, que entrou em vigor em 1920 e trouxe consigo uma breve redução de consumo, seguida do nascimento de uma criminalidade organizada em torno da produção, venda e distribuição em caráter ilícito das bebidas alcoólicas. Após treze anos em vigor, a lei se mostrou ineficaz, o que conduziu à legalização do álcool com alta tributação, possibilitando aumento na arrecadação de impostos, no chamado *New Deal*, programa implementado por Roosevelt, com base no Keynesianismo.

Nesse ponto histórico, o proibicionismo migra do álcool para as drogas, com a produção de farta legislação internacional regulando a questão. Ocorre que, tal qual a proibição do álcool, a guerra às drogas se mostra ineficaz, uma vez que fomenta o comércio clandestino e o fortalecimento de organizações criminosas que se valem dos menos favorecidos como “soldados do tráfico”. Não sem razão, Julita Lemgrubere Luciana Boiteux (p. 14) reafirmam quão inócuo tem se apresentado esse modelo de cega proibição ao comércio de drogas, que não alcança sua pretensa finalidade de impedir o consumo de substâncias psicoativas mundo afora:

A violência que acompanha a expansão do mercado de drogas, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, decorre em grande medida do próprio modelo repressivo adotado, que pode ser considerado, no mínimo, contraditório: proíbem-se as drogas, mas não as armas de fogo; criminaliza-se o comércio de substâncias que causam menos mal à saúde do que o álcool e o tabaco (Nutt, King e Phillips, 2010); superlotam-se as prisões com usuários e pequenos traficantes; incentiva-se a guerra generalizada dentro do tráfico e contra ele; investe-se em armamento pesado para as polícias; mobilizam-se exércitos. Todo esse esforço – que não consegue reduzir nem o uso, nem a venda, nem a produção das drogas – resulta em aumento da violência, inclusive da violência letal, e da corrupção associada ao narcotráfico. (LEMGRUBER; BOITEUX, 2014, p. 295-296).

No que pertine ao consumo de drogas, temos que reconhecer que o uso de substâncias alucinógenas, com fins recreativos, religiosos e medicinais, remonta aos primórdios da humanidade. Segundo Carl Hart (2014, p. 205), “nunca houve uma sociedade sem drogas e provavelmente nunca haverá”. Ademais, segundo o mesmo autor, que teve experiência própria na condição de usuário de droga na cidade de

Miami, Flórida, EUA, vítima de marginalização, também por ser negro, nem sempre o uso da droga conduz à dependência.

Entretanto, copiando o modelo proibicionista e repressivo adotado em vários países, o Brasil aderiu à estratégia de guerra às drogas, priorizando o combate à oferta de substâncias classificadas como ilícitas e negligenciando a prevenção ao uso. Nesse sentido, a opção política do Estado brasileiro foi de investir em ações repressivas, fincadas em ações policiais e no incremento do sistema prisional.

Quanto ao histórico das políticas sobre drogas no Brasil (MACHADO; BOARINI, 2013), merecem destaque as ações implementadas a partir da década de 1920, entre as quais podem ser citadas a primeira lei restritiva ao consumo de drogas, seguida da regulamentação da fiscalização do uso de maconha, ópio, cocaína e heroína, para finalmente culminar com o ideal da abstinência como fator de segurança pública preconizado pela Lei 6.368/76. A opção pelo modelo baseado na lógica repressiva e proibicionista fez com que boa parte dos recursos públicos se destinasse à Justiça e à segurança pública, deixando em segundo plano os investimentos em saúde pública, prevenção, tratamento e reinserção social (MACHADO; BOARINI, 2013).

Nesse contexto, a política antidrogas influencia diretamente no aumento do número de presos, uma vez que a privação de liberdade passou a ser a regra, dado o aumento da pena mínima introduzida na Lei 11.343 de 2016. Além disso, não estão previstos critérios objetivos para distinguir o traficante do usuário de drogas. Assim, mais uma vez, a Criminologia Crítica é chamada para explicar como, em condições fáticas bem semelhantes, a cor da pele, a aparência física e a condição social determinarão o enquadramento da posse de drogas: se para uso ou para venda. Pessoas negras e pobres costumam ser enquadradas como traficantes e não como usuárias de drogas, a despeito de portarem pequenas quantidades de entorpecentes.

Enfim, após tantos anos de proibição, em níveis nacional e internacional, o saldo da guerra é negativo. O tráfico de drogas continua sendo atividade lucrativa e conectada com outros crimes, como homicídios, lavagem de capitais e roubos. A principal consequência é o aumento exponencial da população carcerária, mas não de forma socialmente indiscriminada. Não, o encarceramento atinge camadas da

sociedade oriundas do contexto de desigualdade e pobreza, no qual as mulheres compõem o elo mais fraco, como pontua Helena Salim de Castro (2017, p. x):

Atuam, principalmente, como “mulas”, transportando pequenas quantidades de drogas em seus corpos ou bagagem, correndo o risco maior de serem pegas – muitas organizações enviam as “mulas” para despistar as grandes cargas de drogas traficadas – e causando prejuízos à própria vida, ao ingerir várias cápsulas de cocaína no organismo.

### 3.5 Resistência

Diante de tudo quanto dito até aqui, podemos crer, erroneamente, que as mulheres que praticam tráfico de drogas são sempre vítimas de opressões, subalternas das ações masculinas. Nesta seara, vislumbra-se a importância sociológica do conceito de resistência. Contudo, não se trata de tarefa fácil, posto que ainda não há consenso em torno deste tema.

Em “Conceptualizing Resistance”, Jocelyn A. Hollander e Rachel L. Einwohner (2004) arriscam-se a trazer alguma luz a esse tema. De maneira geral, costuma-se associar a resistência à oposição, luta, recusa à submissão, questionamento, contestação. Por esse ângulo, a resistência é facilmente associada a movimentos sociais, piquetes, marchas e protestos.

Com essa percepção, dois elementos se destacam. O primeiro é a ação, algum comportamento ativo, verbal ou físico, que contradiz, impede e rejeita subordinação. Daí se extrai um segundo elemento: oposição, questionamento consciente da estrutura vigente, rejeição a valores que sustentam relações de poder.

Assim, haveria, então, duas questões centrais: reconhecimento e intenção. Num primeiro momento, no que se relaciona ao reconhecimento, entendeu-se a resistência como ação de oposição facilmente perceptível: confrontação direta e abertamente. Essa conceituação, de logo, foi questionada. Pessoas sem poder não costumam ter recursos, em sentido amplo, para resistir abertamente. Autores levantaram bandeiras de resistência “todos os dias”, cotidianas, dissimuladas, que passam despercebidas, mas que “ajudam a proteger os impotentes da opressão, mascarando os resistentes” (AUTOR, ano, p. x).

Esse contraste entre a resistência cotidiana e a resistência dita convencional sinaliza outro pré-requisito, a visibilidade. Muitos atos são de aberta oposição e

muitos outros não, a exemplo do humor, da arte. Quando se enfrenta “a intenção”, o reconhecimento de atos de resistência fica ainda mais controverso, entendem Hollander e Einwohner (2004). Aqui, é abordada a questão da consciência do resistente: é preciso saber conscientemente que se está resistindo a algum exercício de poder para uma ação se qualificar como resistência?

Essa questão tem sido foco de debate. Para alguns teóricos, a consciência de que se está resistindo seria a “chave” para qualificar um comportamento como resistência. A intenção seria melhor indicador que o resultado, já que este nem sempre é alcançado. Outros autores consideram avaliar a intenção “difícil, senão impossível”.

Diante dessa indefinição, seria possível pensar em “tipos de resistência”? Os cientistas sociais se debruçam sobre casos empíricos. De acordo com estes autores, há um consenso que a resistência envolve alguma ação de oposição. O desacordo reside se a resistência deve ser pretendida ou reconhecida pelos autores e/ou observadores. Fato é que, concluem Hollander e Einwohner (2004, p. x), tem havido uma “enxurrada de pesquisas usando a resistência como um conceito analítico central”.

Para esta pesquisa, veremos, mais adiante, que intenção e visibilidade são conceitos importantes quando estudamos a ação de mulheres no tráfico de drogas, daí porque foram tecidas essas considerações.

Por outro lado, o trabalho intitulado “On Resisting Resistance”, Michael Brown (1996) questiona o que chama de uso indiscriminado da resistência. Segundo o autor, resistência se tornou um tema importante, e até dominante, no estudo da vida social, de forma que “se houvesse qualquer hegemonia atualmente, seria a hegemonia teórica da resistência” (p. x). O autor menciona que a etnografia feminista tem sido influente em mover a Antropologia para a resistência, de forma que estratégias de sobrevivência são tidas como formas sutis de rebelião, e considera ainda haver um “caso amoroso” entre a Antropologia e a resistência. Assim, nesse meio “emergente”, a resistência se tornou uma “ferramenta retórica”. Adescoberta da resistência está em quase todo lugar. Enfim, Brown (1996) defende que a Antropologia cultural ilumina como os seres humanos usam seus recursos emocionais e intelectuais para prosperar numa variedade de configurações sociais em que *dominação* e *subordinação* são elementos chaves nesse processo. Mas

lembra que outros também são, como reciprocidade e altruísmo, ressaltando que a sociedade não pode ser relegada a um *status* conceitual, sem empobrecer a teoria antropológica.

Para fechar nosso passeio pelo tema resistência nesta seção, não podemos deixar de trazer o pensamento de Foucault. Para tanto, visitamos Auterives Maciel Jr., que abordou “resistência e prática de si em Foucault” (2014). Reportando-se às conclusões do filósofo, Maciel Jr. pontua que “não há poder sem resistência” (p. x) e menciona que Michel Foucault entende o “poder como relação de forças, que produz afetos, ações, indivíduos dóceis, gerindo, igualmente, a vida da população” (p. x). O poder existe em toda parte, sujeitando as pessoas às estratégias sociais. O poder, como dito, produz afetos. A resistência aparece para Foucault como um terceiro poder da força. Resistir seria a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político, enquanto capacidade de resistir a um poder que quer gerir. Aqui resistir não é sinônimo de reagir, e sim de criar, de mudanças que apontam para o novo e “engendram possibilidades de vida” (p. x). Daí porque as resistências são sempre mutáveis.

Segundo Maciel Jr. (2014), Foucault propõe uma distinção entre código moral e prática de si. A moral, enquanto conjunto de regras normativas, faz parte do campo do saber. Não há saber sem poder. Contudo, a partir desse código moral, dessas regras obrigatórias do poder, podem surgir regras facultativas do homem livre, com opções e escolhas. Assim, problematiza-se a liberdade de pensar, que passa pela resistência aos poderes, a prática de si, a subjetividade, a prática de se configurar um “eixo autônomo”. A prática da liberdade ganha positividade, garantindo o surgimento do novo em ruptura com as relações de poder. Retomaremos o pensamento deste filósofo mais adiante.

### **3.6 Resistência “feminina” no cometimento de crimes?**

Foram tecidas essas linhas sobre o fenômeno resistência para compreendermos melhor seu alcance quando o assunto toca o feminino. Ora, na bibliografia visitada, aqui e acolá, alguns se repetiram no entendimento de que muitas mulheres enveredam na prática delituosa, sobretudo no tráfico de drogas, levadas por pais, irmãos e amantes. São apontadas, essas mulheres, quase sempre

como pessoas sofredoras, submissas, ocupantes de uma camada social baixa, com pouca ou nenhuma escolaridade formal, e muitas são arrimos de família.

Aponta-se, ainda, que essas ditas mulheres quase nunca assumem destaque ou liderança nessa prática delitiva, posição comumente ocupada pelos homens. Quando essas mulheres chegam a galgar o comando, o fazem à sombra masculina, ou em substituição de seus “amores bandidos”, numa espécie de desvio de comportamento.

Mas seria essa a única conclusão a que poderíamos chegar? Podemos resumir tudo à submissão?

Acreditamos que não! De tudo quanto vimos acerca da resistência, percebemos que mesmo que muitas dessas mulheres não encarem dessa forma, ou as pessoas ao seu redor assim não percebam, muitos dos seus atos podem corresponder à resistência a uma ordem social permeada de mecanismos que lhes impõe subjugação há anos.

Temos que nos aperceber que: se abstrairmos o tema delito e observarmos a história, veremos que a capacidade e possibilidade da prática de muitas ações sempre foi negada à mulher. O machismo e o patriarcado sempre buscaram manter um *status quo* do predomínio do masculino. Para superar ou minimizar o estrago de tantos mecanismos limitadores impostos pelos homens ao longo da história humana, foram necessários muitos atos de resistência feminina, que nem sempre são assim percebidos. Nesse contexto, as histórias de vida das mulheres se tornam importantes objetos de estudo. Verificamos em suas falas e ações verdadeiros atos de resistência ao contexto social em que se encontram inseridas, visando, muitas vezes inconscientemente, reagir numa vida que lhes nega oportunidades.

Transmutando-se esta percepção para a criminalidade, poderíamos entender ações femininas não como forma de submissão, mas de reação, de resistência! Com toda vulnerabilidade, violência de gênero, há reação. Tratam-se de estratégias de sobrevivência, de resistência de que se valem as mulheres, muitas vezes sem perceber, desobedecendo padrões que a sociedade espera delas.

É preciso que enxerguemos isso, porque encontramos-nos limitados por dois lados: *mulher vítima versus homem dominante*. Essa limitação conduz à legitimação de papéis culturalmente estabelecidos para a mulher. Isso acaba influenciando a forma de pensar, situando as mulheres num grupo menos capaz, legitimando o

modelo hegemônico masculino e de inferiorização feminina (CARVALHAES; TONELI, 2017).

No tráfico de drogas, sobretudo, apesar de existir acentuado protagonismo da mulher, há uma espécie de invisibilidade, negação. Precisamos de um novo olhar para verificar as performances femininas e realizar um estudo do feminino não como derivado ou subordinado ao masculino. Para isso, precisamos romper barreiras internas e estereótipos que absorvemos, tais como fragilidade da mulher, ausência de agressividade e capacidade de transgredir.

Dada a importância do tema, detivemo-nos um pouco mais na perspectiva da resistência de Foucault, sob a ótica de Grabois (2013), para maior entendimento do seu alcance.

Rememorando, para Foucault a compreensão das relações de poder atravessa a investigação de formas de resistência. Para ele não é nos grandes acontecimentos que se deve procurar sinais de progresso, mas sim nos quase imperceptíveis. Assim, a resistência estará presente em todas as fases de seu pensamento. Para o filósofo, o poder está em toda parte e provém de todos os lugares e, imanente ao poder, está a resistência. Onde há poder, há resistência, de várias formas: possíveis, improváveis, violentas, planejadas ou não. Não é substância, nem anterior ao poder que enfrenta, coexistem. Se não houvesse resistência, “tudo seria uma questão de obediência” (GRABOIS, 2013, p. x), pregava. A resistência obriga as relações de poder a mudar.

Por essa noção, precisamos de uma análise crítica da questão da resistência, suas manifestações: contraconduta, sublevações e lutas.

A contraconduta foi a expressão considerada mais apropriada pelo filósofo francês por representar “luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (GRABOIS, 2013, p. x), ou “a possibilidade de atuar como sujeito-agente da própria subjetivação a partir de outro modo de condução que não aquele da obediência integral e incondicional” (GRABOIS, 2013, p. x).

As sublevações eram interpretadas por Foucault, como revoltas e levantes, num momento em que ele próprio interveio em lutas em torno de prisões, no apoio a dissidentes soviéticos e prisioneiros espanhóis, na década de 1970, de acordo com Grabois (2013). A sublevação, para Foucault, é o momento em que o homem, um grupo, um povo, diz: “não obedeço mais”.

Para Foucault há três tipos de lutas: lutas sociais, lutas contra formas de exploração e lutas contra sujeição. As lutas sociais se opõem às formas de dominação étnica, social e religiosa. As lutas contra exploração se referem às formas de exploração que separam as pessoas do que elas produzem. Já as lutas contra a sujeição dizem respeito ao enfrentamento de todas as formas de exploração ou dominação, que submetem um indivíduo a outro, que tomaram mais corpo, para o filósofo, na medida em que afirmam o direito à diferença, ao mesmo tempo em que atacam tudo que tenta isolar o indivíduo. Seriam lutas contra os “privilégios do saber”, resistência aos efeitos do poder relacionados ao saber. Giram em torno de uma especificidade: “Quem somos nós?”, contra o Estado que ignora individualidade e determina identidade.

O governo dos outros pelos múltiplos governantes possíveis deve articular-se, portanto, com o governo de si por si mesmo. Promover novas formas de subjetivação através do governo de si por si mesmo. É esta a resistência apontado por Foucault. (GRABOIS, 2013, p. 24).

Por essas breves linhas, vemos que existem várias formas de resistir e que a resistência, mesmo inconscientemente, está presente em todas as relações humanas. Não seria diferente na seara feminina, muito menos em se tratando de tráfico de drogas, que é um fenômeno bastante complexo, e cuja inserção das mulheres traz muitas peculiaridades. É preciso não se perder de vista que o exercício de poder é um processo múltiplo. A dominação não é absoluta, existem momentos de dominação, mutáveis, instáveis. Nestes momentos se verificam os movimentos de resistência. Assim, resistir não seria reagir, pois implicaria na resposta esperada pelo sistema. Resistir seria sinônimo de criar possibilidades de existir compondo forças inesperadas: novas práticas, práticas de si, fortalecendo a subjetividade. Trata-se de um processo de dobras, que contribuem para que percebamos que o ato de traficar drogas praticado por mulheres pode ser um ato de resistência, por ser a oportunidade de oposição à subjugação que as mulheres sofrem em suas relações com o mundo e em suas relações afetivas.

Tudo isso nem sempre ocorre de forma simples, às claras, uma vez que nem toda luta ou conflito é necessariamente resistência ao poder. Muitos movimentos contestadores são, em verdade, disputas que não pretendem romper estruturas de poder, ao contrário, tentam reproduzi-la. Tivemos essa constatação, dentre outras

autoras, com Barcinski (2009), que relacionou que muitas mulheres buscam o poder no tráfico de drogas, distanciando-se de outras mulheres, em relação às quais se sentiam superiores. Dessa forma, mulheres se rebelam contra a submissão, os maus tratos e a subestimação da capacidade de delinquir. Ousam transgredir. Vivem a própria vida, embora não estejam exatamente contrariando a organização social machista, na medida em que se aproximam do masculino para se incorporar ao enredo do poder, confirmando, assim, o pensamento de Foucault. Num momento, o tráfico de drogas representa uma possibilidade de rompimento dos jogos de poder. No momento seguinte, pode trazer duras consequências para as vidas das mulheres que escolhem trilhar esse caminho.

#### **4 DIMENSÕES DO CAMPO DE PESQUISA: PROCESSOS E DINÂMICAS QUE ATRAVESSAM O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO TRÁFICO DE DROGAS**

Após revisitar tantos conceitos no marco teórico até aqui exposto, chegou o momento de utilizá-los na análise das entrevistas realizadas. Para tanto, escolhemos determinadas categorias que se mostraram mais presentes nos dados coletados na pesquisa e que se afiguram mais aptas a alcançar e dialogar com os objetivos inicialmente pretendidos. Por tais motivos escolhemos as seguintes categorias: gênero, violências sofridas e praticadas por mulheres no cometimento de tráfico de drogas, motivação e estigma.

## 4.1 Gênero

De tudo quanto pesquisamos e discorremos até aqui, de todos os processos analíticos e dados coletados, o gênero se apresenta como primeira categoria clara e objetiva aplicável nesta pesquisa, ou seja, o gênero feminino foi o recorte principal. Todo este trabalho gira em torno do ser mulher. Mas, como defini-la? Entendemos que é necessário um exercício de desapego e distanciamento da noção de subalternidade ao homem, para desconstruir ideias preconcebidas de vitimização quando o enfoque é o cometimento de crimes por parte das mulheres, sobretudo no tráfico de drogas. Temos que nos impor esta precaução para não contribuirmos para a perpetuação de papéis socialmente estabelecidos para homens e mulheres e que reforçam estereótipos de gênero.

Culturalmente a categoria do gênero se apresenta genérica, previamente formatada como se fosse uma estrutura natural onde questionamentos seriam desnecessários, tornando nebuloso o aprendizado das estruturas em que se fundam as relações entre homens e mulheres, naturalizando-se a divisão binária, baseada num aspecto biológico em que a referência é masculina.

Estabelece-se um controle que não parece oprimir, mas quando individualiza os agentes com base em classificações, faz com que as identidades estejam fundamentadas na exclusão e gera ataque a identidades que se apresentam diferentes. Essa é uma forma de exercício de poder que reduz homens e mulheres a papéis historicamente definidos, forçando a aceitação dos “lugares” impostos que cada um deve ocupar no meio social. Assim, de forma imperceptível, as diferenças sexuais são usadas para reproduzir expectativas para homens e mulheres, reforçando preconceitos de gênero.

Por esse motivo, foi possível perceber muitos autores se referirem às mulheres como “vítimas” que agem após impulso ou determinação de seus companheiros. Assim, em boa parte da bibliografia aqui reproduzida se observa a colocação da mulher, o gênero feminino, no lugar de vítima, levada ao crime por seus maridos, namorados e irmãos, as chamadas teias afetivas (COSTA, 2007). Semelhantes posições observamos em Moura (2006), Barcinski (2009) e Lemes e Soares (2018).

Também não estivemos imunes a essa tendência. Ao iniciarmos esta pesquisa, havia uma inclinação pela vitimização feminina. Enxergávamos apenas as mulheres

que confessavam a prática do tráfico de drogas, mas justificavam suas ações na ingerência que sofriam de seus maridos.

Em resumo, de acordo com estas autoras retro mencionadas, muito do que se produziu até o momento conclui que mulheres negras ou pardas, de baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade formal e desempregadas são as que mais se envolvem na prática do tráfico de drogas. Normalmente, são aproveitadas em atividades menos prestigiadas, as chamadas tarefas “menores”, e, por tal motivo, muitas são tidas como meras coadjuvantes dos homens. Conclui-se que apenas um pequeno segmento de mulheres se envolve no tráfico de drogas, mas o fazem em face do poder experimentado, em face da proximidade e alinhamento com os homens. São formas alternativas de poder e de protagonismo feminino diante falta de oportunidades de sobrevivência econômica através de inserção em trabalho formal, aliada à necessidade de sustentar os filhos. Aliás, essas são causas reiteradamente reconhecidas que conduzem as mulheres ao tráfico de drogas, encarado, assim, como uma fonte de renda. Mulheres se dedicam a embalar e transportar drogas, o que as coloca em posição de serem facilmente detidas em flagrante delito. Realizam guarda, depósito e venda de drogas dentro da própria residência, inclusive.

Por outro lado, chama-se atenção para o empoderamento feminino no exercício dessa prática. O poder masculino que essas mulheres experimentam e que gostam e como dele se valem para oprimir outras mulheres e usufruir de bens materiais. Tudo isso tem sido defendido até momento.

Ora, apesar de os relatos colhidos em nossa pesquisa não corresponderem exatamente à realidade, mas sim à percepção da realidade que cada narradora tem, é fato que as nossas entrevistadas ressaltaram que não se sentiram discriminadas no exercício do tráfico de drogas, em qualquer modalidade, pelo fato de serem mulheres. O gênero feminino, pelo que se extrai das nossas entrevistas, não constituiu entrave ao exercício do tráfico de drogas.

As entrevistadas Azalea e Hortência afirmaram, veementemente, que basta ter disposição e coragem para serem respeitadas no tráfico de drogas, a despeito do sexo feminino. Não se sentiram hostilizadas nem dependentes de homens em nenhum momento.

Azalea afirma que nunca sofreu violência nem preconceito por ser mulher, acrescentando que agia tal qual um homem, “segurando arma, vendendo droga”, mas

muitas vezes se contradiz. Afirma também que tinha namorado e que não engravidava porque não queria. Estava no negócio por vontade própria e integrava uma facção criminosa, ressaltando os ganhos financeiros que auferiu com a atividade.

Vejamos trechos de sua entrevista que corroboram nossa percepção, quando a entrevistada fala sobre autonomia e respeito:

[...] É, eu não era assim bem respeitada, não. Lá todo mundo tem seu respeito, sua oportunidade de fazer as coisas, e normalmente todo mundo pegava lá mesmo [...] É... basta querer aprender. Muitas não sabem mexer em arma, mas basta querer aprender e pronto. Se responsabilizar. Se perder, pagar.

Já Hortência ressaltou que preferia andar com os homens, porque representam mais “disposição”. Afirmou que segurava arma e estava disposta a qualquer empreitada, sempre visou dinheiro e fazia parte de uma organização criminosa. Gostava da ação, de atirar contra os traficantes da facção rival. Também ficava nas “quebradas, no meio dos caras”, de vigia à noite. Afirma que não faria nada diferente se pudesse voltar atrás. Vejamos seu relato, *in verbis*:

[...] As quebradas eram pontos de droga que todo lugar tem hoje em dia: líder de facção, facção contra outra, entendeu? Eu andava com os meninos, eu não gosto de andar com mulher, gosto de andar com homem, porque o homem tem mais disposição, o homem não fica de fuxiquinho, homem fala em sua cara, entendeu? Eu pegava arma mesmo, queria ir pra qualquer coisa, enfim, isso pra mim era lucro, entendeu? [...] Eu faço parte de uma... é BDM [...]. Eu gostava de ir nas ações com os meninos, pra dar tiro, tapa no povo, entendeu? Que era contra minha facção. Eu sou uma pessoa que, tipo, entrou na quebrada, eu fico na vigia na noite, aí quando eu tenho sono eu vou pra casa, mas só eu de mulher mesmo. Pra vigiar, entendeu? A quebrada. Era ir pra quebrada dos outros de carro, dar tiro nos caras.

Rosa ressaltou a falta de visitas e como somente as mulheres visitam seus homens presos sendo que elas são esquecidas por eles no cárcere. Apesar de reportar que não sofreu preconceito no tráfico de drogas por ser mulher, afirmando que só foi hostilizada por “pessoas honestas”, admitiu que tem menos mulheres que homens nesse ramo, por falta de coragem, assim como ressaltou que muitas se envolvem por necessidade e por causa de seu companheiro. No que se refere a si própria, demonstrou ter medo do marido, que era líder do tráfico de drogas do bairro e que a mataria se não fosse visitá-lo na prisão, quando ela estava em liberdade. Falou abertamente que estava livre dele porque estava presa. Mostra preocupação com os filhos, um deles aos cuidados da avó materna, o outro filho, também preso, foi

acusado de tráfico de drogas.

Aqui observamos como Rosa se enxerga enquanto mulher traficante, sem se sentir desprestigiada por ser mulher ou mais prestigiada por ser mulher de traficante, depois de ter sido casada com dois deles:

[...] Não. Preconceito da população, não de quem se envolve. Pessoas honestas, sim, mas pessoas que se envolve não tem preconceito, não. [...] Pra tudo. Se envolve. Eles não veem isso como preconceito, não. São poucas mulheres que se envolvem, né? Tem menos mulher. Acho que não tem coragem, muitas vezes eu acho que não tem coragem de se envolver. E muitas vezes se envolvem pela precisão, ou tá com companheiro que se envolve e acaba se envolvendo também, mas não tem preconceito, não, comigo mesmo não, só as pessoas que não se envolve que já olha para nossa cara com outros olhares. [...] Meu negócio era pouca coisa, aí eu pegava no dinheiro, não pegava fiado. Assim, cinco gramas do óleo, aí já pegava esse dinheiro para pagar o aluguel, aí o que sobrava eu investia de novo e pagava. O óleo é o crack. Eu não pegava muita coisa, eu só pegava mesmo para manter. [...] Bem, ninguém se metia na minha vida. Eu era de ajudar também, quando ganhava um dinheirinho a mais, eu era de ajudar [...] Quando eu venho presa, os homens parecem que somem, quando a gente vem presa. Homem não tira cadeia de mulher. Mulher que é otária que ainda vai tirar cadeia dele, ajudar, muitas vezes acaba se envolvendo. Eu mesmo puxei a cadeia de meu ex-marido dez anos. Ele preso, ele tem 12 anos, paido meu filho mais novo. E, nesse intervalo, ele preso, eu só rodando, toda vez que saía ia visitar ele. Porque ele preso, ele se envolve, querendo ou não, ele se envolve, tem o povo dele lá fora [...]. Todos os dois se envolvia. Se envolve, né? O finado e esse de agora, que a gente está separado, tem uns dois anos e alguma coisa que a gente se separou. Quando rodei ele arranhou outra mulher, teve filho. E aí ele está seguindo a vida dele e eu seguindo a minha. Ele está aqui preso. A mulher vem ver ele. Arrumou outra mulher. Geralmente é assim, a gente só presta quando tá na rua, quando a gente é presa, eles abandona. A gente mulher que é difícil abandonar eles, porque se abandonar manda matar, e ele mandou me matar umas três vezes. [...] Sim, esse segundo marido. Porque eu não queria mais mexer com essas coisas. Porque quem labuta com o tráfico no bairro que a gente mora é ele. Então, eu não queria mais me envolver e ele sempre ficava me ameaçando, me mandando carta pela mãe dele. Quando eu vinha ver ele, ele me engarguelava, me batia. Minhas costas é toda marcada dele [...]. Então, era uma cena que eu vivia, porque querendo ou não, se eu abandonasse ele, o povo dele lá fora fazia. Então, querendo ou não, eu tinha que me envolver [...]. A facilidade era essa, que eu, por medo dele, acabava comprandominhas coisas com ele. [...] Esses homens que se envolvem têm várias mulheres. Pra eles fez como tanto fez, se tiver comigo hoje ou se separar amanhã, eles tá nem aí pra isso, não. Muitas vezes uns reconhecem, mas outros não. É sofrida essa vida. [...] Pra mim não tinha vantagem de nada. Tanto que eu tentei me separar dele várias vezes. Agora, assim, né? Eu lhe digo que estou separada porque eu estou presa, não sirvo pra ele mais em nada. [...] Pra mim não, não tinha prestígio, não. Ele é homem que pega várias mulher, ele não tá nem aí. Homem não tem amor a mulher, não... é a coisa mais rara existir isso. Eles querem a posição deles ali [...].

Em relação ao protagonismo da mulher no tráfico de drogas, Rosa pontuou que:

[...] Geralmente tem. [...] Tem muitas ali que manda mais que o homem, né? Lá no bairro mesmo que eu moro, tem uma mulher que ela é mais que o marido dela, e ela mesmo liga, ela mesmo distribui. [...] Hoje em dia mudou muita coisa. Hoje tem mulher que bole independente, não tá nem aí, manda mais que o marido.

Margarida justifica a traficância na necessidade de criar seus seis filhos, uma vez que os pais das crianças não pagam pensão alimentícia regular. Vangloria-se de ter conhecimento nesse meio, afirmando que por isso é chamada para a atividade. Para ela, a mulher faz de tudo no tráfico de drogas e seu “lance” é o comércio, dando “plantões” em via pública, em horários que não atrapalhem sua necessidade de levar seus filhos para a escola. Afirma que nunca apanhou em função do tráfico de drogas e ressalta que tem conhecimento para voltar a vender. Vejamos:

[...] Eu vendia pó, mas eu não fiquei vendendo muito, não. Vendi mais três vezes, assim, porque era por plantão que eles botavam. Aí eu via que aquilo não era pra mim, não estava valendo. O plantão que o povo falava lá era tipo, uma semana você trabalha, aí eles montam, e tem outra semana que você não trabalha de domingo a domingo. Ele me colocava mais de manhã cedo. Como eu tinha as crianças, ele me colocava de manhã cedo. Rapaz, eu ficava de 3 até umas 8 ou 9 horas da madrugada porque eu tinha que colocar meus filhos para escola. Eu me envolvia, mas eu ainda estava cuidando dos meus filhos. Agora da outra cadeia, que meus filhos... está três com o pai, três com minha mãe, mas eles moravam comigo. Eu trabalhava de 3 às 8 horas, mas aí eu não tinha mais nada. [...] Não, nunca me bateram não, porque eu nunca tive aqueles envolvimento de... quando eu me envolvi, eu ficava naquela meta de levantar os 600 reais e depois... que era o dinheiro que eu fazia para levantar minha guia, porque eu vendo churrasco. [...] É, tenho conhecimento. No caso, assim, se eu precisar, que eu não quero mais para mim, qualquer um que chegue para falar com qualquer... eles aceitam [...].

Esses relatos parecem que estão em descompasso com a literatura citada. Diria que se trata de um aparente conflito. A percepção que temos é que essas mulheres se sentem tão fortes e protagonistas que não se apercebem como “soldados” do tráfico de drogas.

É visível que as entrevistadas se sentem empoderadas, na medida em que se julgam em pé de igualdade com os homens, portando armas de fogo nas “quebradas” da vida. Mas não se dão conta que esse empoderamento ocorre com a manutenção de formas de dominação já estabelecidas, ou seja, reproduzindo-se a opressão, com os homens fossem.

#### **4.2 Violências sofridas e praticadas por mulheres no cometimento de tráfico de**

## drogas

Outra categoria que se afigura presente nas entrevistas se refere às violências sofridas e perpetradas pelas mulheres envolvidas no comércio ilícito de drogas.

Em relação às violências sofridas, a que mais nos tocou foi relatada por Violeta, que declara expressamente sua orientação sexual. Diz-se homoafetiva e sofreu estupro. Fala espontaneamente, porque se trata de uma questão que lhe é sensível. Ao longo da conversa, ela reafirma esta condição, fala dos seus relacionamentos e de como sofreu dentro da família. Relatou como apanhou e foi expulsa e como adotou o tráfico de drogas como meio de sustento próprio e de sua companheira. Reafirma, por diversas vezes, a violência sexual sofrida, noticiando que foi vítima de estupro. Mas suas declarações fazem transparecer que o que mais a incomodou foi o fato de ter engravidado, pois não contava com isso, não se via nesse papel. Sequer se recordava de ter se relacionado com um homem. Não aceita o papel de gênero imposto da maternidade, e isso nunca foi respeitado pela família ou pela sociedade. E segue dessa forma, nada mudou na verdade. A entrevistada conclui que deveria ter suportado as agressões, que teria sido melhor para sua vida nunca ter saído de casa, como se tivesse dado motivo à expulsão decidida por seu avô, pessoa apontada como violenta e que maltratava sua avó.

A transcrição de sua fala expõe melhor esse contexto:

Na verdade ele era conhecido da família, ele era conhecido, já tinha amizade, sete anos de amizade dentro da família. Aí foi no dia que estava drogada, cheia de crack, cheia de pó, tinha ido pro show de Ivete Sangalo, ele falou que ia pegar uma cerveja no bar, eu falei que estava maizona. Fui pra casa dele, ele falou pra mim descansar. Só me lembro que eu tinha tomado banho e deitei na cama e dormi. Eu tinha usado muita droga, tinha cheirado, tinha fumado, tinha bebido, estava de virote que eu estava no show de Ivete Sangalo. Que depois de seis meses eu fui no médico pra saber do ginecologista, fazer o preventivo pra ver minha menstruação, aí ela fez lá e falou: “parabéns, você vai ser mamãe!”. Eu endoidei, não sabia que estava grávida. E foi uma surpresa pra minha família, para meus amigos, para minhas amigas, para minhas vizinhas que nunca viram eu me relacionando com homem, sempre fui assumida minha opção sexual. Sai de casa pra me assumir, pra viver minha vida, sempre fui independente, entendeu? Sempre corri atrás das minhas coisas. Daqui a pouco aparece eu tô grávida de seis meses, pense aí. Aí foi outra trajetória. Eu chamei minha família, minha família perguntou com quem eu tinha me relacionado, aí eu falei que a única pessoa que eu tinha dormido na casa, que era amigo e conhecido da gente, foi [fulano]. Aí elas falou: “vou chamar ele pra procurar saber”. Aí ele falou pra minha família que ele sabia que eu nunca ia ficar com ele, por isso ele ficou comigo pra deixar uma semente dele em mim, que era um filho. Ele assumiu que ele me abusou desacordada. Dei queixa na delegacia, dei

queixa, mas depois não achou ele e deixou pra lá. Ele foi embora, sumiu por esse mundo de meu Deus. Mas ele assumiu que ele me abusou, sem minha permissão, eu estava desacordada, drogada, alcoolizada. E o relacionamento que eu estava de dois anos, Ave Maria... foi um inferno, terminou comigo. As meninas que eu jogava futebol de salão, as meninas da escola ficava na resenha que enquanto elas botavam a bola pra fora, eu botava a bola pra dentro, aí eu brigava com essas meninas, era um tormento mesmo.

[...] Eu fazia com toda certeza. Procurar, independentemente da situação da minha família, que se encontrava. Eu procurava não ter saído de casa. Ouvir que independente de... o conselho é bom. E também de certas amizades que eu conheci, que eu me envolvi, que me levou para o mau caminho. Eu falo pra vocês que tem filho, que tem parente, eu falo com todo meu coração que influencia sim. Se a pessoa fuma um cigarro de maconha, influencia sim, se fuma um cigarro normal, influencia sim, porque na hora que aquele estiver com a cabeça virada, não vai ser um conselho que vai dar, vai dar um cigarro, vai dar uma droga, não generalizando, não agravando a todos e a todas, mas de 100%, 99% de dar droga, ou te dar bebida, te dar qualquer que tenha a palavra droga, mas não te dar um ombro amigo, uma palavra de apoio, que foi uma coisa que eu também não tive, foi fortalecimento que eu também não tive. Foi com muito sofrimento também, mas eu hoje, eu entendo se eu não tivesse saído de casa, se eu tivesse seguido as regras, mesmo com espancamento, do jeito que era, não tinha acontecido tudo o que isso em minha vida, não tinha ido para o mundo das drogas, não tinha conhecido pessoas más, e hoje está lutando pra recomeçar.

Violeta também relata outra cena de violência que sofreu quando tentava sobreviver num negócio lícito:

[...] Aí veio um pessoal, a agente até hoje não sabe se foi pra roubar, qual foi a intenção. Chegou lá, deu voz de assalto e deu 11 tiros na minha tia. Eu consegui correr, na hora que puxou a arma, eu corri e ela ficou. Ela tomou 11 tiros, tudo na frente, no rosto, no braço, na parte da barriga e ficou paraplégica.

Nessa mesma posição de violência sofrida, por parte de policiais e dos ex-maridos, traficantes de droga, bem assim dentro do sistema prisional, salta da fala da Rosa:

[...] Só dentro da delegacia, em Alagoinhas, uma vez veio seis mulher, mas por causa de meu filho, mas não teve nada a ver com o tráfico, não. Só apanhei de polícia mesmo. Ele suspeitou, um policial, que eu estava com droga, porque não achou droga dentro da minha casa, na vagina, aí me deixaram nua, colocaram uma antena rádio de som, esses som pequenininho, dentro da minha vagina. Aí, quando fui presa, me levaram para o hospital, que eu estava perdendo muito sangue. Tinha pouco tempo que eu tinha tido... porque meus quatro filhos foi tudo cesariano, aí eu não tinha como me abaixar e eles forçaram demais e empurraram a antena muito na minha vagina. Mas, de ninguém do tráfico, assim, não sofri nada não... nunca. Só dos policias mesmo, quando me prendia. Me batia muito, até hoje eu sinto muita dor de cabeça, de porrada na cabeça. De pessoas envolvido, nunca. Traficar era isso, né? Dá, dá, quando caí, vem preso, todo mundo abandona ea gente acaba tirando ela sozinha. Eu mesmo não tive vergonha, não vou

mentir. Eu caí já três vezes, vim presa três vezes e aí a dificuldade batia e eu acaba me envolvendo mesmo. [...] tem o BDM, tem o Ajeita, tem a Tropa, tem um bocado de facção aí. Eu já me envolvi com pessoas que fornece do BDM, mas eu nunca levantei bandeira, não. Eu pegava, mas nunca levantei bandeira. Querendo ou não, tem que levantar bandeira para esse negócio de “tudo três”... eu não... por isso mesmo eu pegava no dinheiro, porque se eu ficasse participando, eu tinha que levantar bandeira. Então, eu tinha medo pelos meus filhos e meu neto. Eu preferia pegar meu negócio no dinheiro e não ficar devendo nada a ninguém. Porque se tiver devendo sofre dentro do sistema. Ah, esse lugar aqui, só Jesus, viu? Aqui quando vem preso, se não aguentar a porrada dos policiais, acaba perdendo a vida. Se falar demais, acaba perdendo a vida. Aí mesmo na Feminina tem frente. Frente é quem participa de tudo o que está acontecendo dentro da cadeia pra o cabeça cara. Então, a gente tem que vigiar o que fala, o que diz, porque senão quando saí, acaba perdendo a vida aí na frente mesmo. É muito sofrimento. Da outra vez que a senhora veio, lembra que eu falei que estava sendo ameaçada? Graças ao meu bom Deus eu saí. Hoje, olha pra mim com outros olhos, mas sempre com aquele negócio, porque Dona XXX, que é a chefe de segurança, ela e Dona YYY, por eu não ter visita, me ajuda muito. Então, aos olhos de quem tá lá dentro, é que eu sou X9, cagoete. Então, não é tudo que... eu tenho medo de falar. É que nem a senhora disse: “daqui não saí nada”, mas essa conversa aqui, se chegar no ouvido de pessoas... É muito horrível cadeia, sempre vem ordens de pessoas grandes, executa. Eu mesmo perdi o marido de minha sobrinha aí dentro, o cabeça cara mandou matar. E aí mataram ‘engarguelado’ e depois disseram que ele se enforcou, e não foi, a gente sabe. [...] Sim, esse segundo marido. Porque eu não queria mais mexer com essas coisas. Porque quem labuta com o tráfico no bairro que a gente mora é ele. Então, eu não queria mais me envolver e ele sempre ficava me ameaçando, me mandando carta pela mãe dele. Quando eu vinha ver ele, ele me engarguelava, me batia. Minhas costas é toda marcada dele, desse... Então, era uma cena que eu vivia, porque querendo ou não, se eu abandonasse ele, o povo dele lá fora fazia. Então, querendo ou não eu tinha que me envolver.

Ainda nessa seara de violência sofrida, foi possível constatar a dor de Hortência, que perdeu dois irmãos em função do tráfico de drogas por ela praticado:

[...] Porque minha casa era ponto de droga. Aí, lá em XXXXX, quando você está dormindo, usa muito o quebra cadeado. Aí quebraram o cadeado da minha porta, meteram o pé na porta. Eles estavam dormindo, 3 horas da manhã, e perguntaram por mim pra minha mãe. Aí pediu pra meu irmão de 15 anos ficar de joelho, aí deu o tiro de doze nele. Minha irmã também foi pra cima dos caras, só que também mataram ela, de 13 anos, meu irmão tinha 15 e ela 13 [...].

A categoria violência praticada se apresenta com maior destaque nas falas de Azalea e Hortência. Hortência admite claramente ter praticado graves atos de violência ainda muito jovem, quando foi coautora de latrocínio. No tráfico de drogas, verbaliza como gosta de ostentar armas de fogo e sair na companhia de homens para atirar em grupos rivais, orgulhando-se de integrar uma facção criminosa. Sua fala expressa uma tendência real de continuar na mesma atividade quando for solta:

[...] Participei. Estava todo mundo bebendo, todo mundo usando droga. Falaram pra mim e para os meninos que tinha vendido uma fazenda, e que ele estava com muito dinheiro. Só que pelo motivo da agente ser novo, a nossa intenção não era de matar, não, era de pegar, dá umas pauladas e deixar lá e ir embora com o dinheiro. Foi de carro, entendeu? Aí, no outro dia eu soube a notícia que estava morto.

[...] Eu fui pra Fundação Casa, fiquei lá até os 17. Só que, tipo, lá, eu demonstrei meu mundo, eu não ligava pra nada, eu não queria saber de nada, porque nesse mundo, só quem sobrevive são os fortes, entendeu? Porque se você for abastalhado o povo monta em cima e quer te bater. Aí fiquei um tempo bom. Quando eu voltei, já voltei com 17 anos, voltei com 17 anos, já com a mente mais desenvolvida. Aí morei sozinha com 17, fiquei traficando, traficando, vendendo, na minha casa mesmo eu vendia.

[...] eu gostava de ir nas ações com os meninos, pra dar tiro, tapa, no povo, entendeu? Que era contra minha facção.

[...] É falta de oportunidade, eu vou passar fome? Passar fome que eu não vou, né? Me prostituir que eu não vou, né? Então, dinheiro mais fácil...

Azalea, da mesma forma, vangloria-se de portar armas, comercializar droga, oprimir outras pessoas, tal como homens. Nessa posição, sente-se também no poder, capaz de adquirir tudo o que desejar:

[...] porque todo traficante tem seu poder na área que fica. Ah, é difícil de explicar, é mais fácil você sentir. É difícil de explicar. Portar uma arma igual a polícia, ter tudo o que eu quero na hora que eu quero [...]. Tudo o que eu quiser, o que eu quiser, o que me der vontade de eu ter, tudo, em relação a tudo: comida, roupa, tudo, pessoas... com dinheiro você compra quem você quiser. Com dinheiro você compra quem você quiser [...] Uhum! Nada que o dinheiro não compre!

[...] tudo o que um homem fazia, só nunca matei ninguém, nunca feri ninguém, nunca agredi ninguém, assim, fisicamente, porque eu já cheguei a ameaçar, em ter discussão e ameaçar. Uma vida normal igual a do homem, com uma arma, despachando a droga, a polícia vinha, a gente corre.

Vê-se, assim, que as mulheres galgaram novos espaços. Nossas entrevistadas demonstram que conseguiram destaque e sucesso nas atividades que desempenharam, apropriando-se de atos de violência próprios do mundo masculino. Como outras mulheres no mundo afora, ao longo dos anos, questionaram e recusaram a submissão a padrões arcaicos. Ganharam autonomia. E como não poderia ser diferente, embrenharam-se também na seara do crime.

Observando nossas duas protagonistas, Azalea e Hortência, notamos que esse poder feminino que experimentam é sutil e espelha posições que elas próprias entendem que são destinadas aos homens, de forma que não percebem que continuam submissas aos modelos hegemônicos de masculinidade.

Parece-nos, em certa medida, que andamos em círculos, e acabamos por

voltar ao local de partida. Houve mudanças significativas, culturais, políticas, no mercado de trabalho, com a expansão da participação das mulheres, mas ainda estamos muito distantes da almejada equidade. Dessa forma, sofrendo ou praticando violências, as mulheres se apresentam em desvantagem. Não experimentam o poder de forma absoluta, mesmo se considerando protagonistas, refletem o desejo de engajamento na atividade, tal como os homens.

### **4.3 Motivação**

Outra categoria de suma importância nesta pesquisa é a motivação.

Brevemente apropriados de conceitos desenvolvidos no nosso marco teórico à luz da Criminologia Ambiental, sob a influência da Teoria das Atividades Rotineiras e da Teoria Escolha Racional, podemos, agora, fazer uma interlocução com a bibliografia apresentada e as histórias de vida de nossas entrevistadas para a identificação de quais teriam sido as motivações para a prática do tráfico de drogas por aquelas.

Vimos que Azalea narrou que entrou no tráfico de drogas por “escolha própria”, uma vez que tinha suporte familiar e vida escolar regular. Mas aos 15 anos optou pelo comércio de drogas porque gostava do dinheiro, da ostentação e do poder do tráfico e afirmou que o dinheiro compra tudo. Gostava do que fazia e trabalhava de domingo a domingo. Há nesse relato características elencadas na Teoria da Escolha Racional, de alguém que enxergou maiores ganhos na prática delitiva que os que teria numa atividade lícita formal. Além do lucro financeiro, considerava que a ostentação e o poder que experimentava lhe davam sentimento de pertencimento a um grupo de homens, do qual tinha orgulho de integrar. Tudo era computado como benefício total e prisão era o risco que ela tinha que assumir.

Já Hortência narra uma repentina mudança de sua rotina, uma vez que deixou de morar com sua tia, mais protetora, para voltar aos cuidados da genitora, que a deixava na rua, culminando por ser expulsa de casa por um padrasto, aos 14 anos. Aos 15 anos se envolveu em um latrocínio, experimentando a primeira privação de liberdade, ainda menor, onde disse que teve “escola” para aprender a se defender das adversidades do cárcere. Em seguida, descobriu sua vocação para o tráfico de drogas, onde se declarou integrante de uma facção criminosa, ao lado dos homens,

ostentando armas de fogo. Nessa vida, perdeu dois irmãos, inocentes, brutalmente assassinados, apenas porque estavam em sua casa, onde funcionava uma “boca de fumo”. Apesar dessa visível dor, afirmou não ter arrependimento e que nada faria diferente, não descartando o retorno a mesma atividade, quando for solta, acrescentando que não pretende passar fome ou se prostituir, o que demonstra que entende que não teria oportunidades de trabalho formal. Esse discurso evidencia que houve uma abrupta mudança na rotina de Hortência, que a retirou de um lar que lhe dava acolhimento, apresentando-lhe a vida na rua, onde teve que aprender a sobreviver. Assim, percebem-se nuances da Teoria das Atividades Rotineiras.

Na mesma linha, Violeta justifica sua entrada no comércio de drogas através de sua dependência química, bem como na sua origem em um lar desestruturado, onde sofria abusos e violência doméstica.

Para Orquídea, a motivação também teria passado por alteração de sua rotina. Inicialmente tinha um negócio lícito, um salão de beleza próspero, que acabou sendo fechado, após ser ela vítima de um estelionato amoroso. Em seguida, acredita que o transporte internacional de drogas resolveria seus problemas financeiros, mas acabou detida no aeroporto de Salvador, fazendo transporte de significativa quantidade de cocaína. Seu estereótipo foge do “convencional” nesse tipo de crime, uma vez que se trata de uma mulher de pele clara, cabelos louros e com aparente grau de escolaridade maior que as demais. Nessa condição, acreditou que passaria despercebida na alfândega. Aqui, além das linhas da teoria das Atividades Rotineiras, também notamos contornos da Teoria da Escolha Racional, uma vez que a entrevistada assumiu o risco da prisão durante o transporte da droga diante da recompensa prometida, de resolução de uma vida.

Margarida também demonstra ter calculado riscos e benefícios de traficar drogas, na medida em que justifica sua atração pelo negócio, porque era uma forma de ganhar dinheiro “fácil”, com o qual pretendia levantar capital para pagar uma licença de ambulante e vender churrasco no carnaval. Assim, insiste que foi a necessidade financeira que falou mais alto. Afirmou que “trabalhava de domingo a domingo”, em horário fixo, porque tinha filhos para criar. Vê-se, igualmente, delinear-se a Teoria da Escolha Racional.

Da mesma maneira, a motivação econômica é apresentada por Rosa, para quem o tráfico de drogas também se apresenta como forma de ganhar dinheiro “fácil”,

sem trabalhar... ter dinheiro para tudo que deseja, é o que afirma. Além disso, enxerga a mulher traficante “bem sucedida”, como pessoa independente e que mandamais que o marido. Ou seja, benefícios maiores que o risco de ser presa.

Cumpramos observar que todas elas demonstram ter origem humilde, posto que não mostram ter recursos para custear defesa. Fisicamente, com exceção apenas de Orquídea, todas são não brancas e tem baixa escolaridade. Assim, até certo ponto, nossas entrevistadas confirmaram, do ponto de vista da motivação, o que outras mulheres, Brasil afora, em circunstâncias semelhantes, experimentaram. Observamos como os autores constataram que muitas mulheres dedicam-se aos pequenos atos de comércio. Curcio e Faceira (2016), por exemplo, salientaram como o tráfico de drogas mostrou-se como oportunidade de trabalho e busca de poder. Comparando com nossa pesquisa, papéis de subordinação ao masculino historicamente memorizados se repetem, não há dúvidas, na medida em que nossas meninas protagonistas dizem que gostam mesmo de estar na companhia dos rapazes, mas, ao mesmo tempo, vemos formas de resistência se manifestando. Poder e resistência se alternando.

Nesta bibliografia acima citada ressalta-se como as mulheres são chefes de família. A entrada no tráfico de drogas surge como uma alternativa ao mercado formal de trabalho.

Também na nossa pesquisa verificamos essa tendência, inclusive como escolha racional, já que o tráfico de drogas, como pontuado, se apresenta como forma de ganhar dinheiro, garantindo o sustento próprio e determinados "luxos". Os ganhos justificam os riscos... Azalea e Rosa são exemplos que confirmam esta constatação.

Azalea ressaltou como lucrou com o tráfico de drogas:

[...] Comecei a investir em terreno, comecei a construir uma casa, comprei meus móveis. Fui aos poucos conquistando aos pouquinhos, comprando o que eu queria [...] Vendendo na pista, ficava vendendo na boca. Eu preferia à noite, preferia ficar à noite. [...] Durante o dia tá todo mundo te vendo. E a noite tem a escuridão.

Rosa salienta como os lucros no tráfico de drogas são fáceis:

[...] Porque ganha dinheiro ali no fácil, não precisa estar trabalhando, aí acha que aquilo ali é tudo. Se quiser arrumar o cabelo tem dinheiro para ir ao salão sem precisar está pedindo a homem. Você quer viajar você tem o dinheiro. A vida do tráfico é muito fácil porque ganha. Se você se importar assim: Ah, hoje eu vou passar a noite toda vendendo, você vai ganhar dinheiro no fácil,

não precisa está esperando para ganhar dinheiro por mês.

Por outro lado, Cortina (2015) aponta como as prisões continuam sendo mecanismos de controle de pessoas pobres. Aqui, fazendo paralelo com as nossas entrevistadas, constatamos que, definitivamente, não se tratam de pessoas ricas. Cortina insiste que em face da impossibilidade de punir todos os crimes, alguns são apontados como prioridade, com base num perfil de pessoas com maior probabilidade de punição: população que se encontra na marginalidade social.

Mas não podemos, com essas sinalizações, concluir açodadamente que as mulheres são coitadinhas. Muitas ações, na verdade, correspondem a formas, mesmo que veladas e não conscientes, de resistência.

Não por acaso, fomos entender melhor, noutra tópico, os avanços da resistência no campo da sociologia. Com efeito, resistência não pode ser apenas o ato de oposição expresso, de oposição direta. Nem sempre isto é possível. Naverdade, quase sempre não é. Mas nem por isso as pessoas deixam de resistir, sobretudo quando se trata de mulheres. A resistência pode não ser visível facilmente, mas pode se repetir em pequenos atos de “revolta” e indisciplina, de questionamento, de não aceitação ou submissão às regras impostas. E a pessoa que resiste pode estar fazendo isto sem ter consciência, sem intenção “dolosa” para tanto.

Parece-nos que isto ocorre na labuta diária de nossas entrevistadas, que escolhem racionalmente correr o risco da prática delitiva para conseguir o sustento próprio e de terceiros. Claro que esta não é uma regra que se aplica a todas as mulheres, nem seria uma justificativa para acolhermos a prática delitiva como única saída. Mas é inegável que diante da falta de oportunidades de emprego formal, da premente necessidade de sustento próprio e de filhos, da opressão de gênero, a porta que o tráfico de drogas abre é um meio de seguir resistindo, de seguir sobrevivendo, de sentido de pertencimento a um grupo, de acreditar que desfruta de algum prestígio ou poder, tal como os homens.

#### **4.4 Estigma**

O trabalho de campo, o contato pessoal com as entrevistadas foi desafiador. Mas também foi enriquecedor. Tentar enxergar um pouco além das palavras ditas e não ditas, focando no gestual, expressões faciais, sentimentos reais transmitidos.

Certamente não teremos como transcrever em linhas tudo que foi absorvido. Pudemos verificar algo em comum nas entrevistadas: esquivaram-se de falar da vida intramuros. Esta percepção nos remete às conclusões de Danniella (2016), quando realizou entrevistas com internas da Penitenciária Regional de Campina Grande- Paraíba. Naquele trabalho, a autora ressaltou como as mulheres estabelecem relações familiares e vínculos com o crime de maneira diferente dos homens. Mas, a ótica utilizada no contexto prisional normalmente é masculina. A mulher inserida nesta situação ainda é vista como *outsider* na medida em que teve comportamentos que dela a sociedade não esperava, sendo alvo de controles mais rígidos, sobretudo quando encarceradas, segundo aquela autora.

Fato é que a omissão e até recusa expressa das entrevistadas neste trabalho em falar da vida que tinham dentro das celas geraram a noção de que como protagonistas que se mostraram na vida externa, dentro das prisões poderia não ter comportamentos diferentes e o silêncio demonstrava que evitavam mais estigmatização.

Digo mais porque, como mencionado antes, não se pode deixar de registrar que a etnia da maioria das entrevistadas, grau de escolaridade e classe social que falam integrar confirmam a maioria dos estudos até aqui apresentados. Não foram apresentados questionários às internas, uma vez que os objetos de estudo eram histórias de vida, mas a cor da pele era visível, e eram negras ou pardas, com exceção de uma. Demonstravam ter origem humilde. A baixa escolaridade está confirmada nos registros das unidades prisionais que mencionamos na tabela do item 2.3.

Assim, não há como desconsiderar o Estigma, como categoria importante neste trabalho.

Aqui, parece-nos que a Criminologia Crítica de alguma forma explica nossos achados. Vimos, noutro tópico, que à luz desta teoria, serão punidos os crimes que mais afetam os interesses da classe dominante. Dentre os crimes eleitos está o tráfico de drogas. Voltando para o nosso recorte, das seis entrevistadas, presas por tráfico de drogas, eram negras/pardas. Nenhuma delas tinham alto poder aquisitivo, ao contrário, o tráfico de drogas era o meio de sustento ou de resolução de problemas financeiros. Ou seja, no campo da nossa pesquisa, confirmou-se a literatura.

Assim, no dizer de Pires, Monteiro e Liberato, (2018), também apoiados na

Criminologia Crítica, associam-se discriminação de gênero, raça e classe desde a abordagem policial, que dá início ao processo de criminalização de certa parcela da sociedade, resultando numa população carcerária, composta por pobres, negros e jovens, repetindo uma seleção, também no que se refere às mulheres, baseada em critérios semelhantes aos que se aplicam aos homens: classe social e cor.

Da mesma forma, Argüello e Muraro (2015) chamaram atenção para o fato de que a política de guerra às drogas no Brasil fortalece as formas de violência experimentadas pelas mulheres, uma vez em que o sistema de justiça é seletivo e atinge mulheres vulneráveis social e economicamente. Entendem que “o que existe é um processo de criminalização o qual atribui o *status* de 'criminoso' e 'criminosa' aos indivíduos concentrados nos setores subalternos da sociedade [...]”.

Aliando-se as contribuições da Criminologia Crítica com o conceito de Estigma e as escutas de nossas entrevistadas, foi possível verificar na fala de Violeta que as internas sentem certa frustração uma vez que não acreditam em uma segunda chance após o cumprimento da pena. Demonstra-se mágoa por isso e justifica-se o retorno a mesma atividade criminosa por parte de muitas mulheres em função deste estigma. A vida dentro do cárcere também não se afigura fácil. Vejamos:

[...] pela experiência que eu tenho, pela idade que eu tenho entendeu, eu respeito todo mundo sim. A gente tem uma base de conversa de disciplina, de respeito com as agentes, de respeito com vocês. Tem sim o momento de oração que a gente faz no pátio, o momento de oração que a gente individual, nesse lugar mesmo, quem não é convertido, se converte. Eu brinco dizendo que quem não conhece Deus aqui dentro, começa a conhecer. Então, assim, a gente lá dentro, a gente vive uma família, não vê espancamento, agressão. O lugar já não é propício, mas lá em questão de disciplina é tranquilo. Hoje teve baculejo, quase um ano sem ter, hoje teve baculejo no feminino é uma coisa normal em todos os sistemas, teve os prejuízos, mas é normal do sistema prisional. Os prejuízos geralmente são de aparelhos, quando acha as vezes drogas, essas coisas assim.

[...] Oportunidade lá fora eu sei que a gente não tem, isso aí já é fato. Eu já falei para o pessoal aqui, a gente não tem oportunidade lá fora para recomeçar. Eu tenho parente, uma prima minha que saiu há muitos anos, quenão se envolve em nada, que por ela já ter estado nesse lugar... fazer curso, bastante curso feito, está procurando emprego e tá lá desempregada, as amigas todas foram chamadas e ela não foi chamada. Ela tem o cursinho que ela fez, tem experiência na área, mas não chama ela. Se a agente não sair com algum emprego que algum parente tenha algum negócio pra encaixar a agente ou a agente não sair com um capital para colocar um negocinho pra recomeçar, é difícil. É por isso que muitas voltam, por causa disso, oportunidade que não tem. A sociedade vê a agente com outro olhar, com outra visão.

[...] Meu relacionamento com as meninas aí e todos os conjuntos que passei, graças a Deus meu relacionamento é muito bom, entendeu, o respeito de todos. A única dificuldade, eu já entrei em depressão já sai de depressão,

estive depressiva...

[...] Eu sou católica. Mas sou conhecedora da palavra, já fiz catequese, já participei de aula, já fiz participação de trabalhos. Então, eu tenho um pouquinho de conhecimento, aqui dentro a gente procura muito a Deus porque é um lugar que filho chora e a mãe não vê. Então, a gente procura buscar a Deus “vinte e quatro por quarenta e oito”. Porque é um lugar que já teve mortes, é um lugar que já teve vários tipos de coisas pesadas. Então, se a pessoa não tiver fé em Deus, a pessoa surta, a pessoa enlouquece. Tem muita gente que chapa dentro do sistema, não tem a visita da família, por não ter a aproximação. [...] E... pra manter a higiene que é bem difícil por causa dos produtos, das coisas que não é aquelas facilidades pra tá pagando kit. E assim, o que me fortalece mesmo nesse lugar é sem tomar indisciplina, sem tomar um empurrão, é Deus. É a gente ter Deus, joelho no chão. As pessoas com uma besteira apodrecem dentro do sistema, e tem pessoas que chegam com não sei quantas toneladas e vai embora. Aí a gente fica pensando, falando que Deus é injusto. Aí a gente volta e põe na mente o seguinte. Que se a gente não foi embora é que Deus tem algo pra mim preparado lá fora. Eutendo pensar assim pra não chapar, pra conviver melhor, porque doze anos por 10 petecas de crack. Doze anos não é doze dias, já são três, mas não sei quantos eu vou ter que tirar, aliás, em dois mil e vinte e quatro é o que dizem que eu vou tirar minha cadeia, que abre. Então, eu realmente não sei quando eu vou estar com minha família.

[...] eu queria que a senhora colocasse na sua pesquisa, que um dia a gente ouviu, e eu não achei justo, era até pra comentar em uma entrevista que eu tive aqui, mas eu esqueci. Um dia uma agente entrou aqui e disse que a gente era o lixo do governo. No dia que entrou aqui e fez baculejo. E a gente não são o lixo do governo, apenas procuramos um caminho diferente e errado, estreito pra a gente seguir. Então, assim, cada um teve uma forma de vida que veio parar nesse lugar, mas nós temos família lá fora que são trabalhador, que tem seus empregos, que tem seu salário, que não se envolve com nada errado. É igual a senhora, a senhora teve sua posição e teve uma sobrinha ou um sobrinho que é usuário e passou por uma situação dessas. Mas vocês têm uma família, tem uma cultura. Vocês têm a vida de vocês, vocês têm família, e nós não somos lixo, a gente tem nossa família sim. E se eles quisessem que muitas dessas pessoas não voltassem para cá, já que a gente fez curso aqui de máscara, a gente fez curso aqui de corte e costura, teve certificado, quem quer mudar de vida pode sair com um trabalhola fora já esperando com carteira, tudo direitinho, saí na sexta e segunda já está trabalhando na firma, eu aposto com vocês que cinquenta por cento da população carcerária não voltava, porque teve oportunidade do trabalho assalariado. Agora, sair e não ter chance na sociedade por conta da discriminação aqui, cerca de cinquenta por cento vai voltar fazer porque não achou oportunidade. Então, se eles botassem em prática a pessoa sair daqui já com um emprego... aqui tem curso sim, pessoas passam no curso, pegam certificado, mas se saísse com proposta de emprego com carteira assinada pra quem quer mudar realmente, ia ser bem melhor. Eu falo pra senhora que não teve oportunidade lá fora de um trabalho... eu falo pra senhora, agora mesmo, eu te garanto que se eu sair com emprego na mão, eu não volto nunca mais aqui.

Na mesma linha, timidamente, Azalea admite não se enquadrar perfeitamente às regras do cárcere, informando os reiterados “castigos” a que costuma ser submetida, inclusive com quatro processos administrativos, por porte de celular, por agressão física. Já sofreu transferência de unidade. Ainda assim, negou ser uma das lideranças do pátio, embora tenha sido assim apontada pelos agentes penitenciários.

Enfim, tem um estigma e etiquetamento definidos:

[...] Agora estou aqui na cadeia sem poder usufruir nada que eu tenho. Só gastando dinheiro com advogado. Fora os acontecidos que acontece na unidade que assina castigo, é... o PAD, disciplinar.

[...] Eu peguei quatro já, dois foram arquivados e eu estou respondendo dois ainda. O primeiro foi porque eu fui pega com aparelho, o segundo foi agressão física. Eu agredi a menina e fui transferida para Itabuna, fiquei um tempinho de castigo lá em Itabuna, só dois meses, aí eu voltei. E esses dois que eu estou respondendo também, um foi por agressão física também, e o outro por agressão verbal, uma física e uma verbal.

[...] Não, não sou não, não dou frente não. É difícil ter liderança porque quando a polícia, quando faz alguma liderança, a polícia manda logo transferência. Então, cada um responde por si. Eu fui transferida porque eu bati na menina, foi agressão física, por isso que eu fui transferida.

Rosa também relata as dificuldades no cárcere, negando posição de liderança:

[...] É porque eu chamo por Deus, procuro levantar minha cabeça. Porque se agente abaixar todo mundo monta. Então, tem que pedir força a Deus e seguir em frente. Lá fora eu dizia a senhora que, graças a Deus todo mundo me respeita, mas aqui dentro não. Aqui dentro eu sou população, sou igual a minoria, porque a maioria é elas. Então, elas que dá ordem, elas que fazem o que quer e o que não quer. Um dia desses tava até na tranca elas, mas já saíram. Elas que mandam no presídio, pode se dizer assim. 'O que elas disser é ela e acabou'. Ninguém pode passar por cima da ideia senão caí no pau.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi iniciada com uma ideia. Agora, encontro-me envolvida noutra pensamento. Desenvolvendo atividade profissional numa vara de repressão ao tráfico de drogas, deparei-me com processos que tinham mulheres como réis. Em sua grande maioria, as mulheres interrogadas informavam acerca do envolvimento no tráfico de drogas como decorrente de relações afetivas. A porta de entrada para o crime, faziam crer, era aberta por maridos e amantes. Esse foi o móvel inicial da pesquisa.

A princípio, a maior parte da literatura inicialmente visitada também trazia este recorte de subordinação ao masculino. Avançando na bibliografia e iniciando

entrevistas com internas do sistema prisional baiano, mudando de lugar, de magistrada para pesquisadora, mais uma realidade se descortinou: o protagonismo feminino.

Digo outra realidade porque a primeira noção de fragilidade feminina e violência de gênero não é de todo inexistente. A experiência forense e a literatura trazem muitas confirmações neste sentido, repita-se. É indubitável que muitas mulheres entram em contato com o tráfico de drogas por influência de seus companheiros. Guardam drogas em casa, transportam substâncias ilícitas para dentro de presídios. Funcionam como “mulas”, já que costumam passar despercebidas. Para muitas delas, as funções de menor destaque são designadas. A experiência forense confirma isto.

Dificuldades financeiras também constituem móvel para o desembarque nesta prática delitiva. A falta de trabalho formal, a necessidade de criar filhos, quase sempre sozinhas, a noção de que o tráfico de drogas é fonte fácil de renda fazem com que o delito se apresente como alternativa concreta, em vidas sem muitas opções.

Mas, as entrevistas com mulheres acusadas e condenadas por tráfico de drogas trazem mais constatações. Apesar das questões familiares e sociais de fundo, existem mulheres que gostam de “estar entre os homens”, de realizar atos violentos, de ostentar armas de fogo e do comércio de drogas. Falam disso abertamente, gerando a impressão que, uma vez em liberdade, retornarão à prática. Outras dizem que não terão oportunidade, outra saída de sobrevivência.

Fato é que a nossa pesquisa de campo trouxe mulheres que se envolveram no mercado de drogas menos por questões sentimentais, mais por questões econômicas. Percebe-se muito que fizeram verdadeiras escolhas racionais em relação a uma atividade que se apresenta como lucrativa a ponto de valer a pena correr o risco da prisão. Neste contexto, visualiza-se a aplicação da teoria da escolha racional, segundo a qual uma pessoa faz uma escolha entre a atividade lícita e ilícita e vai praticar aquela que lhe traz mais benefícios. Para as mulheres a opção pela atividade ilícita do tráfico de drogas está relacionada à ideia de lucro e de ganho fácil.

A teoria das atividades rotineiras também é aplicável porque constatamos que alterações na rotina de vida destas mulheres, como perda de renda, prisão de marido, expulsão do lar, impuseram-lhes mudanças de comportamento, contatos pessoais

novos, de forma que, nas condições pessoais e sociais em que se encontravam, o crime se afigurou como oportunidade, fruto de reflexão calculada de riscos e benefícios.

Também a Criminologia Crítica mostra suas linhas quando o assunto é o tráfico de drogas e mulheres. Não são poucos os autores que defendem que as prisões efetivamente funcionam como ferramentas de controle de pessoas menos abastadas economicamente, tal como preconizado por esta vertente criminológica, conduzindo ao encarceramento de pessoas que afetem interesses da classe dominante. Para tanto, discriminação de raça, gênero e classe social são impostas, desde a abordagem policial inicial e possivelmente interferirá na denúncia oferecida pelo Ministério Público e numa bem provável sentença condenatória no Poder Judiciário, resultando no que se denomina superencarceramento de mulheres, pobres e negras. Na prática, o flagrante por tráfico de drogas sofre influência do entendimento dos policiais, que apresentam versões muitas vezes contaminadas por rótulos atribuídos aos indivíduos, que, sem muito esforço, tendem a se manter até o final do processo. Como a lei de drogas brasileira não tem critérios objetivos para definir a condição de traficante, a versão inicial da delegacia nem sempre tem condições de ser contestada. Estas são constatações da vida profissional, já que se trata de um mestrado profissional, e que também emanam do marco teórico deste trabalho. A mulher encarcerada, como vimos, carregará, ainda, o estereótipo e estigma de criminosa, e, por conseguinte, maior discriminação sofrerá.

Continuando, trazer essas teorias criminológicas para o campo da realidade factível, sobretudo quando observamos que muitas mulheres realmente optam racionalmente pela prática delitiva, acentua toda uma discussão acerca do tema que envolve o proibicionismo relacionado à política de drogas.

Talvez seja hora de pensarmos em alternativas à criminalização, tal como conscientização sobre as consequências do uso de drogas, como se fez em relação ao tabagismo, por exemplo. Quem sabe a legalização do comércio, com severa tributação voltada para política de saúde pública de redução de danos.

Ignorar este olhar que estas mulheres nos trazem não é uma ação inteligente de nossa parte. Pensamos ser pertinente verificar quão incoerente tem se apresentado a política de drogas no Brasil, com sua orientação preponderantemente proibicionista. Ora, se racionalmente o tráfico de drogas tem se apresentado como

opção válida para milhares de pessoas, efetivamente há algo de errado, o que demanda algum tipo de mudança nas políticas públicas relacionadas à questão.

Reforçar a necessidade de prevenção, estimulando-se a geração de emprego e renda para as mulheres de maior vulnerabilidade social, além de ações para tornar o ensino formal mais atraente, mantendo-se crianças e jovens em escolas, de preferência em tempo integral. Uma chance real de emprego para ex-detentas também seria bem-vinda, uma vez que esta foi uma das maiores queixas que apresentaram, posto que narraram, as entrevistadas, que têm expectativa de dificuldade de reinserção social e laborativa, em função das experiências de outras pessoas com quem tiveram contato, de forma que temem reincidir na mesma prática.

Ademais, evidenciou-se que não existem muitas barreiras para as mulheres entrarem no mercado de drogas, uma vez que normalmente envolvem afazeres informais, no espaço doméstico cotidiano e que se apresenta com um atrativo financeiro, mas arriscado, posto que há grande risco para a liberdade das envolvidas.

No que se relaciona à vida intramuros, não faltaram relatos de abandono material e afetivo no cárcere. Ressalta-se como passam por necessidades materiais e como sentem falta de visitas. Nota-se, então, que a realidade das internas, diferentemente do que ocorre com os homens, é permeada pelo abandono e distanciamento familiar e da sociedade. Assim, não se descarta que, ao delinquir, a mulher, não só infringe dispositivo legal, mas também normas sociais e culturais pré-concebidas, de forma que viola a norma duplamente e, em consequência, é também duplamente punida quando submetida ao sistema de controle penal.

Não se pode desconsiderar, ainda, como a atividade feminina no tráfico de drogas também pode ser vista como atos de resistência, muito embora mesclados com a manutenção de um *status quo ante* na medida em que o empoderamento feminino se dá através de uma ótica masculina.

Observamos que muitas mulheres buscam e encontram poder no tráfico de drogas e até se vangloriam do distanciamento de outras mulheres, em relação às quais sentem-se superiores, aproximando-se dos homens. A princípio, o tráfico de entorpecentes é, na verdade, uma alternativa ao desemprego adotada também pelas mulheres, inclusive como forma de ter o reconhecimento de homens e respeito frente a outras mulheres, visando a ostentação de bens, *status* e poder, de tal modo que relacionam o tráfico ao poder de consumo de bens materiais, “de ter algo e de se

tornar alguém”, de pertencimento a um grupo, ou seja, uma forma de resistir, mesmo que não conscientemente. Rebelam-se e transgridem. Mas, nesse movimento, muitas vezes, reproduzem em face de outras mulheres a mesma opressão que os homens praticam, uma vez que estão buscando a mesma posição.

## REFERÊNCIAS

ARGÜELLO, Katie; MURARO, Mariel. **Mulheres encarceradas por tráfico de drogas no Brasil**: as diversas faces da violência contra a mulher. 2015. Disponível em: <http://andhep.org.br/anais/arquivos/1seminario/GT6.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BARCINSK, Mariana. Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 5, p. 1843-1853, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n5/26.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

\_\_\_\_\_. Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 577-586, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000200026>. Acesso em: 18 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina. **Contextos Clínicos**, v. 5, n. 1, p. 52-61, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ccclin/v5n1/v5n1a07.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo II**. A experiência vivida. 2 ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Disponível em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BIANCHINI, Alice. Mulheres, tráfico de drogas e sua maior vulnerabilidade: série mulher e crime. **JusBrasil**. 2001. Disponível em: <https://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814131/mulheres-trafico-de-drogas-e-sua-maior-vulnerabilidade-serie-mulher-e-crime>. Acesso em: 14 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. INFOPEN Mulheres, 2 ed. Disponível em: [http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres\\_arte\\_07-03-18.pdf](http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres_arte_07-03-18.pdf). Acesso em: 21 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça e da Segurança Pública Departamento Penitenciário Nacional. **INFOPEN MULHERES**. 2018. Disponível em: [https://conectas.org/wp-content/uploads/2018/05/infopenmulheres\\_arte\\_07-03-18.pdf?\\_ga=2.205418320.1784831268.1662036404-654128261.1662036404](https://conectas.org/wp-content/uploads/2018/05/infopenmulheres_arte_07-03-18.pdf?_ga=2.205418320.1784831268.1662036404-654128261.1662036404). Acesso em: 1 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Justiça e da Segurança Pública Departamento Penitenciário Nacional. **INFOPEN**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen/mais-informacoes/relatorios-infopen/relatorios-analiticos/br/brasil-dez-2021.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.

BRAZ, Jéssica Lemes; CORREA, Maxilene Soares. A seletividade do sistema penal brasileiro a partir de uma epistemologia feminista. *Cinetífic@ - Multidisciplinary Journal*, v. 5, n. 1, p. 77-81, 2018. Disponível em: [periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/2824](http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/2824). Acesso em: 20 nov. 2019.

BROWN, Michael F. On Resisting Resistance. 1996. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/17RudHT7omZo3usTKTxJPI539j6qxtrq6c6qW-ICU-uk/edit>. Acesso em: 27 jan. 2022.

CALIXTO, Inês Isabel Capão. **A mulher no crime**: submissa ou subtil? 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Policiais) – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa, Portugal, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/21077>. Acesso em: 7 abr. 2022.

CARVALHAES, Flávia Fernandes de; TONELI, Maria Juracy. Rainhas no Tráfico de Drogas: imagens de poder. 2017. Disponível em:

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/554/509>. Acesso em: 9 abr. 2022.

CARVALHO, Jamile dos S. Processos de criminalização e a participação feminina no tráfico de drogas. **Plural**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 103-132, 2019.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159746/154396>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CASTRO, Helena Salim de. **O elo mais fraco da guerra às drogas**. 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/terraemtranse/2017/04/24/o-elo-mais-fraco-da-guerra-as-drogas/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

CHERNICHARO, Luciana Peluzio. **Sobre mulheres e prisões**: seletividade de gênero e crime de tráfico de drogas no Brasil. 2014. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

[http://www.neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/chernicharo\\_mestrado\\_direito\\_trafico\\_mulheres\\_prisoes\\_ufrj\\_2014.pdf](http://www.neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/chernicharo_mestrado_direito_trafico_mulheres_prisoes_ufrj_2014.pdf) . Acesso em: 8 fev. 2021.

CORTINA, Monica de Ovinski de Camargo. Mulheres e tráfico de drogas: aprisionamento e criminologia feminina. **Revista Estudos Femininos**, v. 23, n. 3, p. 761-778, set./dez. 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2015000300761&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2015000300761&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 11 maio 2020.

COSTA, Elaine Cristina Pimentel. **Amor bandido**: as teias afetivas que envolvem a mulher ao tráfico de drogas. Maceió, EDUFAL: 2007.

CURCIO, Fernanda Santos; FACEIRA, Lobélia da Silva. Mulher, tráfico de drogas e memória: entre a submissão e a resistência. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 13, n. 2, p. 55-70, dez. 2015. Disponível em <http://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/7333/6461>. Acesso em: 19 jul. 2020.

DASSAN, Pedro Augusto Amaral; GIL, Cassiano; FONSECA, Ricardo de Sousa. A nova Criminologia Administrativa. **Revista Jurídica – UNICURITIBA**, v. 3, n. 44, p. 381-410, 2016. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/1756/1148>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DEPEN divulga Mapeamento de mulheres grávidas, idosas e doentes no sistema prisional. **Superintendência dos Serviços Penitenciários**. 2020.

[http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?](http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_conteudo=4852&cod_menu=4#:~:text=Em%202018%2C%20foram%20contabilizadas%2036,ou%20superior%20a%2060%20anos)

[cod\\_conteudo=4852&cod\\_menu=4#:~:text=Em%202018%2C%20foram%20contabilizadas%2036,ou%20superior%20a%2060%20anos](http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_conteudo=4852&cod_menu=4#:~:text=Em%202018%2C%20foram%20contabilizadas%2036,ou%20superior%20a%2060%20anos). Acesso em: 20 fev. 2021.

DIÓGENES, Jôsie Jalles. **Tráfico ilícito de drogas praticado por mulheres no momento do ingresso em estabelecimentos prisionais**: uma análise das reclusas do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa – IPFDAMC. Observatório de Segurança. Disponível em:

Observatório de Segurança. Disponível em:

<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/Trafico%20por%20mulheres.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

DOLCE, Júlia. Duplamente punidas. **Pública** – Agência de Jornalismo. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/duplamente-punidas/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

DUARTE, Anielly Raianny da Silva *et al.* **Mulheres no tráfico de drogas no Brasil: o estudo da mulher no âmbito social e sua inserção no tráfico de entorpecentes**. 2020.

FÁBIO, André Gabette. 5 pontos para entender o aprisionamento feminino no Brasil. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/16/5-pontos-para-entender-o-aprisionamento-feminino-no-Brasil>. Acesso em: 29 nov. 2019.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: Apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51-61, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819/7005>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FRAGA, Paulo César Pontes (org.). **Mulheres e criminalidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

GAMA, Aliny. PCC tem um núcleo feminino tão violento quanto o masculino, diz polícia de AL. **UOL**, 2020. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/07/28/pcc-tem-nucleo-feminino-tao-violento-quanto-masculino-diz-policia-de-al.htm>

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; LEAL, Fabíola Xavier; ABREU, Cassiane Cominoti. A política antidrogas brasileira: velhos dilemas. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 267-276, ago. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000200014>. Acesso em: 28 nov. 2019.

GERMANO, Idalva Maria Pires; MONTEIRO, Rebeca Áurea Ferreira Gomes. Criminologia Crítica, feminismo e interseccionalidade na abordagem do aumento do encarceramento feminino. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. Extra 2, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6829435>. Acesso em: 14 nov. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1963. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53983977/9\\_ESTIGMA\\_-\\_Erving\\_Goffman-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1658954687&Signature=MQIObbn2Gc5qPn1-B0hs1QYjovnO3vC7qgKxSH8YzmBVhCorSDMtEqB1CGookTUklzaVVGHzPzkZySUL7VyrEIOB1aVLwZMTW](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53983977/9_ESTIGMA_-_Erving_Goffman-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1658954687&Signature=MQIObbn2Gc5qPn1-B0hs1QYjovnO3vC7qgKxSH8YzmBVhCorSDMtEqB1CGookTUklzaVVGHzPzkZySUL7VyrEIOB1aVLwZMTW). Acesso em: 21 jul. 2022.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 19, n. 2, p. 7-27, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55736/59152>. Acesso em: 9 ago. 2022.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998. Disponível em: <https://repositorio.sistemas.mpba.mp.br/jspui/bitstream/123456789/525/1/Identidade%20de%20g%C3%aanero%20e%20sexualidade%20-%20Miriam%20Pillar%20Grossi,%201998.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

HART, Carl. **Um preço muito alto**. São Paulo: Zahar, 2014.

HOLLANDER, Jocelyn A.; EINWOHNER, Rachel L. **Conceptualizing resistance**. 2004. Disponível em: [https://docs.google.com/document/d/1vSR7Tbs9Uuu1\\_oFz6LNIj7d9\\_r31FVyvZWIZp4cz-3U/edit](https://docs.google.com/document/d/1vSR7Tbs9Uuu1_oFz6LNIj7d9_r31FVyvZWIZp4cz-3U/edit). Acesso em: 26 jan. 2022.

JUSTIÇA, Conselho Nacional de. **Estatísticas BNMP Nacional**. 2022. Disponível em: <https://portalbnmp.cnj.jus.br/#/estatisticas>. Acesso em: 1 set. 2022.

LANFREDI, Luís Geraldo Sant'Ana (coord.) **Regras de Bangkok**: regras das Nações Unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras. Brasília: CNJ, 2016. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/cd8bc11ffdcbc397c32eecd40afbb74.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

LEMGRUBER, Julita; BOITEUX, Luciana. O fracasso da guerra às drogas. In: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 294-298.

LIMA, Laise Dannielle Feitosa de. **Presa em flagrante**: uma análise da inserção das mulheres no tráfico de drogas. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/250086149.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

LIMA, Raquel da Cruz Lima. Mulheres e o tráfico de drogas: uma sentença tripla, parte I. Disponível em: [itc.org.br/mulheres-e-trafico-de-drogas-uma-sentenca-tripla-parte-i/](http://itc.org.br/mulheres-e-trafico-de-drogas-uma-sentenca-tripla-parte-i/). **Instituto Terra, Trabalho e Cidadania**. 2015. Acesso em: 28 jan. 2020.

LIPSKY, Michael. **Burocracia de nível de rua**. Dilemas do indivíduo nos serviços públicos. Brasília: Enap, 2019. Capítulo 1, p. 37-53.

LOPES, Luciano Santos. A Criminologia Crítica: uma tentativa de intervenção (re)legitimadora no Sistema Penal. **De jure**: Revista jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 5, n.p. jul./dez. 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/16046134.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

LOPES, Regina Maria Fernandes Lopes; CANAZARO, Daniela; LIMA, Irani I. de. Mulheres encarceradas e fatores associados a drogas e crimes. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 2, p. 121-131, 2010. Disponível em: [www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/308](http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/308). Acesso em: 5 nov. 2019.

MACHADO, Edilma. **O consumo e o tráfico de drogas pelo gênero feminino**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=K9Q6EAAAQBAJ&pg=GBS.PT36&hl=pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 580-595, 2013.

MACIEL, Auterives Jr. Resistência e prática de si em Foucault. Trivium, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912014000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100002). Acesso em: 24 jan. 2022.

MOREIRA, Vanessa dos Santos. **Impactos do envolvimento de mulheres presidiárias com o fenômeno das drogas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade federal do Recôncavo da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em [http://www3.pgenf.ufba.br/tesesdissertacoes/2012/MULHER%202012/DISSER\\_PGENF\\_304\\_VANESSA.pdf](http://www3.pgenf.ufba.br/tesesdissertacoes/2012/MULHER%202012/DISSER_PGENF_304_VANESSA.pdf). Acesso em: 12 fev. 2021.

MOURA, Maria Jurema de. FROTA, Maria Helena de Paula. Dilacerando os fios, tricotando às avessas, construindo a trama: mulher, tráfico de drogas e prisão. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=168&path%5B%5D=242>. Acesso em: 6 jul. 2020.

NASCIMENTO, Luciano. **Brasil tem mais de 773 mil encarcerados, maioria no regime fechado**. Presos provisórios são o segundo maior contingente. Brasília: Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-02/brasil-tem-mais-de-773-mil-encarcerados-maioria-no-regime-fechado#:~:text=O%20Brasil%20tem%20mais%20de,da%20Justi%C3%A7a%20e%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%BAblica>. Acesso em: 20 fev. 2021.

OLIVEIRA, Lucas Lopes. Oliveira Shirleny de Souza. **Crítica ao modelo proibicionista frente ao superencarceramento feminino**. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/congresso-de-criminologia/assets/2015/59.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

OLIVEIRA, Nayara Gomes de. **Memória social e mulheres encarceradas: a inserção da mulher no tráfico de drogas**. 2019. Dissertação (Mestrado em memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12872/disserta%c3%a7%c3%a3o%20pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jul. 2020.

RODRIGUES, Patrick Sturião. **Estigma e a condenação penal: uma aproximação à obra de Erving Goffman sob a perspectiva do Sistema Penal Brasileiro**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal

Fluminense, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:  
<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15537/Patrick%20Sturi%c3%a3o%20Rodrigues%20213007418.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jul. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2011. Disponível em:  
Safile:///C:/Users/Administrator/Downloads/Genero-%20Patriarcado-%20Violencia%20%20-livro%20completo%20(1).pdf. Acesso em: 21 jan. 2022.

SCHECAIRA, Sérgio Salomão. Drogas e criminologia. *In*: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 274-278.

SHIKIDA, Pery Francisco Assis *et al.* Crime Econômico de Tráfico de Drogas: Perfil, Custo e Retorno. Disponível em: /Downloads/monica,+4447-9784-1-CE%20(3).pdf. Acesso em: 13 jul. 2022.

SILVA, Aline Pacheco *et al.* “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico** – Estudos de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <http://coletivoepa.pbworks.com/f/historiasdevidametodo.pdf>. Acesso em: 27 set. 2020.

SOUZA, Kátia Ovídia José de. A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 649-657, out./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a05.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

VALENTE, Rafael Vinha. (Re)contextualizando o Homicídio: A Perspectiva da Criminologia Ambiental. 2015. Projeto (Graduação em Criminologia) – Universidade Fernando Pessoa, 2015. Disponível em:  
<https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4953/1/PG%20RVV%2027476.pdf> . Acesso em: 7 jul. 2022.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A – RELATOS PESSOAIS/HISTÓRIAS DE VIDA

A escuta buscou entender de que forma as entrevistadas se veem nos papéis que desempenharam. Existem histórias pessoais de cada participante e suas estratégias individuais de construção de identidade. Nesse nível, como já mencionamos, a escolha recaiu sobre mulheres protagonistas, que admitiram a intencionalidade de suas ações no tráfico de drogas.

Assim, com as transcrições abaixo, trouxemos as impressões registradas, que usamos para categorizar em tópico próprio. Fizemos questão de reproduzi-las porque as palavras revelam sentimentos, como dor, medo, disposição, força, que merecem ser “fotografadas”. As entrevistadas, a exemplo de outra pesquisa que consta em

nossa bibliografia, escolheram nomes de flores como pseudônimos.

## **Orquídea**

A primeira entrevistada informou ter sido condenada pela Justiça da Bahia à pena de 9 anos e 10 meses em regime fechado.

Orquídea: Fui presa no aeroporto, estava levando droga para Europa, daí fiz conexão aqui. Eu ia ficar no hotel de um dia para o outro. No táxi para o aeroporto, eles me prenderam. Aí foi eu e um... na época ele era um conhecido, a gente ficava, sabe? Ele ficava comigo. Ele está preso na cadeia da nova, eu acho, não conheço nada daqui, mas está preso aqui.

Pesquisadora: Queríamos ouvir primeiro um pouco sobre você...

Orquídea: A minha história de vida... eu sou a terceira filha, a gente tinha seis irmãos. Meu pai já faleceu, em 2015, tem cinco anos. Na sequência faleceu a mãe dele, minha avó. Minha avó de parte materna também. Desses cinco anos pra cá, morreu muita gente na minha família. Minha infância, meu pai era alcoólatra, drogado, morreu quase cirrose, bebida, justamente por causa disso, 54 anos, bem novo. Minha mãe, até os trinta anos, ficou casada com meu pai até os 15 anos, não usava nada, era limpa. Depois que a gente se separou... a caçula são de pais diferentes, os outros cinco são do mesmo pai e da mesma mãe. Quando minha mãe se separou, a minha avó pegou meu pai e as cinco crianças – que minha mãe saiu de casa sozinha –, quando viu que minha mãe não ia voltar, pegou as cinco crianças pequenas. Eu tinha dez anos quando minha mãe separou e levou a agente para uma praia. Minha mãe demorou mais de um ano para descobrir onde a gente estava. Nesse um ano, ela descobriu, pelas companhias, drogas, coisa errada. Até ela descobrir onde a gente estava. Ela só descobriu porque meu irmão caçula teve um acidente, e daí a gente teve que ligar pra minha mãe, ela só descobriu por causa disso. Nisso, foi aí que ela descobriu droga, um monte de coisa.

Pesquisadora: Mas você estava afastada de sua mãe voluntariamente?

Orquídea: Não, porque a gente era criança e meu pai com minha avó contavam uma

estória de que minha mãe não queria ver a gente, e a gente não entendia separação, essas coisas. Eu tinha 10 anos, mas a gente nunca tinha ficado longe da minha mãe. Só que minha avó, a mãe do meu pai, sempre estava morando com a gente, aquela sogra que o casamento é um casamento triplo, sabe? E a gente era muito apegado a ela, se minha avó estava, então, está tudo bem. E minha avó falava que minha mãe foi embora. Antes, a gente acreditava nisso, com o passar do tempo, a gente vai crescendo e entendendo como realmente aconteceu. Na época, a gente achava que realmente a mãe foi embora, tal, e não queria... saiu de casa, não falou nada... ok. Ficou os cinco morando com o pai, com a avó. Quando minha mãe descobriu como a gente estava, mesmo assim a gente continuou morando com meu pai, não quis ir embora com minha mãe. Foi aí que minha mãe desencadeou uma depressão e também a vida inteira apanhando. Hoje eu consigo entender isso, antes eu não entendia. Foi aí que minha mãe caiu nas drogas. Hoje em dia minha mãe está no nível hard do crack. Está com 49 anos. Meu pai já faleceu. Ela ficou assim depois que meu pai faleceu, eles nunca mais voltaram, tiveram um convívio bom depois de anos, sabe? Mas depois que meu pai faleceu, que minha mãe deu uma... que morreu a mãe dela também. Agora, há pouco tempo, lá em casa teve muita perda. E eu consigo enxergar que cada um ficou com um trauma. O suporte era minha avó, porque meu pai nunca teve estrutura nenhuma, sempre ela por trás. Meu pai, a vida inteira que conheço por gente, alcoólatra, bêbado, não trabalhava. Quem sustentava a casa e os cinco filhos era minha avó. Só que, assim, eu com 15 anos já saí de casa, fui morar sozinha. Todos os irmãos mais velhos foram se virando, só ficou o caçula. Nessa separação minha mãe teve outro relacionamento e teve meu irmão caçula, que hoje tem 14 anos. Deixa eu ver o que eu posso falar mais...

Pesquisadora: Você teve contato com a droga a nível de uso?

Orquídea: Eu já usei, mas o que eu vim trazer, cocaína, eu nunca usei. Fui usar depois de velha, em festas, em balada, sabe? Esse foi o contato que eu tive, mas não sou muito fã. Mas na minha família a maioria usa cocaína: meus irmãos, meu pai...

Pesquisadora: Você já provou cocaína?

Orquídea: Nunca provei cocaína, é a única coisa que nunca provei. Na balada eu usei special k, que eu fui numa balada rave, balinha.

Pesquisadora: Drogas sintéticas?

Orquídea: Drogas sintéticas, isso. Foi isso que eu usei alguns anos, 18, 19 anos, quando eu tinha, quando eu saía bastante e usava esse tipo de droga. Cocaína eu nunca quis. Eu usava esporadicamente. No caso, álcool, eu já não bebo, nunca bebi, nunca gostei, mas quando eu saía, eu usava naquela época. Hoje em dia faz muito tempo que não mais. Mas a família já não, eu tenho irmãos que usam cocaína diariamente, álcool diariamente, principalmente os irmãos homens. Tenho três, um deles não usa nada, nem fuma cigarro, nada. Tem outro que já fuma cigarro, que já bebe, usa cocaína, mas cada um já tem sua vida, são casados, tem filhos.

Pesquisadora: E você casou, tem filho?

Orquídea: Não. Não sou casada, não tenho filhos. O que aconteceu que eu fiz o que eu fiz. Eu nunca tinha passado pelo sistema, nunca tive problema nenhum na justiça, foi um caso isolado na minha vida. Mas eu já tive irmão que passou, já tinha ciência do que era e de como era, mas eu, em si, nunca tinha passado. Há 10 anos eu trabalho na área de beleza, sou barbeira, cabelereira, 11 anos agora que estou aqui, 11 anos, sempre trabalhei nessa área. E o que aconteceu? Eu tinha um namorado há dois anos atrás, e ele era dono de boca, como se fala na minha cidade. Mataram ele na minha frente, menos de dois anos atrás. Aquilo ali meio que me deixou perturbada, nunca tinha passado por essa situação, esse tipo de coisa. Nesse tempo, eu tinha uns clientes na minha barbearia e me relacionei com um desses clientes, e já tinha confiança. Ele vinha sempre... ele estava suprindo o que eu sentia falta do outro, digamos assim, sabe? Depois que eu tive essa perda, eu acabei me relacionando com esse cliente. Esse cliente foi chegando, já tinha confiança porque ele era meu cliente há muito tempo, mesmo na minha barbearia. Hoje, eu vi que ele agiu de má fé, vi a situação... ele se aproximou e conseguiu arrancar todo meu dinheiro, todinho. Minha família tentava me abrir os olhos, mas quando você está... hoje eu enxergo realmente, eu enxergo que ele agiu de má fé. Mas a gente acha que ele está gostando, sabe? Que faz tudo pela gente, não... ele conseguiu tirar todo meu dinheiro.

Pesquisadora: Nessa época você tinha quantos anos?

Orquídea: 26 anos. Eu estou aqui há um ano e quatro meses.

Pesquisadora: Então, você namorava um traficante, ele foi morto na sua frente, você ficou fragilizada...

Orquídea: Isso. Nisso eu deixei essa pessoa se aproximar de mim. Na verdade, ela já era próxima, ela era meu cliente há meses na minha barbearia, sabe? Mas o contato que a gente tinha era de cliente, profissional, sabe? Aí ele me chamou pra sair...

Pesquisadora: Ele fazia o que, você sabia?

Orquídea: Então, ele me disse, e eu acreditei pelas fotos. Primeiro a gente foi na família dele, então, era meio convicto as coisas. Ele era martelinho de ouro, sabe? Mexe com lataria, essas coisas de carro... Só que ele trabalhava bastante no exterior, trabalhava no exterior e voltava, trabalhava no exterior e voltava.

Pesquisadora: Ele viajava para onde?

Orquídea: Para os Estados Unidos. E tenho fotos, tenho as coisas, eu vi ele trabalhando com os carros.

Pesquisadora: Ele trabalhava com carros, é isso?

Orquídea: Latarias, mexe com latarias. Martelinho de ouro, como fala é... É o que dá muito dinheiro, quem mexe com isso. Eu acreditei nele, a gente se relacionou vários meses. Só que eu tinha barbearia. Minha casa era muito boa, meu custo de vida, muitos anos trabalhando. Ele se aproximou de mim e o dinheiro que eu tinha guardado eu fui dando aos poucos. "Aí que eu vou investir na bolsa, 4 mil reais". E eu não entendia e falava: "Então, vamos investir, né? Se você sabe". Nisso, o que, 4 mil ali, 5 mil em não sei o quê. Aí ele comprou carro em leilão, "Não, quando ofertar, a gente revende". E eu, burra, acreditei. Isso foi as partes que eu fui dando de pouquinho, assim... No final do ano, eu recebi todo fechamento da barbearia e a gente viajou pra Santa Catarina. Tinha 10 mil reais, 7 mil era só de contas que quando eu chegasse eu tinha que pagar. E como janeiro é fraco com coisas de beleza, essas coisas, por isso eu já tinha deixado tudo certinho. No dia eu falei assim: "Eu acho que vou deixar tudo na casa da minha irmã". A gente estava mais longe da casa da minha irmã do que da casa dele, a casa dele já estava mais perto, aí ele

disse para deixar lá na casa dele e eu confiei: “Deixa lá em casa, que na volta a gente pega”. Deixei na casa dele, peguei só 3 mil reais e viajamos. Curtimos um mês na praia. Quando voltei, a casa dele estava sendo reformada. Aí ele falou “Ah, minha mãe passou aqui e pagou o dinheiro. Na casa da minha mãe, né?”. Aí eu falei: “Tudo bem, né? Vamos pegar na casa de sua mãe”. Aí ele disse: “Minha mãe viajou”. Aí começou os problemas: “Tá bom, sua mãe viajou e deixou na volta pra gente pegar”. Aí ele me contou maior estória e nada dessa mãe vir, e passando o dia de pagar os aluguéis, todas as contas que a gente tem, e faltava mais 10 dias pra girar o outro mês, porque a gente tinha viajado, ou seja, já estava juntando dois meses de aluguel que eu tinha que acertar, e nada dessa mãe aparecer. E daí eu comecei a cobrar dos outros, do dinheiro do carro, da bolsa, pegue e tal pra gente acertar. Aí que ele começou a se mostrar. Todo dia ele contava uma estória e nada desse dinheiro, nadadesse dinheiro. Não apareceu nem esse dinheiro, nem a mãe dele. A gente começou a brigar. Foi aí que eu comecei a descobrir que ele só queria meu dinheiro mesmo e nada daquilo que ele tinha me contado ia voltar. Nisso, eu morava de aluguel na minha casa... era tudo o mesmo dono. Quando eu vi, deu três meses de aluguel. Foi aí que a gente começou a brigar muito, e daí eu terminei com ele justamente por causa disso, que a gente estava brigando demais, estava mentindo demais. Assim que eu terminei com ele, a gente se afastou, vários amigos meus vieram me procurar: amigo mulher, amigo homem, que ele tinha ido pegar dinheiro emprestado. Além de pegar o meu dinheiro, todos os meus colegas mais próximos que eu apresentei, que a gente saiu, ele conseguiu tirar mil em um, 300 em outro, você acredita? Me senti mal, porque o vínculo, né? Foi eu que apresentei, como confiavam em mim, ele me usou. E ainda ameaçava as pessoas que se me contassem... ele só me contou depois que a gente terminou, depois que eu não tinha mais nada com ele. Gente, foi mais de dez pessoas. Quando eu terminei com ele, ex-namoradas dele me procurando no *Instagram*, me contando... Ele pegou 60 mil de uma, 200 da outra, 40 mil... apareceu tanta mulher, eu falei: “Gente do céu, e agora?”. E nisso ele me falando que ia me pagar, todo mês pedindo conta, eu mandava, e nada, sumia. Daí eu tive que fechar minha barbearia, meu salão, eu não tinha mais capital, e um mês não dava pra eu capitar tudo, do bolo que ficou, sabe? Daí eu tive que sair da minha casa para ir morar com minha irmã, tive que me desfazer de todas as minhas coisas. Foi aí que recebi o convite para viajar pra fora, que eu estava desiludida da vida, falei: “Vou embora, vou

voar para Europa!”.

Pesquisadora: Você ia para onde na Europa?

Orquídea: Eu ia pra... esqueci o nome da cidade... era... credo que branco!

Pesquisadora: Como essa pessoa te achou?

Orquídea: Essa pessoa era amigo de amigos. Minhas amigas já tinham feito isso, sabe...

Pesquisadora: Foi e voltou sem problema?

Orquídea: Foi e voltou, normal, todo mundo. Eu estava desesperada, morando com os outros. Eu falei: “Vou tentar”. Um mês antes dessa cagada, uma amiga, bem chagada a mim, tinha ido e tinha voltado. Aí eu falei :“Ah, vou fazer, né?”.

Pesquisadora: Mas você fez na intenção de nem voltar?

Orquídea: De nem voltar. Já tinha arrumado todas as minhas coisas, dei tchauachando que ia embora, mas também eu não sabia o que eu ia fazer. Dei tchau como se estivesse indo embora, quase matei todo mundo do coração quando descobriu. Vendi meu carro, que era a única coisa que eu tinha, que ficou assim. Vendi tudo e fizessa loucura. Aí estou aqui, presa. Estava tendo operação no aeroporto, né? Vim presa, tem um ano e quatro meses.

Pesquisadora: Você estava portando o que?

Orquídea: Era em pasta, líquida, na mala.

Pesquisadora: Cocaína?

Orquídea: É. Sete em cada mala tinha. A gente fez um casal. Esse casal era meu conhecido. A gente estava ficando, mas eu tinha acabado de conhecer ele há quatro meses. Ele é amigo da minha mãe, na verdade, da minha família, eu que envolvi ele nessa enrascada também. Ele estava gostando muito de mim, e aí eu falei que ia embora, e ele falou “Eu vou junto”. Mas ele também nunca tinha feito nada de errado. Ele está preso também aqui na nova, não conheço nada aqui, não sei... tá preso também. Ele pegou o mesmo tempo que eu, a mesma coisa... dez anos. Eu peguei

dois artigos. Eu peguei como traficante. No meu ver eu achei que ia ficar pela federal, como “mula”, né? Mas não, a Primeira Vara entendeu que eu sou traficante e me deu tráfico interestadual. Eu fui pega no táxi, eu não tinha nem entrado no táxi, eu estava no aeroporto, saindo da porta, eles me abordaram e me levaram perto do táxi aonde eu ia pegar. Eles me deram tráfico interestadual e tráfico normal. Dez anos pra mim e pra ele, não mudou nada nossa sentença, tanto pra mim quanto pra ele.

Pesquisadora: Você se arrepende?

Orquídea: Ah, com certeza! Muito, muito, muito... um ano e quatro meses aqui, longe da minha família, que eu nunca fiquei. Já estava ficando, me preparando psicologicamente, que eu queria ter ficado esse tempo mais ou menos. Tenho conhecidos que moram pra lá, já tinha visto onde trabalhar, a conseguir cartão de trabalho pra ter mais tempo. Então, eu já estava me preparando pra ficar longe assim, deu mais do que o tempo que eu tinha combinado com minha família, um ano e meio, dois anos depois. Mas, nunca fiquei assim. Nunca recebi visita, nunca vieram, muito longe, muito gasto, não compensa. Me arrependo muito. Me arrependo de ter envolvido, porque eu sei, no fundo do meu coração, que ele só foi por minha conta, porque ele estava gostando de mim, ele deixou bem claro.

Pesquisadora: Você disse isso ao juiz?

Orquídea: Não, esse detalhe eu não contei. Foi tão rápido a audiência, já sentenciou, eu assinei, já me deu até a resposta na hora. Três meses que eu estava aqui já teve a audiência, foi bem rápido. Eu só falei... ele só perguntou se eu sabia o que eu estava levando e eu fui réu confesso, falei que sabia, eu disse que não sabia para quem era, o foco dele era isso, aonde eu tinha conseguido, para onde eu ia levar, pra quem eu ia entregar, foi isso que eles perguntaram, não deu muito brecha pra falar, sabe? O porque eles perguntaram.

Pesquisadora: Sua motivação, então, foi econômica?

Orquídea: Foi financeira. Foi desespero, eu não sei porque eu tive esse desespero. Hoje em dia eu vi que foi desnecessário. Sabe o que é, você está num patamar, né? Aí a gente nunca quer retroceder? Aquilo me deixou desesperada, eu tinha perdido meu trabalho, minha casa, entendeu? Eu nunca fiquei devendo, e o homem me

cobrando, aquela pressão, sabe? Por conta disso, eu achei que 30 mil reais, iria resolver os meus problemas, se desse tudo certo, né? Ia resolver os meus problemas e eu ainda estaria longe, viver uma outra vida, achando que só porque a gente vai estar longe que os problemas vão acabar.

Pesquisadora: Você queria uma mudança de vida?

Orquídea: Eu queria. Eu queria sair dali. Minha família, todo mundo falava “Eu avisei, eu avisei”, aquela coisa. Meus irmãos, aquela coisa, “Eu avisei, eu falei”... todo mundo falando. Então, eu queria sair daquela situação. Hoje em dia eu vejo que... ridículo, né? Eu tive que morar com minha irmã, ficar na casa dela, e eu nunca precisei, eu particularmente nunca passei por essa situação. Eu sempre fui uma pessoa que ajudava todo mundo lá em casa, e do nada, você... acontece tudo isso. Daí eu preferi fazer uma loucura, sabe? Hoje eu vejo que foi um equívoco. Me arrependo muito... muito, muito. Perdendo todo esse tempo aqui longe de todo mundo.

Pesquisadora: Você foi acompanhada de advogada?

Orquídea: Tive. Fui acompanhada de advogado.

Pesquisadora: Sua família pagou?

Orquídea: Minha família pagou, isso. Minha família e a família do... 30mil reais o valor que eu ia receber. A gente pagou metade e combinou que quando sair, na verdade a gente fez um combinado com o advogado, né? Pagamos metade até agora, e quando sair tem ainda mais um tanto pra pagar, ou seja, prejuízo, piorei a situação, piorou total. Meu sonho era morar lá pra fora, agora complicou mais ainda, uma coisa que vai ser mais distante, até eu resolver minha vida na justiça, fazer um passaporte, ir para os Estados Unidos, principalmente, nada disso eu consigo, né? Ficou uma coisa ainda mais distante.

Pesquisadora: Você tinha ideia do valor que você estava carregando:

Orquídea: Não. Eu nem sabia quanto estava carregando. Só vim saber quando a Polícia Federal me pegou e pesou. Eu não sabia nem quanto é que tinha. Eu só sei que lá é muito caro. Aqui eu não sabia,, nem quanto eu estava levando na mala.

Pesquisadora: Além disso tinha dinheiro?

Orquídea: Tinha, tinha 2 mil euros para o custo de hotel, custo da passagem, essas coisas... comida.

Pesquisadora: Isso tudo deve ter pesado na sentença?

Orquídea: Com certeza. Tinha dinheiro meu mesmo. Eu estava com mil reais, era meu mesmo. Estava com duas malas, eu não sabia que era tanto assim. Quando ele pesou, deu 14 quilos de... tinha 7 quilos em cada mala.

Pesquisadora: E até hoje você não sabe quanto vale isso no mercado nacional e internacional?

Orquídea: Eu sei que no internacional vale muito mais, mas também não tenho noção. Eu sei que não chega nem perto desses 30 mil reais. Hoje em dia eu enxergo com a cabeça que a gente estava. Eu me reprimo muito porque não precisava. Esse rapaz também não precisava, e foi por causa de mim, eu sei que foi por causa de mim, ele não precisava, mas ele tinha acabado de se separar, sabe? Perdeu a mãe há pouco tempo, então, ele estava com a cabeça, ele queria sair do Brasil. Quando ele viu que eu estava saindo...

## **Rosa**

Para a segunda entrevistada foram dedicadas duas “sessões”. Percebemos certa timidez da primeira vez e retornamos. Em sua história de vida, ela ressaltou que foi presa por tráfico de drogas na cidade de Alagoinhas.

Rosa: Eu cheguei aqui por tráfico. Rodei por tráfico em Alagoinhas. Estava vendendo, fui presa e estou aqui. Tive que vender, querendo ou não, tenho quatro netos, quatro filhos. Meu filho também está preso, então, dependia muito de mim, aí, querendo ou não, eu participei.

Pesquisadora: Da última vez a senhora falou sobre seu marido...

Rosa: É, mataram ele. Quando eu me ajuntei com ele, ele já era envolvido, e aí mataram ele. Eu com filho, com neto, acabei me envolvendo também nessa vida aí.

Fui presa, fui presa em Feira. Ganhei minha liberdade. Fui presa de novo, aí vim pra aqui. Fui três vezes presa. A primeira vez eu fiquei quatro meses.

Pesquisadora: Quando a senhora começou, a senhora tinha quantos anos?

Rosa: Ah, eu nem lembro... acho que eu tinha 28.

Pesquisadora: Nesse momento a senhora tinha quantos filhos?

Rosa: O começo foi quando as coisas se estreitou. Meu marido, a gente se separou, o pai dos três, e aí eu tive que me envolver. Eu estava grávida desse que está preso, que eu tenho um filho mais novo de 14 anos, fez 14 anos dia 6. E aí, ele preso, eu presa, dependendo, um neto. Meu filho também estava preso em Aracaju. E aí acabou eu entrando de novo nessa vida.

Pesquisadora: Com 28 anos, a senhora era casada e essa pessoa vendia droga?

Rosa: Vendia. O pai dos três. Ele vendia, não distribuía não, não tinha esse espaço não, de distribuir não, era pouca coisa, só era mesmo para pagar aluguel. Ele vendia maconha. Nem tudo ele deixava eu saber. Eu só comecei a me envolver depois que mataram ele. Nessa época, que mataram ele, eu estava presa em Feira, não estava na rua, não. Foi daí que eu comecei a me envolver.

Pesquisadora: Porque estava presa?

Rosa: Por tráfico. Porque invadiram nossa casa e acharam a droga dele, aí eu fui presa.

Pesquisadora: Eu queria que a senhora me dissesse a parte prática da coisa. Como a senhora conseguia pegar a droga, como conseguia vender?

Rosa: Perto de casa tinha alguém que se envolvia e acabou me dando e eu vendendo. Eu vendia crack, maconha.

Pesquisadora: O lucro era bom?

Rosa: Pra pagar um aluguel, sim. Para se manter e sustentar meu neto, dava para sobreviver. Quando rodava, acabava vendendo tudo pra pagar advogado. E aí sempre ficava alguém lidando pra poder me ajudar. Mataram até esse menino que me

ajudava.

Pesquisadora: Como assim ajudar?

Rosa: Porque ele ficava no bairro onde eu morava, vendendo.

Pesquisadora: Fornecedor da senhora?

Rosa: Não. Era um menino que morava lá de junto, que já se envolvia há tempo. Aí, quando eu rodava, ajudava ele e meus filhos. Mas mataram, a polícia matou.

Pesquisadora: A senhora ficava presa e ele ajudando?

Rosa: É.

Pesquisadora: Existe uma ajuda recíproca com quem trabalha com isso?

Rosa: Quem tem coração e vê que a senhora está precisando, ajuda, entendeu? Muitas vezes não, né? Abandona a pessoa na cadeia e não está nem aí, não bota advogado nem nada. No meu caso mesmo, foi minha mãe que ajudou agora. Eu só estou tendo ajuda da minha mãe, a única pessoa que está me ajudando é ela.

Pesquisadora: A senhora sofria algum preconceito por parte dos homens? Tinha algum preconceito por ser mulher?

Rosa: Não. Preconceito da população, não de quem se envolve. Pessoas honestas, sim, mas pessoas que se envolve não tem preconceito, não.

Pesquisadora: Deixam participar normalmente, para tudo, não só transportar, mas vender, distribuir, o que for?

Rosa: Pra tudo se envolve. Eles não veem isso como preconceito, não. São poucas mulheres que se envolvem, né? Tem menos mulher. Acho que não têm coragem, muitas vezes eu acho que não coragem de se envolver. E muitas vezes se envolvem pela precisão, ou tá com companheiro que se envolve e acaba se envolvendo também. Mas não tem preconceito não, comigo mesmo não, só as pessoas que não se envolve que já olha para nossa cara com outros olhares.

Pesquisadora: E a senhora já teve que fazer alguma coisa mais grave por conta do tráfico de drogas?

Rosa: Não. Meu negócio era pouca coisa, aí eu pegava no dinheiro, não pegava fiado. Assim, cinco gramas do óleo, aí já pegava esse dinheiro para pagar o aluguel, aí o que sobrava eu investia de novo e pagava. O óleo é o crack. Eu não pegava muita coisa, eu só pegava mesmo para manter. Porque, até então, eu só tinha medo de rodar. Eu já tinha rodado a primeira vez, fui presa pela primeira vez.

Pesquisadora: Mesmo presa tem que pagar aquilo?

Rosa: É... Pagar! Quando sair da cadeia tem que pagar, se tiver devendo. Eu, graças a Deus, eu não devo nada a ninguém. Porque eu sempre fui assim, eu pegava meu dinheiro, e tinha medo. Eu via muitas coisas acontecer, então, eu evitava. Muita gente perdendo a vida, devendo, não tinha como pagar, ia preso e muitas vezes o chefe mandava executar dentro do presídio. Eu já vi muitas coisas, que eu mesmo não tinha coragem de pegar nada fiado na mão de ninguém. Já perdi primo, meu irmão, já perdi amigos meus dentro do presídio. Aqui mesmo já mandaram matar um, Rafael. Aí, sempre pra justiça é porque eles se enforcaram... não é... não existe isso. Ali já é ordem que vem de pessoas grande. Então, eu tinha medo de pegar uma coisa fiado e acontecer... porque, querendo ou não, aqui nesse lugar sempre tem um chefe, pode ser em qualquer lugar, em qualquer presídio. Essa facção que chegou agora, é tanta facção...

Pesquisadora: Que facção?

Rosa: Tem o BDM, tem o Ajeita, tem a Tropa, tem um bocado de facção aí. Eu já me envolvi com pessoas que fornece do BDM, mas eu nunca levantei bandeira, não. Eu pegava, mas nunca levantei bandeira. Querendo ou não, tem que levantar bandeira para esse negócio de “tudo três”... eu não... por isso mesmo eu pegava no dinheiro, porque se eu ficasse participando, eu tinha que levantar bandeira, então, eu tinha medo pelos meus filhos e meu neto. Eu preferia pegar meu negócio no dinheiro e não ficar devendo nada a ninguém. Porque se tiver devendo sofre dentro do sistema. Ah, esse lugar aqui só Jesus, viu? Aqui, quando vem preso, se não aguentar a porrada dos policiais, acaba perdendo a vida. Se falar demais, acaba perdendo a vida. Aí mesmo, na Feminina, tem frente. Frente é quem participa de tudo o que está acontecendo dentro da cadeia pra o cabeça cara. Então, a gente tem que vigiar o que fala, o que diz, porque senão, quando sai, acaba perdendo a vida aí na frente mesmo.

É muito sofrimento. Da outra vez que a senhora veio, lembra que eu falei que estava sendo ameaçada? Graças ao meu bom Deus eu saí. Hoje, olha pra mim com outros olhos, mas sempre com aquele negócio, porque Dona Xxx, que é a chefe de segurança, ela e Dona Yyy, por eu não ter visita, me ajuda muito. Então, aos olhos de quem tá lá dentro, é que eu sou X9, cagoete. Então, não é tudo que... eu tenho medo de falar. É que nem a senhora disse: “Daqui não sai nada”, mas essa conversa aqui, se chegar no ouvido de pessoas... É muito horrível cadeia, sempre vem ordens de pessoas grandes, executa. Eu mesmo perdi o marido de minha sobrinha aí dentro, o cabeça cara mandou matar. E aí mataram “engarguelado” e depois disseram que ele se enforcou, e não foi, a gente sabe. E a gente sabe que é assim essa vida, por isso mesmo já falei que eu mesmo não quero me envolver mais. Saindo daqui, eu quero arrumar um trabalho. Eu tenho como me manter, graças a Deus, tenho meu quiosque, tenho como trabalhar, pra que ficar se envolvendo nessa vida? Olha o que me trouxe... dois anos já presa, longe dos meus netos, dos meus filhos... meu filho está aí, preso.

Pesquisadora: Já que a senhora tocou no assunto da “frente do presídio”, quando a senhora foi escolhida, inclusive, como uma pessoa de liderança aí...

Rosa: Aqui dentro? Não! Nunca fui. Elas têm raiva porque me chamaram para ser apoio. Porque tem a frente e tem umas dez cabeças que é apoio.

Pesquisadora: A senhora me passa uma figura de uma pessoa forte...

Rosa: Eu? Não é, não. É porque eu chamo por Deus, procuro levantar minha cabeça. Porque se agente abaixar, todo mundo monta. Então, tem que pedir força a Deus e seguir em frente. Lá fora eu dizia a senhora que, graças a Deus, todo mundo me respeita, mas aqui dentro, não. Aqui dentro eu sou população, sou igual a minoria, porque a maioria é elas. Então, elas que dá ordem, elas que fazem o que quer e o que não quer. Um dia desses tava até na tranca elas, mas já saíram. Elas que mandam no presídio, pode se dizer assim. O que elas disser é ela e acabou. Ninguém pode passar por cima da ideia, senão cai no pau.

Pesquisadora: A senhora disse que não tinha visita, porque a senhora não tinha visita?

Rosa: Porque minha mãe é de longe. Minha irmã que vinha me ver. Eu tenho um netinho que nasceu agora, ou eu opino pra minha mãe me ajudar, ou eu opino para minha mãe ajudar meu filho, eu opinei para minha mãe ajudar meu filho, porque meu filho está desempregado. Vai passar, eu vou pedindo força a Deus e vai passar. Lavo roupa de um, roupa de outro e vou seguindo em frente. Porque não adianta ela vir e pensar nos meus filhos, nos meus netos e meus filhos lá fora... Já tem um preso, que minha mãe ajuda também, então, eu preferir ficar assim. Meu filho tem 21, vai fazer 22 agora, eu tenho quatro filhos homens, só esse mais velho que se envolve nessa vida.

Pesquisadora: Me fale um pouco mais sobre a vida no tráfico, do dia a dia.

Rosa: É bom, né? Quando está lá fora, ganhando. Faz um corre aqui, outro ali... é bom, mas quando cai, aí que fica estreito, porque acaba ficando sem nada, o que tem vende. Eu pegava cinco gramas do óleo e aí cortava, ganhava 150 em cima. Pegava meio quilo da massa, maconha...

Pesquisadora: Meio quilo de massa era quanto?

Rosa: 600, 700... ganhava em cima, vendia, aí tirava meu lucro. Pegava de novo, comprava de novo, pra não tá pegando fiado, e ia juntando.

Pesquisadora: Fazia cigarro de dolinhas?

Rosa: Não, balinha de 10.

Pesquisadora: Desses 700, fazia quanto?

Rosa: Fazia 1.200, 1.300, dependendo do movimento. Vendia na minha casa mesmo.

Pesquisadora: Tinha ajudante?

Rosa: Não, era eu mesmo.

Pesquisadora: Vendia na sua casa mesmo? Como era sua relação com os vizinhos?

Rosa: Bem, ninguém se metia na minha vida. Eu era de ajudar também, quando ganhava um dinheirinho a mais, eu era de ajudar os vizinhos. Ia seguindo minha vida normalmente.

Pesquisadora: Ninguém se incomodava com essa venda sua? Você usava também?

Rosa: Não. Já usei, mas essa época não. Já usei quando eu tinha seus 14 anos.

Pesquisadora: O que você vendia? Os usuários usavam na sua casa?

Rosa: Não... Eu vendia o crack e maconha... Comprava e saía.

Pesquisadora: Já teve algum prejuízo?

Rosa: Já, e muito. Dos outros ir na minha casa e não pagar, aí eu ter que cobrir para poder não tá devendo, quando for comprar não tá faltando. E... tinha, às vezes, quebrança, que guardava num lugar e o povo que usava achava, aí quando eu ia pegar não achava mais lá naquele lugar.

Pesquisadora: Guardava aonde?

Rosa: Em mato, em terreno baldio. Nunca na minha casa. Na minha casa só ficava o de vender, porque depois que corta, rende. Meio quilo mesmo, rende um bocado, se souber fazer. Aí guardava num terreno baldio ou de um vizinho, aí quando ia pegar, não achava, alguém fica de olho e ia lá e pegava. Aí eu ficava doida, pegava dinheiro emprestado pra poder começar tudo de novo.

Pesquisadora: Ato de violência, nunca sofreu?

Rosa: Não. Só dentro da delegacia, em Alagoinhas. Uma vez veio seis mulher, mas por causa de meu filho, mas não teve nada a ver com o tráfico, não. Só apanhei de polícia mesmo. Ele suspeitou, um policial, que eu estava com droga, porque não achou droga dentro da minha casa, na vagina, aí me deixaram nua, colocaram uma antena rádio, de som, esses som pequenininho, dentro da minha vagina. Aí, quando fui presa, me levaram para o hospital, que eu estava perdendo muito sangue. Tinha pouco tempo que eu tinha tido... porque meus quatro filhos foi tudo cesariano, aí eu não tinha como me abaixar, e eles forçaram demais, e empurraram a antena muito na minha vagina. Mas, de ninguém do tráfico, assim, não sofri nada, não... nunca! Só das polícias mesmo, quando me prendia. Me batia muito, até hoje eu sinto muita dor de cabeça, de porrada na cabeça. De pessoas envolvido, nunca. Traficar era isso, né? Dá, dá... quando caí, vem preso, todo mundo abandona e a gente acaba tirando ela sozinha. Eu mesmo não tive vergonha, não vou mentir. Eu caí já três vezes, vim presa

três vezes e aí a dificuldade batia e eu acaba me envolvendo mesmo. Mas hoje eu já penso diferente, hoje eu não quero essa vida pra mim.

Pesquisadora: A senhora vai cumprir pena de quanto tempo?

Rosa: Eu não sei, porque desde o dia que estou aqui, nunca me deram cálculo, nunca falaram nada. Eu não sei, eu já estou puxando dois anos.

Pesquisadora: Mas a sentença foi de quanto?

Rosa: Foi sete anos, só que agora diz que é três quintos né? Quando a pessoa vem presa. Eu não entendo muito desse negócio de justiça.

Pesquisadora: Deu sete anos somando com as outras ou sete anos só da última?

Rosa: Não, sete anos essa agora. Peguei nove e tirei quatro, e sete em Feira, mas lá era semiaberto, estava tendo saidinha. Eu tive umas dez saidinhas, aí ganhei minha liberdade, só que estava assinando também. Aí agora eu já tenho dois anos nessa. A primeira eu fiquei um ano e oito, aí puxei dez meses, na delegacia mesmo. Depois peguei nove e fui pra Feira, a segunda. A terceira é essa de agora que eu peguei sete anos. Aí eu não sei quanto tempo eu tenho que tirar ainda. Eu trabalho aqui, eu estudo. Do ano passado eu tenho 200 e poucos dias de remição, desse ano ainda eu não sei, que Dra. Zzz ainda não me falou.

Pesquisadora: Quando tinha saidinha do semiaberto, a senhora vendia?

Rosa: Não. Eu vendia minhas coisas lá dentro. Eu vendia Rommannel, Micheline, conjunto de "baby doll", calcinha... essas coisas dentro do presídio, que o diretor autorizou, porque lá, quem tinha semiaberto, poderia ir no mercadinho, vender alguma coisa lá dentro.

Pesquisadora: Mas a senhora não foi presa ainda na saidinha?

Rosa: Não. Eu tava indo pra saidinha normal. Eu ganhei minha liberdade, aí fui embora.

Pesquisadora: A liberdade condicional, ainda não tinha acabado a pena?

Rosa: Foi. Foi quando eu cheguei na rua, minha mãe passando as coisas na cara,

meu filho preso, aí acabei me envolvendo, mas na saidinha, não. Na saidinha eu cumpri tudo direitinho.

Pesquisadora: A senhora disse que começou aos 28 anos, não é isso? Hoje a senhora está com quanto?

Rosa: 36.

Pesquisadora: Desses oito anos, a senhora ficou presa quantos anos?

Rosa: Dez meses na primeira, na segunda quatro e sete, e agora dois.

Pesquisadora: A maior parte do tempo ficou presa?

Rosa: Só presa.

Pesquisadora: E o relacionamento amoroso?

Rosa: Não. Quando eu venho presa... os homens parecem que somem, quando a gente vem presa. Homem não tira cadeia de mulher. Mulher que é otária, que ainda vai tirar cadeia dele, ajudar, muitas vezes, acaba se envolvendo. Eu mesmo puxei a cadeia de meu "ex" marido dez 10. Ele preso, ele tem 12 anos, pai do meu filho mais novo. E, nesse intervalo, ele preso, eu só rodando, toda vez que saía ia visitar ele. Porque ele preso, ele se envolve, querendo ou não, ele se envolve, tem o povo dele lá fora.

Pesquisadora: Ele se envolve com o que?

Rosa: Com tráfico.

Pesquisadora: Então, seu primeiro marido e seu segundo marido, todos os dois se envolviam?

Rosa: Todos os dois se envolvia. Se envolve, né? O finado e esse de agora, que a gente está separado, tem uns dois anos e alguma coisa que a gente se separou. Quando rodei, ele arranhou outra mulher, teve filho. E aí ele está seguindo a vida dele e eu seguindo a minha. Ele está aqui preso. A mulher vem ver ele. Arrumou outra mulher. Geralmente é assim, a gente só presta quando tá na rua, quando a gente é presa, eles abandona. A gente mulher que é difícil abandonar eles, porque se

abandonar, manda matar, e ele mandou me matar umas três vezes.

Pesquisadora: Ele mandou lhe matar? Esse segundo marido?

Rosa: Sim, esse segundo marido. Porque eu não queria mais mexer com essas coisas. Porque quem labuta com o tráfico no bairro que a gente mora é ele. Então, eu não queria mais me envolver, e ele sempre ficava me ameaçando, me mandando carta pela mãe dele. Quando eu vinha ver ele, ele me engarguelava, me batia. Minhas costas é toda marcada dele, desse Aaa. Então, era uma cena que eu vivia, porque, querendo ou não, se eu abandonasse ele, o povo dele lá fora fazia. Então, querendo ou não, eu tinha que me envolver

Pesquisadora: A senhora era casada com uma pessoa que liderava o tráfico no bairro?

Rosa: Ele lidera o tráfico... até hoje.

Pesquisadora: A senhora não tinha um prestígio não, por isso?

Rosa: A facilidade era essa, que eu, por medo dele, acabava comprando minhas coisas com ele.

Pesquisadora: Mas você, mulher do líder, isso não é bom não?

Rosa: Não. Esses homens que se envolvem têm várias mulheres. Pra eles fez como tanto fez, se tiver comigo hoje ou se separar amanhã tem, eles tá nem aí pra isso, não. Muitas vezes uns reconhecem, mas outros não. É sofrida essa vida.

Pesquisadora: Então, a senhora não tinha prestígio nenhum de ser casada com o dono do bairro?

Rosa: Não. Pra mim não tinha vantagem de nada. Tanto que eu tentei me separar dele várias vezes. Agora assim, né? Eu lhe digo que estou separada porque eu estou presa, não sirvo pra ele mais em nada. Pra mim não, não tinha prestígio, não. Ele é homem que pega "várias mulher", ele não tá nem aí. Homem não tem amor a mulher não... é a coisa mais rara existir isso. Eles querem a posição deles ali.

Pesquisadora: Tem alguma mulher que tem essa posição também?

Rosa: Tem. Geralmente tem.

Pesquisadora: É fácil para uma mulher ter a mesma posição que um homem tem no tráfico?

Rosa: É. Tem muitas ali que manda mais que o homem, né? Lá no bairro mesmo, que eu moro, tem uma mulher que ela é mais que o marido dela, e ela mesmo liga, ela mesmo distribui.

Pesquisadora: Então, pelo fato de ser mulher não atrapalha nada?

Rosa: Muitas vezes não. Hoje em dia mudou muita coisa. Hoje tem mulher que bole independente, não tá nem aí, manda mais que o marido.

Pesquisadora: A senhora não voltaria para o tráfico hoje?

Rosa: Eu não.

Pesquisadora: Mas é rentável, né?

Rosa: Quando está ganhando é, né? mas quando cai, que perde tudo... eu mesmo estou longe dos meus netos tem quatro anos, nasceu um que eu ainda nem conheci. Tem dois anos eu longe deles. Minha neta mora na minha casa, tá com minha nora e meus dois filhos mais novos. Então, não é vantagem porque acaba... você ganha uma vida que você ganha, e quando cai perde tudo. Então, pra mim não é vantagem. Eu mesmo, saindo dessa vida, eu não me envolvo mais, não, não chego mais nesse lugar aqui não. O que eu passei aqui dentro... as outras cadeias que eu tirei, graças a Deus, eu tirei bem, está perto de casa, querendo ou não, Feira é perto. Aqui eu estou só, me sinto só. Não sei do dia que eu falei com minha família, porque aí o telefone tá quebrado. Meu filho fez aniversário, eu não pude falar com meu filho. Minha mãe vai fazer segunda Feira e não eu não falei, porque dizem que o telefone daí está quebrado. Então, é uma coisa que eu mesmo já parei e pensei: eu não quero mais essa vida. Eu vou tentar seguir minha vida de outra maneira, porque não é vantagem. É bom, a gente vive a vida de ilusão, porque a gente acha ali que é bom, que está ganhando, não sei o que, mas quando cai não tem nada. Porque ganha dinheiro ali no fácil, não precisa estar trabalhando, aí acha que aquilo ali é tudo. Se quiser arrumar o cabelo tem dinheiro para ir ao salão, sem precisar está pedindo a homem. Você quer

viajar, você tem o dinheiro. A vida do tráfico é muito fácil porque ganha. Se você se importar assim: “Ah, hoje eu vou passar a noite toda vendendo”, você vai ganhar dinheiro no fácil, não precisa está esperando para ganhar dinheiro por mês. Então, é isso que eu falo: vida de ilusão. Então, eu não quero isso pra mim, Deus me deu meus quatro netos e eu agora quero seguir minha vida honestamente. Minha mãe que está ajudando, paga meu advogado, que eu pedi até a ela para tirar, porque não estava fazendo nada, só ganhando o dinheiro dela. Ela, aposentada, tendo que está tomando empréstimo.

### **7.1.3. Margarida**

Já a terceira entrevistada era mais jovem. Seu relato vai e volta no tempo. Ela também demonstrou-se atraída pelo que elas denominaram de “dinheiro fácil”, justificando a necessidade de criar os filhos:

Margarida: Tudo começou porque, para mim, pai e mãe não é quem faz, é quem cria. Eu fui criada com meus pais, como se fossem adotivos. Minha mãe morava no Rio de Janeiro e meu pai de sangue nunca me deu nada. De uns três anos para cá eu perdi essa minha mãe e morava com meus seis filhos. Tenho barraca, comecei a me envolver e fui presa. Hoje eu tenho 28. Estamos em 2020, né? Isso foi em 2018, 2019, não lembro quando foi, mas isso foi em um carnaval, e tinha seis filhos, mas morava todo mundo comigo. Dessa vez que fui presa, meu pai ficou doente, a minha mãe do Rio veio para cá, aí perdi minha mãe e só fiquei com minha mãe que me teve. Me separei do marido, dos pais dos meus três filhos, ele só queria dá as coisas das crianças se eu ficasse com ele, eu já não queria mais. Então, fui para o lado de vender droga, comecei me envolver. Em um carnaval eu fui presa e não me envolvi mais. Eu já usava, eu só uso maconha, eu sou usuária de maconha. Quando eu me separei, perdi minha mãe, e aí eu tinha que manter meus seis filhos, aí o pai dos meninos queria mandar uma quantidade que não dava, queria mandar 300 reais, morando de aluguel, não tem como, eu não poderia deixar faltar nada para os meus filhos. Aí eu comecei a me envolver, comecei a traficar, aí eu fui presa, fui presa pela primeira vez, só que não cheguei a vir para aqui, saí na audiência de custódia. E nisso, onde eu moro e sou nascida e criada, os policiais já me conheciam e começaram

a perseguir minha casa. Onde eu alugava a casa, eles queriam invadir.

Pesquisadora: Isso foi na primeira vez que você foi presa?

Margarida: Foi, eles começaram a me perseguir. A primeira vez que eu fui presa, eles não me acharam com nada, eu quase perdi a guarda dos meus filhos por causa disso. Eles me abordaram na rua, os meus filhos estavam comigo. Ele primeiro pegou dois meninos, depois me pegou. Eu só vim saber o paradeiro dos meus filhos depois de 15 dias.

Pesquisadora: Mas, como foi, você disse que foi presa no carnaval?

Margarida: Eu já fui porque eu já me envolvia no carnaval, fui pega com o que estava comigo. Ai, por isso, porque é polícia de bairro, da companhia da 50, por eles saberem que eu me envolvia, só que já tinha minha ficha, já tinham pego, já tinham me levado, mas só que não tinha nada comigo, me trouxeram, e eu falei que ele estava me ameaçando de morte e ele disse que quando me visse iria me matar e, realmente, ele ficou me perseguindo. Eu, em um mês, aluguei três casas com meus filhos.

Pesquisadora: Você está falando do policial?

Margarida: Do policial de agora, dessa cadeia que eu tive. Porque eu saí, fui presa em janeiro, saí em março. Aí estava de tornozeleira, saí de tornozeleira, já tinha dois meses na rua e eu não estava me envolvendo com nada, aí a menina foi pega, que rodou comigo, que foi presa junto comigo, que foi pega primeiro, essa menina na Paralela. Aí eu liguei pra ela e não sabia que ela estava presa. Aí quando eu desliguei o telefone, eu tinha acabado de ver os meus filhos, que eu não estava mais com eles, recente que eu tinha saído do presídio, estava levantando minha vida, tinha acabado de comprar uma geladeira de 200... não sei o que foi, quando eu vi, a polícia já estava na minha porta, e eu não imagina que tinha sido ela que tinha levado. Eles chegaram na minha casa e revistaram tudo e não acharam nada, porque eu não estava me envolvendo. Aí, o que acontece, ele me levou para a delegacia da DRACO, quando chegou lá, os depoimentos dos policiais, a menina que foi pega saiu eu que fui pega, não tive nem direito de audiência custódia, já vim com a preventiva, eles não me deram nem o motivo de explicar. E ela hoje em dia está na rua e eu estou aqui por

causa da tornozeleira. Nesse dia eu não tinha nada. Eles revistaram. O depoimento do policial não tinha nada na minha casa. Eu já estava com a tornozeleira do fato da minha outra cadeia, só que dessa vez eu estava em casa, não estava fazendo nada. Da outra vez eles me pegaram na rua com meus filhos, da primeira vez que eu fui presa, dessa segunda agora eles me pegaram dentro da minha casa sem nada. No depoimento tem. Se eles disserem que pegou uma bagana, alguma coisa na minha casa, eles estão mentindo, não pegaram nada. E aí já me trouxeram para aqui, chegaram lá dizendo que era da tornozeleira da SEAPEN, me trouxeram, aí quando chegou lá, a menina estava lá, ela disse que... não sei se ela disse, eu sei que ela...eu estou realmente, eu tenho conhecimento que eu não queria me envolver, quem botou ela na verdade para fazer esse trabalho, na verdade fui eu que indiquei ela, entendeu? Eu sou sincera. Eles chegaram para mim e contou assim: “Margarida, tem um corre aí para você fazer, você quer?”, eu falei: “Eu não quero participar”, ela estava comigo, do meu lado. “Eu não quero porque eu acabei de sair do presídio, estou tentando reconstruir minha vida, estou de tornozeleira”, ela pegou e falou assim: “Margarida, eu vou”, eu peguei e falei assim: “Tem uma colega aqui que está dizendo que vai, então, vou passar seu número para ela, e aí eles acertam”.

Pesquisadora: Quero que você me fale dessa situação. Como é, e como é que faz para entrar no corre?

Margarida: Rapaz, tudo vai de conhecimento. No caso, assim, por exemplo, eu já me envolvi, aí as vezes, quando a gente quer chegar lá fora, nunca quer perder o contato, aí chega e começa a falar no Facebook, quando chega eles falam “E aí, para fazer um corre?”. O corre que eles fazem depende, depende do que você falar. Tem corre para levar droga, tem corre para traficar, tem corre para você levar arma, cada um tem um jeito de...

Pesquisadora: Mulher também faz?

Margarida: Faz.

Pesquisadora: Faz de tudo?

Margarida: Faz. Rapaz, eu sei que faz, mas com muitos detalhes eu não sei, porque eu não fazia. Eu fazia quando traficava, eu vendia. Eu vendia quando tinha festa no

Farol da Barra e já me envolvi lá em Sete de Abril, só que não foi me envolver vendendo, foi aí que começou as amizades demais. Aí eles que me deram a mercadoria e eu vendi na Barra, entendeu? Foi aí que eu fui presa e depois que fui presa e eu não quis mais movimento nenhum.

Pesquisadora: Eles lhe deram a mercadoria? Não paga por ela, não?

Margarida: Não, eu tinha acabado de pegar. Eles tinham me entregado lá na Barra, porque eu vendo, eu sou ambulante, tenho licença no Farol da Barra, eu e minha família. Então, nesse dia, estava pagando a licença, 300 e alguma coisa.

Pesquisadora: Licença de quê?

Margarida: Para trabalhar de ambulante na Barra, no carnaval, e aí o dinheiro que eu estava era o valor, ou eu pagava a licença...

Pesquisadora: A licença era para vender o quê?

Margarida: Cerveja, em frente ao Farol da Barra. A gente trabalha todo ano nas festas.

Pesquisadora: Eles já sabiam que vocês tinham essa licença?

Margarida: Já. Ele chegou e levou lá para mim, porque eu não saio da Barra, que a gente chegava, esperava o carnaval começar, a gente chega 15 dias antes. Eu não saio do ponto para não perder a vaga, então, eles foram para curtir e chegou lá e me entregou. Eu não tinha vendido, eles só foram me entregar. Quando eu descii para poder fumar, aí eu fui abordada, e aí estava comigo, é minha, né?

Pesquisadora: Mas você ia vender?

Margarida: Lá. Mas é isso que eu estava explicando. Eu estava com 300 e pouco, ou eu pagava licença para trabalhar legalmente, ou eu comprava de mercadoria, então, eu preferi pagar licença, deixei minha mãe trabalhando, aí eles me ofereceram o dinheiro e eu já ia levantar o dinheiro da minha mercadoria, que eu ia vender churrasco através do tráfico, mas não deu certo, fui presa.

Pesquisadora: Mas em alguma vez deu certo?

Margarida: Rapaz, vender, vender, assim, ficar em boca, não. Eu trabalhava em carnaval. Porque eu sempre tive meu bar.

Pesquisadora: Você já chegou a realizar alguma vez o comércio?

Margarida: Já cheguei.

Pesquisadora: Como era? Era difícil para você por ser mulher?

Margarida: Geralmente quem fica mais é homem, mas a necessidade é que fala mais alto. Vendia. Eles soltavam a mercadoria na mão da gente, quando a gente ficava, quando vende, presta conta com outra pessoa. Eles levam. Que se encontrava na boca, se encontrava e pegava tudo dividido. Por exemplo: tinha uma carga de pó de 1.200, mil seu, 200 meu. Aí, aqueles 200, você já olha e fala assim: “Meus filhos”.

Pesquisadora: Você vendia os 1.200 e mil era dele?

Margarida: Dele.

Pesquisadora: Mil dele e 200 seu?

Margarida: Isso. Eu vendia pó, mas eu não fiquei vendendo muito, não. Vendi mais três vezes assim, porque era pro plantão que eles botavam. Aí eu via que aquilo não era pra mim, não estava valendo. O plantão que o povo falava lá, era tipo, uma semana você trabalha, aí eles montam, e tem outra semana que você não trabalha de domingo a domingo. Ele me colocava mais de manhã cedo. Como eu tinha as crianças, ele me colocava de manhã cedo. Rapaz, eu ficava de 3 até umas 8 ou 9hs horas da madrugada, porque eu tinha que colocar meus filhos para escola. Eu me envolvia, mas eu ainda estava cuidando dos meus filhos. Agora da outra cadeia que meus filhos... está três com o pai, três com minha mãe, mas eles moravam comigo. Eu trabalhava de 3 às 8 horas, mas aí eu não tinha mais nada.

Pesquisadora: Trabalhava em pé?

Margarida: Em pé.

Pesquisadora: Só ganhava o que vendesse? Não tinha salário?

Margarida: É, não tinha, não. Para você ganhar você tinha que vender. Vendendo ou

não você tinha que está lá. Por isso que eu não quero isso... você é doido... agora eu fico olhando assim, estou na cadeia por uma coisa que... eles queriam que a gente vendesse 1.200 por dia. Final de semana é dia fluxo, como eles falam, dia de movimento, então, tinha que vender tudo, né?

Pesquisadora: E aí, no dia em que foi presa, perdeu a droga, não foi?

Margarida: Perdi.

Pesquisadora: Você teve que pagar?

Margarida: Eu não paguei, mas ficaram falando lá para minha mãe que iriam me matar, que iriam fazer acontecer.

Pesquisadora: E sua mãe pagou?

Margarida: Não, minha mãe disse quem não tem nada. Eu nem fui lá na Barra. Meu menino, já tem um que é finado, foi o que foi preso comigo. Eu não tenho dinheiro para pagar, não e nem vou me envolver para pagar, porque estou perdendo a melhor parte dos meus filhos, e isso não recompensa não, eu não tenho necessidade, não. Eu tenho a mais velha de 12, fez 12 anos esses dias. Tenho o mais novo que tem 3 [choro]. Eu tenho uma de 11 e um que vai fazer 10, a menina de 6, um de 4 e um de 3. O aniversário deles é agora, em dezembro [choro].

Pesquisadora: Você recebe visita?

Margarida: Meu pai disse que ia fazer a carteira, só que meu alvará, porque eu fiquei só dois meses presa, aí meu alvará chegou, e até agora, eu já vou fazer seis meses, e até agora ele...

Pesquisadora: A senhora tem advogado ou defensoria?

Margarida: Defensoria.

Pesquisadora: A senhora usava alguma coisa?

Margarida: Não, só fumava.

Pesquisadora: Sofreu alguma violência nesse exercício da venda de droga? Violência

física, violência moral por parte de alguém? Já lhe bateram por causa do tráfico.

Margarida: Não, nunca me bateram não, porque eu nunca tive aqueles envolvimento de... quando eu me envolvi, eu ficava naquela meta de levantar os 600 reais e depois... que era o dinheiro que eu fazia para levantar minha guia, porque eu vendo churrasco. Tinha festa mesmo no Parque de Exposição, jogo de Barradão, tudo isso eu trabalhava vendendo churrasco. Às vezes, eu não tinha o dinheiro da mercadoria, aí eu fazia para poder investir e ir trabalhar. É, tenho conhecimento. No caso assim, se eu precisar, que eu não quero mais para mim, qualquer um que chegue para falar com qualquer... eles aceitam. No caso, eu não indico ninguém, no caso, ia ser para eu fazer, eu não quis, ela se ofereceu, então, já que ela se oferece, ela assumo, eu fui lá e passei o telefone para ela. Nesse dia eu fui ver meus filhos, parece que eu senti, comprei três coisas de Danone, eu estava morando em Itapuã e minha mãe na Vasco, porque tem três com minha mãe e três com meu pai. Aí eu comprei três coisas de Danone e fui lá ver eles, quando eu termino de chegar em casa, estou ajeitando a casa, estou vendo a polícia na minha porta. Eu ainda falei... eu até pensei que eles tivessem ido porque eu tinha saído de casa, porque eu não saia, tinha saído de casa para ver meus filhos. Eu não tinha uma vida no tráfico, dizer que eu era envolvida.

Pesquisadora: Quanto tempo está presa?

Margarida: Eu já tenho cinco meses.

## **Azalea**

Esta entrevistada foi uma das que mais demonstrou protagonismo. Gosta da atividade. Chamou atenção para os ganhos que teve. Sua história de vida é uma das mais interessantes para este trabalho:

Azalea: A minha vida no início era normal, como qualquer outro adolescente. A educação que eu tive foi outra, mas através das amigas eu comecei a me envolver na vida errada, comecei a usar droga. Aí já saí do colégio, aí comecei a fazer uma coisa ali, outra ali, daqui a pouco eu já estava traficando na rua.

Pesquisadora: Vamos do começo? Você tinha quantos anos? Você disse que tinha outra educação, o que é outra educação?

Azalea: De ir pra escola, de estudar, precisar trabalhar, na família não tem ninguém que se envolve, era outro ambiente relacionado ao que eu vivo hoje em dia. Eu comecei a me envolver com 15 anos, a usar droga, vender droga, usar e vender droga. Gosto do dinheiro, da ostentação e do poder que eu tenho no tráfico. E aí foi indo, comecei a traficar.

Pesquisadora: Lá do começo. Você tinha 15 anos, aí você disse: "eu gostei do poder, ostentação".

Azalea: Usar.

Pesquisadora: Porque você considerou que queria poder quando você entrou?

Azalea: Porque todo traficante tem seu poder na área que fica. Ah, é difícil de explicar, é mais fácil você sentir. É difícil de explicar. Portar uma arma igual a polícia, ter tudo o que eu quero na hora que eu quero.

Pesquisadora: Como é ter tudo, "tudo", o que você fala?

Azalea: Tudo o que eu quiser, o que eu quiser, o que me der vontade de eu ter, tudo, em relação a tudo: comida, roupa, tudo, pessoas... com dinheiro você compra quem você quiser. Com dinheiro você compra quem você quiser.

Pesquisadora: As pessoas fazem tudo o que você quer?

Azalea: Uhum! Nada que o dinheiro não compre!

Pesquisadora: E você ganhou muito dinheiro?

Azalea: Ganhei.

Pesquisadora: Me conte aí como você começou. Com 15 anos você começou usando o quê?

Azalea: Maconha, só usava maconha. Eu experimentei através de amigos. Já usava, acabei experimentando, viciando também. Tinha colegas que já vendia, então, mais fácil chegar, conversar, pedir e ter a oportunidade de chegar e vender.

Pesquisadora: Me conte como foi sua experiência de venda. Você me disse que tinha poder, tinha tudo o que você queria, então, você teve papel de destaque, né?

Azalea: Papel de destaque?

Pesquisadora: Todo mundo que vende droga tem poder e ostenta? É igual para todo mundo?

Azalea: Tem. Tem umas diferenças, que um tem mais, faz mais, outros menos. Cada um era responsável por uma coisa diferente. Tinha um responsável de entregar droga, para embalar, responsável por entregar o dinheiro, um pouco de cada coisa, uma pequena administração. Eu ficava responsável de pegar a droga e soltar para outras pessoas.

Pesquisadora: Distribuir?

Azalea: É.

Pesquisadora: E você conseguiu fazer isso durante quanto tempo?

Azalea: Alguns anos, eu vim ser presa agora, com 22 anos.

Pesquisadora: Então, dos 15 aos 22 você traficou bem e ninguém lhe pegou?

Azalea: Não.

Pesquisadora: Eu quero saber da história, de como foi dos 15 aos 22 anos.

Azalea: Foi sem problemas, estava bem, independente das coisas que eu estava fazendo, eu estava bem. O dinheiro não compra minha liberdade, fui sentenciada ao fechado. Eu tenho minha casa própria com o dinheiro do tráfico.

Pesquisadora: Teve filhos?

Azalea: Não, nunca engravidei.

Pesquisadora: E nem tem vontade?

Azalea: Não no momento.

Pesquisadora: Mas tinha namorados?

Azalea: Tinha, mas era mais sozinha. Sempre fui, digamos, responsável por mim mesma.

Pesquisadora: Me fale como foi sua vida de venda

Azalea: Ah, foi bom. Comecei a investir em terreno, comecei a construir uma casa, comprei meus móveis. Fui aos poucos conquistando, aos pouquinhos comprando o que eu queria.

Pesquisadora: E como era seu trabalho?

Azalea: Vendendo na pista, ficava vendendo na boca. Eu preferia à noite, preferia ficar à noite.

Pesquisadora: Não tinha muito perigo à noite, não?

Azalea: Eu achava o perigo ser menos. Durante o dia tá todo mundo te vendo. E à noite tem a escuridão.

Pesquisadora: Teve alguma violência que você sofreu ou teve que praticar?

Azalea: Não.

Pesquisadora: Ninguém lhe bateu? Você nunca teve que bater em ninguém, ou fazer nada com ninguém?

Azalea: Nunca precisou, não. Eu vendia tudo, vendia maconha, pedra, pó, vendia tudo.

Pesquisadora: Eu vejo que quando você fala, seu olho brilha. Você gosta da atividade, né?

Azalea: Eu gostava... é porque a cadeia faz você ter outros pensamentos com o passar dos anos, mas eu gostava do que eu fazia. Eu estava porque eu gostava.

Pesquisadora: Quando você entrou no negócio e o negócio virou sua fonte de renda, você usava?

Azalea: Usava. Continuo usando.

Pesquisadora: E como é que está fazendo esse período agora sem usar?

Azalea: É, eu não tenho abstinência não, graças a Deus, não sofro. Eu fumo, se não tiver eu não fumo. Graças a Deus. Eu acho que isso é psicológico, é uma coisa psicológica. Basta se contentar, se tiver, você fuma, se não tiver, você não fuma, é psicológico. Basta você ter força de vontade e muita gente não tem o controle e já fica dependente da droga e não vai se não tiver, entendeu? Eu não sou assim, pra mim tanto faz, tanto fez, eu sou a mesma pessoa!

Pesquisadora: Você me demonstra ser uma pessoa forte. Como era você lá fora, você era igual a um homem?

Azalea: Tudo o que um homem fazia, só nunca matei ninguém, nunca feri ninguém, nunca agredi ninguém, assim, fisicamente, porque eu já cheguei a ameaçar, em ter discussão e ameaçar. Uma vida normal, igual a do homem, com uma arma, despachando a droga, a polícia vinha, a gente corre.

Pesquisadora: Qual era a arma?

Azalea: Nove milímetros, uma pistola nove milímetros.

Pesquisadora: Já precisou atirar?

Azalea: Não, mas eu sabia, eu treinava bastante, caso precisasse. Hoje em dia tem muito guerra de facção, né?

Pesquisadora: Me fale como é isso também, porque você tinha que lidar com a polícia, correr da polícia, e agora você se reporta à guerra de facção, como era essa vida de correr da polícia e dividir o lugar com outras pessoas?

Azalea: Preocupante, né? Porque com a polícia você fica na dúvida se você vai ser morto ou vai ser preso e você sabe que guerra de facção ou você mata ou você morre.

Pesquisadora: Então, nem para você se defender você precisou matar?

Azalea: Não. Enquanto eu estava, graça a Deus, nunca rolou nada de precisar, não.

Pesquisadora: E você era de qual facção?

Azalea: BDM – Bonde do Maluco.

Pesquisadora: Você tinha alguma ligação com o líder? Você era líder também?

Azalea: Não, não, só vendia. É uma vida que hoje em dia eu já vejo com outros olhos, viu? Hoje em dia eu já vejo como uma vida de ilusão, que não valeu nada que eu fiz, foi uma perda de tempo.

Pesquisadora: Mas você tem casa, tem terreno...

Azalea: Mesmo assim, o que adiantou? Agora estou aqui na cadeia sem poder usufruir nada que eu tenho. Só gastando dinheiro com advogado. Fora os acontecidos que acontece na unidade, que assina castigo, é... o PAD, disciplinar.

Pesquisadora: Você pega muito castigo?

Azalea: Eu peguei quatro já, dois foram arquivados e eu estou respondendo dois ainda. O primeiro foi porque eu fui pega com aparelho, o segundo foi agressão física. Eu agredi a menina e fui transferida para Itabuna, fiquei um tempinho de castigo lá em Itabuna, só dois meses, aí eu voltei. E esses dois que eu estou respondendo também, um foi por agressão física também, e o outro por agressão verbal, uma física e uma verbal.

Pesquisadora: Então, dá pra ver que você é “frente” aí né, como dizem?

Azalea: Não, não sou não, não dou frente não. É difícil ter liderança, porque quando a polícia, quando faz alguma liderança, a polícia manda logo transferência. Então, cada um responde por si. Eu fui transferida porque eu bati na menina, foi agressão física, por isso que eu fui transferida.

Pesquisadora: Então, grande parte da sua adolescência e juventude foi lá no tráfico, não é isso? E era todo o dia? De domingo a domingo, era?

Azalea: Era. Não fazia questão de sair. A ambição de ganhar dinheiro era maior. Uma vez na vida tirava um dia para comprar o que eu queria e pronto, ou colocava alguém pra fazer isso por mim.

Pesquisadora: E continuava trabalhando?

Azalea: É.

Pesquisadora: Você era uma pessoa bem determinada, né?

Azalea: Era.

Pesquisadora: Você disse que não teve filho, não teve porque não quis?

Azalea: Não, eu sempre me preveni. Filho é responsabilidade, e na vida que eu tinha não tinha como ter filho.

Pesquisadora: Onde você ia pegar a droga?

Azalea: Eu pegava lá mesmo, com o dono da boca.

Pesquisadora: Então, você era uma pessoa respeitada?

Azalea: É, eu não era assim bem respeitada, não. Lá todo mundo tem seu respeito, sua oportunidade de fazer as coisas, e normalmente todo mundo pegava lá mesmo.

Pesquisadora: Você, por ser mulher, não sofre preconceito não, como nas outras profissões?

Azalea: Não.

Pesquisadora: É tratada de igual para igual? Compra arma?

Azalea: É. Basta querer aprender. Muitas não sabem mexer em arma, mas basta querer aprender e pronto. Se responsabilizar, se perder, pagar.

Pesquisadora: Você já teve prejuízo?

Azalea: Não.

Pesquisadora: E quando você foi presa aqui, foi quando?

Azalea: Foi em 2018. A gente estava embalando a droga, dentro de uma casa, denunciaram, a polícia cercou. A gente foi presa, eu e 14 pessoas, no caso, 14 homens.

Pesquisadora: Só tinha você de mulher? Então, são poucas mulheres?

Azalea: É. No caso lá só era eu. E aí fiquei presa. A gente teve audiência de custódia e eu fiquei presa. Fiquei presa um ano, depois a sentença chegou, sentenciada nove anos no fechado, e tô aí...

Pesquisadora: E tinha quanta droga na casa?

Azalea: Tinha uns 4 quilos de cocaína, 1 quilo de pasta base, tinha a pistola, tinha colete prova de bala, tinha munições de outros calibres, tinha 20 mil pinos vazios, alguns vazios e alguns cheios, porque a gente estava embalando no momento, aí botou como laboratório.

Pesquisadora: Então, tinha droga para 20 mil pinos?

Azalea: É. Colocou como se a gente estivesse fazendo e vendendo droga.

Pesquisadora: E estava?

Azalea: Não, estava só embalando mesmo. A droga estava pronta.

Pesquisadora: Você ganhava mais dinheiro em embalar?

Azalea: Não. Embalar era tipo uma obrigação que todos tinha.

Pesquisadora: Não ganhava nada?

Azalea: Não. A gente já está ganhando quando está vendendo.

Pesquisadora: É outro trabalho, né?

Azalea: Não.

Pesquisadora: Então, todo mundo que estava ali embalando ia vender?

Azalea: Isso.

Pesquisadora: Então, o dinheiro era bom, né?

Azalea: Eu comprei a casa, comprei os imóveis todos!

Pesquisadora: Ajudou muito a família?

Azalea: Não, minha família nunca aceitou. Fala que é dinheiro sujo. Eu sempre gostei

de morar sozinha... eu gosto de ficar só. Eu gosto de ficar só ouvindo música, ler um livro, às vezes fico no celular, mas gosto de ficar só.

Pesquisadora: Hoje tem quantos anos? Está presa há quanto tempo?

Azalea: 24 anos. Dois anos e três meses.

Pesquisadora: Esse dia, então, toda droga que foi apreendida, houve uma perda, né?

Azalea: Uhum!

Pesquisadora: Vocês que foram presos, teriam que pagar pela droga?

Azalea: Não. Acho que se fosse em outro lugar o dono da droga cobraria, sei lá. Mas não precisou ninguém pagar nada que perdeu.

Pesquisadora: E eles ajudam com advogado, vocês?

Azalea: Ajuda, mas a minha família tirou e colocou o dele mesmo.

Pesquisadora: Então, sua família está pagando? Então, sua família está te ajudando? Vem lhe ver?

Azalea: É, meu pai... minha mãe já é falecida.

Pesquisadora: Seu pai que está te dando assistência?

Azalea: Não estava com namorado quando eu fui presa, não, e nem quis também.

Pesquisadora: Quem é Bbb que você tatuou no braço?

Azalea: Minha mãe, falecida.

Pesquisadora: Quer falar como é sua vida aqui dentro?

Azalea: Não, aqui dentro não tenho nada pra falar, não, é a mesma rotina pra viver.

Pesquisadora: Aqui dentro da para vender, alguém trazer, jogar pelo muro?

Azalea: Não, não tem como.

Pesquisadora: Se tivesse, você faria?

Azalea: Não, também não. Não tem pessoas aqui dentro que tem condições de tá comprando droga. Aqui é muito assim, quem não usa, não usa... pra tá passando mal aí dentro, a pessoa já está morrendo sem droga, imagine com droga?

Pesquisadora: Faltam quantos anos pra sua pena agora?

Azalea: Rapaz, falta meses, mas como eu trabalho... eu trabalho na unidade, tem remição, posso ir agora no início do ano, posso receber o semiaberto.

## **Violeta**

Violeta: Eu particularmente, meus 14 anos, eu tinha minha vida mais turbulenta dentro de casa, meu avô agredia minha avó. Filha única, não cheguei a conhecer meu pai e minha mãe faleceu nova. Vivi em uma família que meu avô era violento com minha avó, agredia ela. Eu, desde quando me entendo, já tinha outra opção sexual, entendeu, entendeu? Sentia atração por mulheres desde pequena, desde criança, uma coisa que já desde berço. O meu pessoal também, uma parte muito preconceituosa, rígido, bravo, como o povo de antigamente, né? Mais rígido na criação de antigamente. Aí, quando eu completei meus 14 para 15 anos, eu resolvi sair de casa para assumir meu relacionamento com uma menina. E aí eu comecei a trabalhar, fazer um bico em um, bico em outro aqui, só que o dinheiro sempre foi o mínimo, né? E aí fui conhecendo as amizades, fui fazendo as amizades com um, com outro pessoal que, até então, eu estudava ainda, né? Aí fui fazendo amizade, aí conheci a maconha, da maconha conheci o cigarro, do cigarro conheci o crack, do crack conheci o pó. Aí eu conheci todas as drogas que existia no mundo e afundei. Pra saciar meu uso, às vezes eu guardava, às vezes eu vendia, então, pelo meu uso eu fazia qualquer coisa. Aí, o que que acontece? O que veio me trazer aqui mesmo, pra esse lugar, foi, primeiramente, o apoio da família, que eu não tive e era a base da violência, e também algumas amizades que eu fiz e me incentivaram. Dizem que amizade não incentiva, mas incentiva sim a pessoa estar nesse lugar. Porque fala: "Ah, porque fulano tá andando com ciclano", mas, infelizmente, quando a pessoa está nervosa, não está de bem com a vida, de vez de receber uma palavra amiga recebe "Ah, eu tenho maconha", e foi aí onde eu me joguei. Nisso aí, no uso eu já comecei a vender, já comecei a guardar, já comecei a dar prejuízo, fumava e ficava devendo,

destruía com minhas coisas. Isso tudo veio acontecendo. Por último, no final, eu ainda fui estuprada pelo menino de 14 anos, Ccc. Tentei me matar diversas vezes, tomei vários comprimidos, e nada, não consegui, quando descobri já estava com seis meses de gestação. Foi um desespero, nunca tinha me relacionado com uma, com homem, sempre com mulher, estava em um relacionamento com uma mulher, havia quatro anos, ela não compreendia que não foi eu. Aí foi outro inferno na minha vida e foi onde eu comecei de novo, aí as drogas de novo, ficava pelo mundo. Aí foi indo, foi indo, e hoje eu me encontro aqui dentro, né? Mas porque apoio de família, amizade... Deus fala que a agente tem que saber com quem anda. Mas essa foi consequência do meu passado. Eu tenho um filho do estupro, tem 14 anos. Eu conversei com ele, aí ele falou: "Mãe, senhora tentou me matar por causa de meu pai que te estuprou, mãe?", mas hoje eu tenho cabeça, tenho juízo, eu te amo, você é um amigo, meu companheiro. E é isso, ficou também meu trauma na mente. E aí o que me fez voltar foi isso, sem outra oportunidade. A gente, quando saí daqui, o povo fala que tem a ressocialização, isso é um mito, isso não existe. Quando eu sai eu tentei várias vezes recomeçar, mas nunca tive oportunidade, entendeu? Porque aqui dentro, quando a gente entra aqui dentro e sai lá fora, as pessoas, não digo todas, mas te veem como bicho, como a pessoa que pode roubar, ou matar, ou vender droga, uma pessoa que não vai recomeçar, não acredita na ressocialização da pessoa. Também a oportunidade que eu não tive, que não vieram. E aí estou aqui com duas pedras de crack, fui sentenciada porque já tinha outro processo, reincidente, agora já entrei para o progresso do semiaberto. Fui para saidinha em outubro, agora tem outra em abril também, dia 12 de abril. Estou correndo atrás da minha transferência para Conquista, porque minha família é de lá. Minha avó está na fase terminal, praticamente, por problemas de saúde, meu filho que acompanha ela, de 14 anos. Estou tentando a transferência para Conquista, porque como estou no semiaberto tem a tornozeleira que a gente pode usar, correr atrás pra poder ter o benefício da tornozeleira e ter um trabalho, faz a carta de emprego pra poder trabalhar. Passo necessidade sim aqui embaixo, já emagreci pra caramba depois que desci pra cá. Minha família não tem como me visitar por conta da situação financeira, também não é das boas, é só pra se manter mesmo. E aí estou na luta, pedindo pra ver se consegue essa transferência, porque lá em Conquista minha família mora perto, tem como chegar e levar minhas coisas, porque vir aqui, gastar com passagem, com táxi, com Uber, com isso, com

aquilo, aí vai mais 500 reais por aí, e fora as coisas que tem que trazer também. A dificuldade pra gente que é de fora é imensa. A situação também é precária, a situação... tudo aqui é desfavorável, tudo.

Pesquisadora: Sem querer te interromper, mas vamos voltar um pouco para sua vida... Fale mais um pouco como era sua infância e quando você descobriu sua homossexualidade, vamos voltar a esse assunto.

Violeta: Foi difícil, porque minha família não aceitava. Eles queriam que eu casasse com homem, queria aquele negócio que a mãe sonha para os filhos, né? Ela é minha mãe, quem me criou foi ela, então, eu considero ela não como vó, mas sim, mãe. Aí eu chamo ela de mãe, tenho um respeito muito grande, ela me criou, mas assim, foi difícil porque o preconceito, a aceitação dentro de casa, passei fome, até estuprada eu cheguei a ser porque eu já estava fora de casa, acho que fui estuprada com 22 anos. Eu nunca me relacionei com homem, sempre me relacionei com mulher. Então, essa parte, assim, da minha vida sempre foi muita turbulência, muita coisa aconteceu. Meu avô também era muito bruto, muito rígido, quando pegava a gente para bater, Ave Maria, espancava mesmo. Eu mesmo tive uma vida muito difícil. Minha Vêia, o que ela passou com o marido dela, ele já se foi, mas a gente lembra, fica aquela lembrança, não apaga, né?

Pesquisadora: Aí você falou que saiu de casa com 14 anos, saiu de casa, foi viver com a moça, é isso?

Violeta: Essa parte dessa vida minha. Foi aonde eu tive que fazer uma escolha muito difícil de minha vida. Foi meu primeiro relacionamento com mulher, saí de casa, foi meu primeiro amor, todo mundo tem seu primeiro amor. Então, foi a primeira mulher que eu amei em minha vida. Ficamos juntas quatro anos. Depois de ficar com ela eu fui fazer bicos em padaria, fazia bicos em eventos, eu fazia bicos com armação, de tudo um pouco. Eu sou um tipo de pessoa que se você falar umbora ali, umbora aqui, eu tenho disposição pra trabalho. Então, assim, chegou uma época que as coisas apertaram pra mim e foi quando eu tive que abrir mão desse relacionamento meu. Chegou uma época que não estava tendo trabalho, a mãe dela já tinha duas crianças, eu não tinha nenhuma, porém, tinha um casal de filhos, os dois irmãos dela e a mãe dela que morava junto e era aluguel. Eu pagava luz, água, aluguel, as despesas. A

mãe dela ficou desempregada, eu também fiquei. Chegou um momento na vida que eu vi que não tinha nada pra comer, nem o feijão dava pra botar no fogo. Aí eu falei para ela que quem ama deixa ir, e por eu amar ela, eu deixaria ela viver a vida dela, porque não estava mais com condição de ajudar, manter os filhos dela. Ela também era nova, tinha 15 pra 16 anos. Quando eu me relacionei com ela eu tinha uns 15anos. Fiquei com ela quatro anos, então, fiquei com ela até meus 19 anos. Aí eu já estava passando pelas dificuldades e eu, por debaixo do pano, sem ela saber, já estava pegando a droga para poder usar, vender. Aí ela descobriu também, ela se separou definitivamente. Aí eu fiquei nesse mundo, mas por causa do uso, a cabeça também, a dificuldade dentro de casa, sem saber o que fazer. Mas a questão toda nossa foi isso aí, questão de condição mesmo. E desse tempo pra cá eu sempre me relacionei com mulher.

Pesquisadora: Essa moça tinha quantos anos?

Violeta: 17 anos.

Pesquisadora: Aí você disse que essa atura já estava usando e vendendo, como foi a partir daí?

Violeta: Meu negócio era, tipo assim, eu pegava, tinha o pessoal certo de pegar, pegava uma quantidade, trabalhava durante o dia, ficava no telefone, no contato, no meio de rua. Não era esse negócio de ficar no meio de rua, se expondo, era no contato, pessoas que tinha condição. No meu caso, a questão não foi nem pra ganhar dinheiro, foi pra suprir o uso mesmo, eu era dependente química, usuária de crack. Já fumei no cachimbo, já fumei no cigarro, já fumei na maconha, o pó, nem tanto, mas o crack, o meu negócio era a dependência do crack. O que fez vender foi o uso, eu já não tinha mais dinheiro pra manter meu uso. A pedra, é o seguinte, a agente vai comprar uma, você não fica só em uma, você vai pra segunda, dá segundo pra terceira, vai indo, quando você vai ver, você já acabou com tudo o que você tem, se é uma joia... qualquer coisa que você estiver no corpo de valor, você deixa ir. Quanto mais você fuma, mais você quer fumar. O crack é gostoso pra quem fuma. É um negócio tão viciante, quanto mais você fuma, mais você quer fumar. Você não tem limites, você sai de fora de si, você não vê que você está fazendo aqui. Eu mesmo fumei tanto que quando eu não tinha mais dinheiro, não tinha mais o que trocar, não

tinha mais o que gastar, eu olhei o relógio de parede de minha avó, aí eu repreendi essa vida. Aí eu fui lutando, fui lutando com o crack. Aí depois eu falei, vou ficar só no pó, porque o pó e a maconha dá pra levar mais. Foi indo, foi indo, aí eu parei com o crack, parei com o pó. Hoje, graças a Deus, estou limpa já há uns quatro anos... quatro anos, não, três anos, três anos que estou aqui.

Pesquisadora: Como era o comércio para você?

Violeta: Pra quem vai revender, pega um pacote ou uma quantidade de 50 peteco, que dá pra vender por dia de 10 reais, vendia, fazia o dinheiro desse, pegava de noite e fumava. Eu mesmo não trabalhava pra pegar dinheiro, era só pra fumar, não era pra ter lucro de comprar carro, moto, essas coisas, não, nunca tive nada. Moro com minha avó, sempre morei com ela. A venda das drogas era só pra mim bancar o vício mesmo. Tem três anos que estou aqui, tem três anos que estou limpa, não uso nada, entendeu? Mas, o meu comércio era esse, vender pra mim manter o meu uso, porqueo crack, pra quem fuma, não consegue... eu mesmo, num dia que eu tivesse dinheiro, eu consumia 100 gramas de crack, eu sozinha fumava 50 grama de crack. Eu ficava presa dentro de um hotel, desses hotéis baratinho de 10 reais, falava pra minha família que ia trabalhar, entendeu? E ficava presa o dia todo lá e a noite toda fumando, deixava pago, saia, ia de novo, procurava alguma coisa pra vender, fazia algum corre pra vender alguma coisa. Nunca vendi nada na porta da minha casa, nunca vendi nada no meu bairro, sempre era por contato, o povo ligava e eu ia até a pessoa. Eu estava nesse “delivery”, mas em rua, assim, nunca trabalhei em uma pratá vendendo peteco no meio de rua, sempre pegava os pacotes, porque eu sabia quanto ia vender por dia. Geralmente um pacote fechado era de 50 peteca de crack.

Pesquisadora: Você disse que saiu de casa ainda estudando, você estudou até quando?

Violeta: Eu parei... na quinta e a sexta eu tinha, parei na sétima série, aí eu desisti, mas já tem anos. Eu sempre fui esforçada, sempre tive boas notas. Nem dei trabalho na escola, nem dentro de sistema, tenho bom comportamento.

Pesquisadora: Eu sei que é uma passagem triste, mas me fale um pouco desse episódio, da parte do estupro...

Violeta: Na verdade ele era conhecido da família, ele era conhecido, já tinha amizade, sete anos de amizade dentro da família. Aí foi no dia que estava drogada, cheia de crack, cheia de pó, tinha ido pro show de Ivete Sangalo, ele falou que ia pegar uma cerveja no bar, eu falei que estava mauzona. Fui pra casa dele, ele falou pra mim descansar. Só me lembro que eu tinha tomado banho e deitei na cama e dormi. Eu tinha usado muita droga, tinha cheirado, tinha fumado, tinha bebido, estava de virote, que eu estava no show de Ivete Sangalo. Que depois de seis meses eu fui no médico pra saber do ginecologista, fazer o preventivo pra ver minha menstruação, aí ela fez lá e falou: “Parabéns, você vai ser mamãe!”. Eu endoidei, não sabia que estava grávida. E foi uma surpresa pra minha família, para meus amigos, para minhas amigas, para minhas vizinhas, que nunca viram eu me relacionando com homem, sempre fui assumida minha opção sexual, sai de casa pra me assumir, pra viver minha vida, sempre fui independente, entendeu? Sempre corri atrás das minhas coisas. Daqui a pouco aparece, eu tô grávida de seis pra sete meses, pense aí. Aí foi outra trajetória. Eu chamei minha família, minha família perguntou com quem eu tinha me relacionado, aí eu falei que a única pessoa que eu tinha dormido na casa, que era amigo e conhecido da gente, foi... Aí elas falou: “Vou chamar ele pra procurar saber”. Aí ele foi e falou pra minha família que ele sabia que eu nunca ia ficar com ele, por isso ele ficou comigo, pra deixar uma semente dele em mim, que era um filho. Ele assumiu que ele me abusou desacordada. Dei queixa na delegacia, dei queixa, mas depois não achou ele e deixou pra lá, ele foi embora, sumiu por esse mundo de meu Deus. Mas ele assumiu que ele me abusou, sem minha permissão, eu estava desacordada, drogada, alcoolizada. E o relacionamento que eu estava de dois anos, Ave Maria... foi um inferno, terminou comigo. As meninas que eu jogava futebol de salão, as meninas da escola ficava na resenha que enquanto elas botavam a bola pra fora, eu botava a bola pra dentro, aí eu brigava com essas meninas, era um tormento mesmo.

Pesquisadora: Você estava com quantos anos?

Violeta: Acho que quando eu fui, eu estava com 22, ele tem 14, eu tenho 38. Hoje ele tem 14 e eu 38. Eu tenho problema também de ansiedade, tenho problema psicológico também. Aí eu não gravo muita coisa na minha mente, não, tem coisa que passa vago. O sistema também, as dificuldades, tudo isso, mas foi esse tempo aí

mesmo. Acho que foi com 22 anos que eu sofri o estupro, não tenho certeza da idade.

Pesquisadora: E hoje você tem alguma companhia?

Violeta: Não, no momento eu estou solteira.

Pesquisadora: Você faria alguma coisa diferente?

Violeta: Eu faria com toda certeza. Procurar, independentemente da situação da minha família, que se encontrava. Eu procurava não ter saído de casa. Ouvir que independente de... o conselho é bom. E também de certas amizades que eu conheci, que eu me envolvi, que me levou para o mau caminho. Eu falo pra vocês, que tem filho, que tem parente, eu falo com todo meu coração que influencia sim. Se a pessoa fuma um cigarro de maconha, influencia sim, se fuma um cigarro normal, influencia sim, porque na hora que aquele estiver com a cabeça virada, não vai ser um conselho que vai dar, vai dar um cigarro, vai dar uma droga, não generalizando, não agravando a todos e a todas, mas de 100%, 99% te dar droga, ou te dar bebida, te dar qualquer que tenha a palavra droga, mas não te dar um ombro amigo, uma palavra de apoio, que foi uma coisa que eu também não tive, foi fortalecimento que eu também não tive. Foi com muito sofrimento também, mas eu hoje eu entendo, se eu não tivesse saído de casa, se eu tivesse seguido as regras, mesmo com espancamento, do jeito que era, não tinha acontecido tudo o que isso em minha vida, não tinha ido para o mundo das drogas, não tinha conhecido pessoas más, e hoje está lutando pra recomeçar. Oportunidade lá fora eu sei que a gente não tem, isso aí já é fato. Eu já falei para o pessoal aqui, a gente não tem oportunidade lá fora para recomeçar. Eu tenho parente, uma prima minha que saiu há muitos anos, que não se envolve em nada, que por ela já ter estado nesse lugar... fazer curso, bastante curso feito, está procurando emprego e tá lá, desempregada, as amigas todas foram chamadas e ela não foi chamada. Ela tem o cursinho que ela fez, tem experiência na área, mas não chama ela. Se a agente não sair com algum emprego, que algum parente tenha algum negócio pra encaixar a agente ou a agente não sair com um capital para colocar um negócio pra recomeçar, é difícil. É por isso que muitas voltam, por causa disso, oportunidade que não tem. A sociedade vê a agente com outro olhar, com outra visão.

Pesquisadora: Você quer falar como é sua vida, um pouco, aí dentro, com as outras

internas?

Violeta: Meu relacionamento com as meninas aí e todos os conjuntos que passei, graças a Deus, meu relacionamento é muito bom, entendeu? O respeito de todos. A única dificuldade, eu já entrei em depressão, já sai de depressão, estive depressiva esses dias aí, foi por causa dessa reaproximação, porque minha Véia precisa de mim. Lá as coisas são mais fáceis pra mim, estou perto da minha família, estou perto dela, para estar vendo ela, entendeu? Porque até a condição de vir de lá pra cá é mais difícil também. Então, pra mim lá dentro, o que está sendo difícil, é só essa ansiedade, essa reaproximação. Eu já pedi, o juiz já negou duas vezes, o advogado voltou a pedir agora pra ver se consegue de novo. Eu quero ficar perto de minha família, pois lá, bom ou ruim, é cadeia do mesmo jeito, mas lá eu estou perto da minha família, tem como eu ir até andando da minha saidinha pra minha casa e voltar andando, que eu não tenho briga com ninguém, não sou envolvida com nada, com facção, com essas coisas, então, nem tenho problema de ir e vim, meu negócio mesmo foi uso mesmo. Eu tinha um restaurante há um pouco tempo atrás, uns quatro anos atrás. Eu coloquei lanchonete, restaurante. Pra recomençar, eu juntei um capital e botei um restaurante. Minha tia estava trabalhando, servindo comida. Aí veio um pessoal – a agente até hoje não sabe se foi pra roubar, qual foi a intenção – chegou lá, deu voz de assalto e deu 11 tiros na minha tia. Eu consegui correr, na hora que puxou a arma, eu corri e ela ficou. Ela tomou 11 tiros, tudo na frente, no rosto, no braço, na parte da barriga e ficou paraplégica. Tem uns quatro ou cinco anos que aconteceu. O que ela falou, que eu também não ouvi, foi o seguinte... eu sair correndo na hora que ele chegou, já estava já fechando. Aí tem essa parte da dificuldade das coisas que já aconteceu na minha vida, das dificuldades, da minha tia que sofreu essa tentativa de assalto e eu aqui novamente. Eu estou aqui novamente porque depois que ela tomou tiro eu entrei em depressão, voltei a usar drogas, pra manter meu uso eu fui vender, peguei uma pontinha que tinha vendido, aí cai com dez pedacinhos de crack e estou aqui há três anos, um mês e alguns dias.

Pesquisadora: Me diz como foi pra você ficar aí sem usar, ou você tem algum acesso?

Violeta: Não. Foi um propósito que fiz com Deus, propósito de vida, uma entrega que fiz a Deus, uma aliança que fiz a Deus. A vontade de recomençar novamente. Ela falou

que o sonho dela é morrer e me ver fora dessas coisas, e eu vou realizar esse sonho dela pra ela ir descansar vendo que a neta dela realmente abandonou tudo.

Pesquisadora: Você tem ideia no que você vai trabalhar quando sair daqui?

Violeta: Tenho sim. Eu já trabalhei com comida, eu sei cozinhar. Eu queria abrir um pequeno negócio, uma casa de farofa, pra eu começar. Eu tenho uma base mais ou menos do que fazer. Eu penso em sair, colocar uma casa da farofa, com entregas também. Da casa de farofa, que eu penso bem, eu sei mexer com comida. E tem um compadre que tem funerária e eu trabalhava lá com ele antes, ele me ajudava lá. Ele falou que eu saindo, ele me dava oportunidade. Eu tenho carteira registrada pela funerária. Aí ele falou que como eu sou esforçada e tudo, ele falou que sabe que meu negócio é uso mesmo, ele falou que não ia dar baixa em minha carteira, não, que quando eu sair, se eu quiser uma oportunidade de trabalhar com ele, ele também me ajuda. Aí, de começo, tá mais pra eu trabalhar com esse negócio, aí com o dinheiro que eu receber com ele eu vou lá e abro meu negócio, que é “Minha casa, minha farofa”. E é o sonho que eu tenho... farofa de carne, farofa de tripa, farofa de bofe, aíé uma coisa que a cidade não tem, é um diferencial. É um sonho que eu tenho.

Pesquisadora: Como é aí o dia a dia, sua relação? Tem líder? Você é líder aí dentro? As pessoas te respeitam?

Violeta: Pela experiência que eu tenho, pela idade que eu tenho, entendeu? Eu respeito todo mundo sim. A gente tem uma base de conversa de disciplina, de respeito com as agentes, de respeito com vocês. Tem sim o momento de oração que a gente faz no pátio, o momento de oração que a gente individual, nesse lugar mesmo, quem não é convertido, se converte. Eu brinco dizendo que quem não conhece Deus, aqui dentro começa a conhecer. Então, assim, a gente lá dentro, a gente vive uma família, não ver espancamento, agressão. O lugar já não é propício, mas lá em questão de disciplina é tranquilo. Hoje teve baculejo, quase um ano sem ter, hoje teve baculejo no feminino, é uma coisa normal em todos os sistemas, teve osprejuízos, mas é normal do sistema prisional. Os prejuízos geralmente são de aparelhos, quando acha às vezes drogas, essas coisas assim.

Pesquisadora: Fale um pouco da sua relação com seu filho.

Violeta: Quando ele nasceu eu não queria nem ver ele, não queria amamentar, não queria nada. Quem cuidou praticamente foi minha avó, que é bisá dele. Porque eu estava revoltada, não queria saber de nada, eu só vim aceitar ele quando ele já estava com seus 3, 4 anos de idade. Eu não queria aceitar meu filho. Mas hoje em dia, ave Maria, eu amo ele, ele é minha vida. Eu falo pra ele, a gente brinca, aí ele fala “Tá vendo mãe, esse menino lindo a senhora ia jogar no lixo”, mas isso aí foi bestagem, já passou, ele é meu amigo. É um menino educado, é estudioso, tem boas notas. Teve dificuldade devido à pandemia. É um menino cabeça, ele fala direto que o sonho da vida dele é eu sair dessa vida. É o sonho dele, o sonho da minha Véia, é o sonho da minha família, das pessoas que me amam na verdade, quer o meu bem na verdade, né?

Pesquisadora: E ele já tem família também?

Violeta: Tem o pessoal do pai dele, tem a família do pai dele, as irmãs, os irmãos, mas eu não tenho contato, não. Porque foi a família dele que veio saber de Ccc, entraram em contato. A minha mãe, como é da igreja, minha família também, uma metade é da igreja, são cristãos, outros são evangélicos. Então, assim, na época que da denúncia, que não deu nada, aí fica achando que é para colocar nas mãos de Deus. Eu não tenho contato nenhum com a família de Xxx. Meu filho tem 14 anos, não tem envolvimento nenhum com drogas, fica dentro de casa, ele odeia, exatamente porque a mãe dele era usuária. Não mais, né? Agora estou em paz.

Pesquisadora: A sua religião qual é?

Violeta: Eu sou católica. Mas sou conhecedora da palavra, já fiz catequese, já participei de aula, já fiz participação de trabalhos. Então, eu tenho um pouquinho de conhecimento, aqui dentro a gente procura muito a Deus porque é um lugar que “filho chora e a mãe não vê”. Então, a gente procura buscar a Deus “24 x 48”. Porque é um lugar que já teve mortes, é um lugar que já teve vários tipos de coisas pesadas. Então, se a pessoa não tiver fé em Deus, a pessoa surta, a pessoa enlouquece. Tem muita gente que “chapa” dentro do sistema, não tem a visita da família, por não ter a aproximação. Aqui pra poder falar no telefone, não é igual a Conquista que disponibiliza um orelhão pra falar com a família, não é como aqui, que é uma vez por semana, e quando desse. E... pra manter a higiene que é bem difícil, por causa dos

produtos, das coisas que não é aquelas facilidades pra tá pagando kit. E assim, o que me fortalece mesmo nesse lugar é sem tomar indisciplina, sem tomar um empurrão, é Deus. É a gente ter Deus, joelho no chão. As pessoas com uma besteira apodrecem dentro do sistema, e tem pessoas que chegam com não sei quantas toneladas e vai embora. Aí a gente fica pensando, falando que Deus é injusto. Aí a gente volta e põe na mente o seguinte, que se a gente não foi embora é que Deus tem algo pra mim preparado lá fora. Eu tento pensar assim pra não “chapar”, pra conviver melhor, porque 12 anos por 10 petecas de crack, 12 anos não é 12 dias, já são 3, mas não sei quantos eu vou ter que tirar, aliás, em 2024 é o que dizem que eu vou tirar minha cadeia, que abre. Então, eu realmente não sei quando eu vou estar com minha família. Eu tinha advogado particular, mas ele só comeu dinheiro, não fez nada, aí foi contratado Doutor Ddd pra abrir transferência minha. E aí contratou pra ver se consegue fazer uma transferência pra Conquista, pelas dificuldades de tudo que a gente passa aqui em baixo. E eu não tenho visita, mas não é só eu, não. Tem gente que é de fora, que a família nunca veio ver pela questão financeira. O que mantém a gente é que a gente faz artesanato lá dentro, aí ganha dinheiro, compra alguma coisa pra poder comer... uma bolacha, o que entra é uma bolacha, café e açúcar, é o que está entrando.

Pesquisadora: Você considera o tráfico de drogas violento?

Violeta: Pela minha experiência, de quando eu entrei, eu era mais comunicativa. Quando tinha alguma coisa ou mandar alguém sair daquele espaço que estava ali, eles avisavam. Hoje não, hoje é mais violento. Hoje eles não avisam, hoje eles não veem que está na frente, pode ser quem for. Qualquer pessoa que fale “Venha machucar aqui”, ele está ferindo, eles não olham. Eu acho que o tráfico de hoje é mais violento e não compensa. Eu particularmente não voltaria para tráfico hoje pra usar. Porque eu não voltaria? Porque eu sei que eu vou morrer, se eu voltar eu vou morrer. Se me verem vendendo, vão querer me matar pra não me verem ali, vendendo. Então, hoje em dia eu tenho minha consciência, que mesmo que for para meu uso eu vou morrer. Hoje em dia está muito perigoso. Antes todo mundo vendia, todo mundo trabalhava, não tinha problema nenhum, quem tinha vendia sua droga, fazia seu comércio. Hoje está diferente. De quatro pra cinco anos pra cá, mudou tudo. De quando eu presenciava, quando eu vendia pra manter meu vício... hoje eu vejo

que pra mim manter meu vício, com a experiência de tudo o que passei, pra mim hoje eu não entro, não. Se eu entrar hoje, amanhã você vai ver a notícia. E assim, é mentira quem fala pra vocês que não pode sair, pode sim. A partir do momento que você não deve e não conversa demais, que é o caso do caguetar, você sobrevive sim. Agora, a partir do momento que você deve e cagueta ele, não tem conversa. É raro uma pessoa perdoar quem sai devendo, só se for um milagre de Deus usar a pessoa no momento. Mas sair? Sai sim! Eu falo porque eu saí. Eu fui pra uma saidinha, e já tive proposta de pegar pra vender e eu repreendi e falei que eu estava tranquila, que pra mim eu estava de boa, estava limpa e não estava usando nenhum tipo de droga. Eu não bebi, não usei droga, só curtir minha família mesmo, o tempo todo com minha família. Eu queria que a senhora colocasse na sua pesquisa, que um dia a gente ouviu, e eu não achei justo, era até pra comentar em uma entrevista que eu tive aqui, mas eu esqueci. Um dia uma agente entrou aqui e disse que a gente era o lixo do governo. No dia que entrou aqui e fez baculejo. E a gente não são o lixo do governo, apenas procuramos um caminho diferente e errado, estreito pra a gente seguir. Então, assim, cada um teve uma forma de vida que veio parar nesse lugar, mas nós temos família lá fora que são trabalhador, que tem seus empregos, que tem seu salário, que não se envolve com nada errado. É igual a senhora, a senhora teve sua posição e teve uma sobrinha ou um sobrinho que é usuário e passou por uma situação dessas. Mas vocês têm uma família, tem uma cultura. Vocês têm a vida de vocês, vocês têm família, e nós não somos lixo, a gente tem nossa família sim. E se eles quisessem que muitas dessas pessoas não voltassem para cá, já que a gente fez curso aqui de máscara, a gente fez curso aqui de corte e costura, teve certificado, quem quer mudar de vida pode sair com um trabalho lá fora já esperando com carteira, tudo direitinho, sai na sexta e segunda já está trabalhando na firma, eu aposto com vocês que 50% da população carcerária não voltava, porque teve oportunidade do trabalho assalariado. Agora, sair e não ter chance na sociedade por conta da discriminação aqui, cerca de 50% vai voltar fazer, porque não achou oportunidade. Então, se eles botassem em prática a pessoa sair daqui já com um emprego... aqui tem curso sim, pessoas passam no curso, pegam certificado, mas se saísse com proposta de emprego, com carteira assinada pra quem quer mudar realmente, ia ser bem melhor. Eu falo pra senhora que não teve oportunidade lá fora de um trabalho... eu falo pra senhora, agora mesmo, eu te garanto que se eu sair com emprego na mão, eu não

volto nunca mais aqui. Eu também não vou voltar, porque eu não vou mais usar, o meu problema foi uso e também porque eu vou morrer, se eu mexer com coisa errada aí fora eu sei que vou morrer.

## **Hortência**

Hortência: Eu morava com minha tia tinha dez anos. Eu morava com minha tia e sempre ia ver minha mãe, entendeu? Aí, depois que eu formei, 13 anos, minha mãe foi na casa de minha tia, fez um barraco pra me tirar de lá, pra mim morar com ela. Aí, como minha tia não tinha minha guarda, eu tive que ir com minha mãe. Aí minha mãe me deixava na rua. Aí eu estudava, na escola, eu conheci a maconha. Vinha um grupo fumando, por curiosidade, eu perguntei o que era e eles falaram: “É maconha, você quer?”, eu falei: “Quero!”. Aí, a partir daí eu passei a chegar tarde em casa, conheci gente do crime, entendeu? Aí, com uns 13 anos de idade, eu já buscava droga em outra cidade pra o cara que eu trabalhava, aí fazia esse compromisso. Aí com uns 14 anos eu já tava também. Aí, foi quando meu padrasto me colocou pra fora, eu tive que morar sozinha na casa que minha tia me deu... com 14 anos. Aí eu fui morar sozinha. Aí quando eu tornei uma coisa, foi latrocínio, junto com mais quatro jovens, aí eu fui pra Fundação lá em Salvador.

Pesquisadora: Mais quatro meninas ou tinha rapazes?

Hortência: Meninos, foi meninos. Aí eu fui, me pegaram, fui sozinha pra audiência na delegacia, aí de lá mesmo me pegaram. Minha mãe só soube que eu estava em Pau Brasil, presa na delegacia de lá. Aí se passaram 45 dias, fui pra audiência, né? Evoltei de novo pra delegacia. Aí eu tive três audiências pra ir pra Fundação. Eu fui pra Fundação Casa, fiquei lá até os 17. Só que, tipo, lá eu demonstrei meu mundo, eu não ligava pra nada, eu não queria saber de nada, porque nesse mundo, só quem sobrevive são os fortes, entendeu? Porque se você for abestalhado, o povo monta em cima e quer te bater. Aí fiquei um tempo bom. Quando eu voltei, já voltei com 17 anos, voltei com 17 anos, já com a mente mais desenvolvida. Aí morei sozinha com 17, fiquei traficando, traficando, vendendo, na minha casa mesmo eu vendia. Aí depois eu conheci um menino e fui pra Ilhéus e foi aí que eu conheci o crime mesmo. Me botaram pra eu tomar conta de quebrada e eu tomava conta. Ia buscar a droga. Não é

minha primeira cadeia que eu fui tirando, entendeu? Aí eu fui presa com 20 anos de idade, fiquei um ano e onze meses presa. Tive saidinha e não voltei, fiquei foragida. Minha mãe chegou em mim, com o telefone, e falou bem assim: “Oh, você tem como cuidar do seu irmão, porque ele ia se evolver”. Aí eu disse que ele poderia morar comigo, ele foi, eu não deixei ele vender droga, não deixei ele vender nada, mas eu estava nessa vida cometendo coisas. Aí minha mãe falou que ia me ver lá em Itabuna. Aí eu aceitei, falei que era pra trazer minha irmã. Minha irmã com 13 anos foi com ela. Meu chefe mandou eu fazer um corre lá em Ilhéus, aí eu dormi fora de casa, quando voltei, só me ligaram e falaram bem assim: “Oh, mataram duas pessoas dentro da sua casa”. E tinha minha família lá, minha família: minha mãe, meu irmão e minha irmã [choro]. Mataram meus dois irmãos, a menina e o menino, e queimou minha mãe com um doze. Queimou minha mãe todinha. Aí eu perdi meus irmãos e continuo, continuo, porque a gente não tem oportunidade na vida não, entendeu? Eu pretendo mudar sim, tenho muita fé em Deus, mas é difícil, a minha família já me segurou demais e agora não se importa comigo. Estou tirando aqui dois anos e um mês de cadeia, não tenho visita, às vezes não falo com minha família, nem gosto de falar com minha família, e minha história é essa. Não te contei tudo, mas te passei o resumo por cima de tudo.

Pesquisadora: Você falou que ficava nas quebradas, como era isso?

Hortência: As quebradas eram pontos de droga que todo lugar tem hoje em dia: líder de facção, facção contra outra, entendeu? Eu andava com os meninos, eu não gosto de andar com mulher, gosto de andar com homem, porque o homem tem mais disposição, o homem não fica de fuxiquinho, homem fala em sua cara, entendeu? Eu pegava arma mesmo, queria ir pra qualquer coisa, enfim, isso pra mim era lucro, entendeu? Eu queria era saber de dinheiro, sempre quis saber de dinheiro, mas dinheiro não é felicidade.

Pesquisadora: Você fazia parte de uma facção?

Hortência: Eu faço parte de uma... é BDM.

Pesquisadora: Você mencionou que gostava de dinheiro, a atividade era lucrativa?

Hortência: Hoje eu tenho 24 anos de idade, sou nova. Já aprendi muito e estou aí pra

aprender. Hoje em dia, se eu te falar que tenho alguma coisa com o crime, eu não tenho nada, nada, sabe o que é nada? Porque eu pegava meu dinheiro e gastava, não pensava no amanhã, no amanhã eu iria ter mais. Eu não sou de roubar, porque eu sou uma pessoa muito nervosa e o povo que eu trabalho não deixa eu ir pra assalto, porque uma vida não vale dinheiro. Eu sou muito nervosa, uma pessoa vai querer me dar tiro, entendeu? Porque ali está minha vida e está a dela, né? Porque a polícia vai me pegar.

Pesquisadora: Mas, no latrocínio, você participou da morte? Como foi?

Hortência: Participei. Estava todo mundo bebendo, todo mundo usando droga. Falaram pra mim e para os meninos que tinha vendido uma fazenda, e que ele estava com muito dinheiro. Só que pelo motivo da agente ser novo, a nossa intenção não era de matar não, era de pegar, dá umas pauladas e deixar lá e ir embora com o dinheiro. Foi de carro, entendeu? Aí no outro dia eu soube a notícia que estava morto.

Pesquisadora: E foi em que cidade?

Hortência: Jussari. E teve vizinhos que viram, né? Aí teve prova lá e eu fui pra Fundação. Tirei dois anos e três meses no campo. Foi em 2015... ou foi em 2014, mais ou menos isso.

Pesquisadora: Quem deu a dica a vocês que ele ia ter o dinheiro?

Hortência: Foi uma amiga minha que estava com ele junto e falou pra gente. Eu cheguei e comentei com os meninos.

Pesquisadora: Você falou que estava fazendo altas coisas, que altas coisas eram essas?

Hortência: Eu gostava de ir nas ações com os meninos, pra dar tiro, tapa no povo, entendeu? Que era contra minha facção. Eu sou uma pessoa que, tipo, entrou na quebrada, eu fico na vigia na noite, aí quando eu tenho sono eu vou pra casa, mas só eu de mulher mesmo. Pra vigiar, entendeu? A quebrada. Era ir pra quebrada dos outros de carro, dar tiro nos caras. Eu só não roubava, só não assaltava, só não assaltava mesmo. Gostava de roubar carro também com meus parceiros.

Pesquisadora: Você sabe porque mataram seus irmãos? Queriam matar você, era isso?

Hortência: Isso. Porque minha casa era ponto de droga. Aí, lá em Itabuna, quando você está dormindo, usa muito o quebra cadeado. Aí quebraram o cadeado da minha porta, meteram o pé na porta, eles estavam dormindo, 3hs da manhã, e perguntaram por mim pra minha mãe. Aí pediu pra meu irmão de 15 anos ficar de joelho, aí deu o tiro de doze nele. Minha irmã também foi pra cima dos caras, só que também mataram ela, de 13 anos, meu irmão tinha 15 e ela 13...

Pesquisadora: Se você estivesse em casa, você teria alguma forma de reagir?

Hortência: Ia. Eu sou mulher, eu ia pegar meu celular, desbloquear e dar para os caras, porque quem era envolvida era eu, não era minha família, não. Eu falaria.

Pesquisadora: Que caras, então, entraram na sua casa?

Hortência: Foi os caras rival, os rival do meu povo. É disputa de facção, hoje em dia tem disputa de facção.

Pesquisadora: Você falou que sua casa era ponto de droga, você estaria vendendo em uma área que não era permitida pela facção?

Hortência: Como eu te falei, né? eles invadem a quebrada. Porque é ponto de droga e tá na disputa pra ponto de droga.

Pesquisadora: Da última vez que você foi presa, você tinha muitas drogas em mãos, você movimentava muitas drogas?

Hortência: Fui presa com drogas em Ilhéus. Rapaz, eu estava foragida, estava foragida, no outro dia ia ser aniversário, aí teve operação onde eu estava. A polícia foi na minha casa, pediu para eu revistar, achou o revólver do cara lá e crack. Foi porque eu já estava foragida, se eu assumisse aí que eu ia ficar muito tempo na cadeia. Aí um menino lá assumiu, aí como ele não é reincidente, foi embora da delegacia mesmo.

Pesquisadora: Você foi presa quantas vezes ao todo?

Hortência: Rapaz, eu já fui presa com 14 anos, fui presa com 20, aí depois fui presa

com 22 e estou com 24, vou fazer meu aniversário na cadeia.

Pesquisadora: Se você voltasse hoje, você gostaria de voltar para a mesma coisa?

Hortência: Eu não sei, porque a falta de oportunidade, entendeu? É falta de oportunidade. Eu vou passar fome? Passar fome que eu não vou, né? me prostituir que eu não vou, né? Então, dinheiro mais fácil...

Pesquisadora: E o que você faria diferente hoje?

Hortência: Nada... nada. Eu só me arrependo de muitas coisas. Me arrependo de ter ido pra esse caminho, mas não faria nada. Infelizmente estou com a ficha suja, não tenho mais nada a fazer.

Pesquisadora: Não, mas eu digo, assim... Se você hoje tivesse chance de sair, voltar para as quebradas, o que você faria de diferente na sua vida?

Hortência: Nada. Eu ia precisar de dinheiro, né? Essa vida tem dois caminhos, cadeia ou a morte, né?

Pesquisadora: Digamos que você conseguisse ganhar algum dinheiro, você ia mudar de ramo, ou ia continuar no mesmo?

Hortência: Rapaz, se eu tivesse lucro em alguma coisa que eu comprasse com o dinheiro do tráfico, aí sim eu poderia mudar. Eu ia abrir um comércio, abrir alguma coisa de roupa, de perfume, alguma coisa que desse dinheiro pra mim sair dessa vida, né?

Pesquisadora: E você acha que haveria alguma coisa que daria tanto dinheiro como a droga?

Hortência: Rapaz, eu não sei, viu? Eu nunca trabalhei.

Pesquisadora: Suponhamos que a atividade de roupas não entrasse tão fácil como você disse, que era do tráfico, você ia reinvestir, comprar droga, virar uma grande traficante?

Hortência: Não... não...

Pesquisadora: Sua mãe não morreu, né?

Hortência: Não.

Pesquisadora: Você estabeleceu vínculos amorosos com alguém, teve filhos, fale pra mim desse outro lado, sua vida familiar...

Hortência: Não tenho filho, não. E nem quero ter!

Pesquisadora: E porque você concordou em cuidar de seus irmãos, já que sua mãe já tinha te abandonado?

Hortência: Não ,porque irmão e irmãos, né? é meu sangue, irmão é irmão. É porque eu tenho amor à minha família, eu amo minha família. Só minha mãe e meus irmãos, só. Pra mim o que é família é só a mãe e os irmãos.

Pesquisadora: Ainda ficaram irmãos depois disso?

Hortência: Eu tenho um irmão, eu sou a mais velha, ele tem 20 anos, os dois eram mais novo.

Pesquisadora: E seu irmão de 20, também tem envolvimento com o tráfico?

Hortência: Não.

Pesquisadora: Você usa droga?

Hortência: Rapaz, eu usava, mas não uso mais não.

Pesquisadora: Quando você vendia e ia para as quebradas, você também consumia?

Hortência: Não, não!

Pesquisadora: Foi usuária de que?

Hortência: Rapaz, de cocaína...

Pesquisadora: Como foi pra ficar sem usar aí?

Hortência: É normal, pra mim é normal.

Pesquisadora: E você é que manda aí dentro da cadeia?

Hortência: Eu não faço nada, só fico dormindo na minha cela.

Pesquisadora: Não tem uma pessoa que manda?

Hortência: Rapaz eu não sei, não sei não.

Pesquisadora: Você disse que gostava de roubo de carro?

Hortência: É, gostava de ir com os meninos para passar pra frente.